UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CECÍLIA ONOHARA DA SILVA

Juízo Moral e Pressupostos Informacionais: a questão do consumo de carne

São Paulo

2019

CECÍLIA ONOHARA DA SILVA

Juízo Moral e Pressupostos Informacionais: a questão do consumo de carne

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Drª. Luciana Maria Caetano

São Paulo

2019

RESUMO

Ações coordenadas e coletivas, do nível nacional ao individual, serão necessárias para adaptação às mudanças climáticas. Dale Jamieson defende em seu livro "Ética & meio ambiente: uma introdução" a possibilidade de uma relação ética com o ambiente, e discute situações do cotidiano em que a ação individual importa para alterar o *status quo*, sendo uma dessas questões o uso de animais para consumo. Aliado a esse contexto, a participação da pecuária no desmatamento e degradação ambiental no Brasil torna relevante estudar como pessoas recebem e processam informações sobre o consumo de carne, bem como seus juízos sobre o assunto. Com base na Teoria dos Domínios Sociais, a pesquisa alia as necessidades do cenário socioambiental atual à necessidade de estudos sobre julgamentos de situações complexas com os objetivos de: 1) investigar quais os fatores e os pressupostos informacionais envolvidos na escolha dietética dos brasileiros, e 2) investigar se os julgamentos sobre consumo de carne de vegetarianos brasileiros estão mais focados em justificativas morais quando comparados aos julgamentos sobre consumo de carne de onívoros brasileiros. O delineamento do estudo é exploratório descritivo. Os dados foram levantados por meio de um *survey* de divulgação online, e a análise foi feita utilizando a análise de conteúdo de Bardin, com base na Teoria dos Domínios Sociais, e utilizando técnicas de estatística descritiva. Participaram da pesquisa 657 brasileiros, com média de idade de 28,5 anos, maioria feminina e residente do estado de São Paulo.

Palavras-chave: carne; juízo moral; teoria dos domínios sociais; pressupostos informacionais; vegetarianismo.

ABSTRACT

Coordinated and collective actions, ranging from national to individual levels, will be necessary to adapt to climate changes. Dale Jamieson defends in his book "Ethics and the Environment: An Introduction" an ethical relationship with the environment and discusses daily individual actions that matter to change the *status quo*, and one of these actions is the use of animals for consumption. The cattle raising's significant share in Brazil's deforestation and environmental degradation in that context makes it needed to study how people receive and process information involving meat consumption, as well as their judgment about this issue. Using the Social Domain Theory, the present research joins today's pressing social and environmental needs with the absence of studies about people's judgments in complex situations. The study is exploratory and descriptive in nature, and used an online survey as instrument, with the purpose of 1) to investigate which factors and informational assumptions are involved in Brazilians' dietary choices, and 2) to investigate if Brazilian vegetarians' judgments are more focused in moral justifications than Brazilian omnivores' judgment about meat consumption. Data analysis used Bardin's Content Analysis based on Social Domain Theory and descriptive statistics. There were 657 respondents, with mean age of 28,5 years, mostly females and residents in the state of São Paulo.

Keywords: meat; moral judgment; social domain theory; informational assumptions; vegetarianism.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela gentileza de sempre me guiar por caminhos que nem eu posso prever.

Agradeço à minha família, amigos e companheiro pelo apoio em momentos de crise e dúvida.

Agradeço à minha orientadora e amiga pelas longas discussões teóricas, filosóficas e espirituais, por todo aprendizado compartilhado e oportunidades que contribuíram tanto para a transformação de meu ser.

Agradeço aos amigos do GPDM por todos os trabalhos juntos e dedicação, pela responsabilidade e companheirismo com que trabalhamos.

Agradeço a todos que se prontificaram a participar deste trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo auxilio concedido, o qual viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória acadêmica teve início no curso Gestão Ambiental da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Lá tive contato com o livro “Ética & meio ambiente: uma introdução” de Dale Jamieson, por meio da disciplina “Política Ambiental” ministrada pelo Professo Dr. Cristiano Luis Lenzi. A discussão filosófica apresentada era um convite à reflexão sobre a relação da humanidade com o ambiente, e sobre os valores que subjazem muitas decisões do nosso dia a dia. Após a leitura do capítulo “Os humanos e outros animais” para a apresentação de um trabalho, me vi forçada internamente a adotar o vegetarianismo, em uma busca por maior coerência entre meus julgamentos, valores e ações.

No último ano de minha graduação, senti a necessidade de estudar como os valores afetavam a tomada de decisão dos atores sociais, e busquei essas respostas na área da Psicologia. No entanto, entrei na graduação, e, depois de um ano e meio, percebi que minha vocação não estava na atuação como psicóloga. Esse período na graduação não foi desperdiçado, pois logo no meu primeiro semestre procurei pela Professora Dr.ª Luciana Maria Caetano, hoje minha orientadora, por causa de seus estudos sobre moral. Faz então quatro anos que participo de seu grupo de estudos, no qual nos aprofundamos na Teoria dos Domínios Sociais, e na proposta cognitiva-desenvolvimental para o problema da moral.

Ao longo dos estudos dessa teoria, uma ideia de uma pesquisa começou a me instigar: estudar os fenômenos dos pressupostos informacionais com o auxílio da questão dietética do consumo de carne. Isso porque a problemática ambiental não é ainda muito discutida pela população para além de questões como descarte de lixo, e a dieta não costuma ser compreendida ou refletida considerando seus aspectos ambientais.

O estudo do vegetarianismo apareceu então como elo entre minha trajetória na Gestão Ambiental e a Psicologia, e este mestrado como lugar para elaboração, desenvolvimento e amadurecimento de muitas reflexões pessoais, discussões em grupo e formação como pesquisadora.

Sumário

Introdução 3

Justificativa 8

1. Objetivos 8

1.1. Objetivos Primários 8

1.2. Objetivo Secundário 8

1.3. Hipóteses 9

2. A questão do consumo de carne 9

2.1. Questões Morais de Preocupação com o Bem-estar Animal 10

2.2. Questões Ambientais 16

2.3. Saúde e Valor nutricional 19

2.4. Outras Variáveis 22

2.5. Considerações 24

3. Teoria dos Domínios Sociais 25

3.1. Domínio Moral 27

3.2. Domínio Convencional 29

3.3. Domínio Psicológico e Domínio Pessoal 31

3.4. Questões Prudenciais e Multifacetadas 32

3.5. Pressupostos Informacionais 34

3.6. Considerações 37

4. Método 39

4.1. Desenho do Estudo 39

4.2. Instrumento 41

4.3. Procedimentos de Coleta 47

4.4. Participantes 47

4.5. Análise de Dados 48

5. Resultados e Discussão 54

5.1. Caracterização da Amostra 54
5.2. Fatores Envolvidos na Escolha Dietética 59
5.3. Pressupostos Informacionais 83
5.4. Juízos e Justificativas para o Julgamento do Consumo de Carne 90
5.5. Variáveis Específicas da Temática 101
5.5.1. Autoridade Religiosa 101
5.5.2. Flexibilidade do Consumo de Carne 103
5.5.3. Questões Específicas para Vegetarianos 106
5.6. Síntese 112
6. Considerações Finais 115
Referências 119
Apêndice A 129
Apêndice B 133

Introdução

O último relatório emitido pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, 2014) concluiu que é extremamente provável que as mudanças climáticas observadas decorram da ação antropogênica, e os cenários futuros indicam aumento de eventos climáticos extremos e impactos negativos em diversos setores, sendo que as populações de baixo nível socioeconômico são as mais vulneráveis.

A área da ética ambiental insere-se nestas discussões como auxílio para repensar a relação homem-ambiente. Jamieson (2010) propõe que a relação da humanidade com o ambiente perpassa a ética ambiental, sendo a dimensão da ação individual importante para a mitigação dos impactos ambientais negativos e sinalização aos tomadores de decisão sobre o posicionamento da população perante mudanças políticas e legislativas para a proteção ambiental. Uma das questões discutidas pelo autor é a moralidade do uso de animais, inclusive para o consumo, e temas associados, como as crenças que subjazem a forma como animais são tratados e os impactos ambientais negativos associados à produção animal.

Segundo a Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES, 2018a), a expansão rápida e insustentável de monoculturas e áreas de pasto é o fator global mais relevante para a degradação do solo, e gera perdas significantes de biodiversidade e de serviços ecossistêmicos (como segurança alimentar, purificação da água, e fornecimento de energia, os quais, segundo o relatório, já atingiram níveis críticos em muitas partes do planeta). Ainda de acordo com o comunicado de imprensa do IPBES, a degradação do solo causada por atividades humanas é responsável por debilitar o bem-estar de 2/5 da população mundial e pela intensificação das mudanças climáticas.

No Brasil, a pecuária é um dos principais vetores do desmatamento (Greenpeace, Imaflora, Imazon, Instituto Centro de Vida, Instituto Socioambiental, IPAM, The Nature Conservancy & WWF, 2017) e sua produção ainda utiliza um sistema pouco eficiente de exaustão do solo e dos recursos de uma área, seguida pela expansão para outras ainda não exploradas. Como a questão do desmatamento é muito complexa, por atingir múltiplas esferas, não cabe aqui destrinchar todas as consequências que podem decorrer dessa atividade econômica, no entanto, é possível ilustrar a dimensão de alcance dos impactos negativos que ela pode gerar com a afirmação de Lovejoy e Nobre (2018) de que estamos

nos aproximando do ponto de inflexão em que a degradação do ciclo hidrológico decorrente do desmatamento será irreversível.

Nesse cenário, as regiões central, sudeste e leste da Amazônia sofreriam com períodos maiores de seca, porque nas florestas a taxa de evapotranspiração é constante ao longo do ano, enquanto em pastos essa taxa sofre uma redução drástica no período de seca. Os autores pensam que obtivemos uma noção dos efeitos dessa inflexão ecológica durante a pior crise hídrica da história recente do estado de São Paulo, em 2014, ocorrida após o verão mais quente e seco em sete décadas (Barifouse, 2014). Isso porque a evapotranspiração da região amazônica contribui para as chuvas de inverno em partes da Bacia Platina, além de auxiliar, em menor proporção, com as chuvas na região nordeste do Brasil, área já castigada com períodos longos de seca (Lovejoy & Nobre, 2018).

Uma agenda política conflituosa exacerba o problema ambiental no Brasil: ao mesmo tempo que uma das metas assumidas pelo país perante a ONU foi a de reduzir a zero o desmatamento ilegal até 2030, projetos de lei que reduzem as áreas de proteção ambiental tramitam no Congresso Nacional (Pontes & Welle, 2017).

Considerando, portanto, esse cenário de degradação ambiental intensa no mundo, dificuldades governamentais brasileiras para a manutenção da agenda de conservação ambiental, e a necessidade de mudanças nos comportamentos individuais decorrente das mudanças climáticas (Post & Meng, 2018; Jamieson, 2010), justifica-se a relevância de estudos sobre comportamentos individuais, considerando sua relação com a dimensão ambientais. Considerando a importância da pecuária no Brasil, a possibilidade de discussão moral sobre o uso de animais para consumo, e a distância muitas vezes não percebida ou compreendida pelas pessoas entre o que é consumido no dia a dia e os impactos negativos de sua produção, o tema do vegetarianismo surge como interessante objeto de estudo.

Segundo Slywitch (2018), a definição de vegetarianismo do ponto de vista nutricional é não consumir qualquer tipo de carne (vaca, frango, peixe, carneiro, avestruz, escargot, “frutos” do mar, entre outros), ou produtos feitos com carne. Ainda segundo o autor, as formas de vegetarianismo do ponto de vista da dieta são: vegetariano estrito (não consome também ovos, mel, laticínios e produtos que incluam derivados animais entre os ingredientes, como gelatina, proteínas do leite, alguns corantes e espessantes),

lactovegetariano (inclui laticínios, mas não consomem ovos), ovovegetariano (inclui ovos, mas não laticínios) e ovolactovegetariano (inclui ovos e laticínios).

No Brasil, a pesquisa de opinião do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística Inteligência (IBOPE, 2018) aponta que 6% dos brasileiros acima de 16 anos concordam parcialmente e 8% totalmente com a afirmação "sou vegetariano", um total de 14% da amostra. Os dados representam um crescimento significativo desde a última pesquisa realizada em 2012, na qual 8% da população das principais capitais e regiões metropolitanas se identificou como vegetariana (IBOPE, 2012).

Estudos sobre o movimento vegetariano em outros países indicam que as principais considerações que levam pessoas a adotarem este tipo de dieta incluem: preocupações com a própria saúde, com questões ambientais, com o sofrimento animal, e motivos hedonistas (não gostar do sabor ou textura da carne) (Rozin, 1976; Ruby, 2012; Ruby *et al*., 2013). É possível que o contexto brasileiro apresente especificidades, como uma motivação devida à “Operação Carne Fraca” que investigou adulterações de carnes produzidas por grandes empresas (Kanda & Rozário, 2017), portanto é preciso verificar se essas questões aparecem também em participantes brasileiros.

Para acessar a dimensão psicológica sobre como o indivíduo pensa temas ambientais e julga situações complexas, nas quais sua vontade pessoal pode estar em conflito com questões de ordem moral, a pesquisa se utilizará da Teoria dos Domínios Sociais. Essa teoria propõe que existem estruturas parciais, ou domínios, que explicam a assimilação e o desenvolvimento do conhecimento social da criança (Turiel, 1983). Ainda segundo o autor, essas estruturas seriam aprendidas por imitação, observação, e tomada de perspectiva do outro, e se formariam na interação da criança com seu ambiente.

Inicialmente, foram propostos três domínios gerais que estruturam o mundo social da criança (Turiel, 1989): o psicológico, convencional, e o moral. O que a teoria propõe é que os indivíduos utilizam um conjunto de critérios para classificar os eventos sociais nos diferentes domínios, mas eles podem variar na interpretação de quais eventos atendem a quais critérios (Nucci, 1981), por isso, um mesmo fato ou situação pode ser classificado como convencional por uma pessoa, e como moral por outra, por exemplo.

De modo geral, o *domínio moral* diz respeito à preocupação com direitos, justiça e bem-estar; justificações do *domínio convencional* fazem referências à autoridade, expectativas sociais, organização e ordem sociais (Smetana, 2006), enquanto o *domínio*

psicológico abrange o conhecimento que o indivíduo desenvolve sobre pessoas enquanto sistemas psicológicos, incluindo assim informações sobre pessoas, personalidade, si mesmo, e identidade (Turiel, 1989).

Além dos três domínios básicos, as pesquisas mais recentes abordam também questões pessoais, prudenciais e multifacetadas.

O *domínio pessoal* foi proposto posteriormente por Nucci (1981), e está contido no domínio psicológico. Segundo esse autor, questões pessoais englobam ações percebidas como questões de preferência, e cujas consequências só afetam, primariamente, seu executor. Controles feitos por autoridades ou regras sobre assuntos deste domínio não são legitimados pelos indivíduos (Nucci, 1981).

Já as questões *prudenciais* envolvem atos que possuem consequências imediatas, negativas e percebidas diretamente sobre o agente, e se relacionam com preocupações sobre segurança, perigo, conforto e saúde (Smetana & Asquith, 1994).

As questões *multifacetadas* apresentam aspectos de mais de um domínio, e as pessoas podem ter julgamentos discordantes por terem informações diferentes sobre as questões, ou pelo peso atribuído a elementos da situação (Nucci, 2000). Para Smetana (2013), é a natureza multifacetada de muitos fatos sociais que produzem variabilidade contextual e desenvolvimental, e também as inconsistências de julgamentos.

Outro complicador da questão é que diferenças aparentes de julgamentos morais podem ser consequências de diferenças na compreensão descritiva da natureza da realidade, e não por diferenças em conceitos ou princípios morais, pois o processo de avaliação considera tanto a informação assumida sobre a realidade quanto os princípios morais (Smetana, 2013). Ainda de acordo com a autora, esses pressupostos informacionais (*informational assumptions*), ou crenças, provêm de fontes diferentes (como a ciência e religião), são passíveis de mudanças, e podem variar dentro de uma mesma cultura (e. g. entre grupos) ou entre culturas.

Os pressupostos informacionais podem alterar o julgamento moral de um ato de duas formas: porque alteram o conhecimento sobre o ato em si, ou porque alteram a visão sobre a culpabilidade do sujeito (Nucci, 2000). Um exemplo para ilustrar a alteração sobre a culpabilidade do sujeito pode ser encontrado no filme “The Square”, de 2017, em que uma pessoa da plateia gritava palavras e comentários inapropriados que interrompiam a

entrevista de um artista sobre sua exposição em famoso Museu de Artes. Todos ficam incomodados com as interrupções, mas, depois que a esposa do homem lhes *informou* que ele fora diagnosticado com a Síndrome de Tourette, todos ficaram mais dispostos a compreender e aceitar a situação, retirando o julgamento de culpa sobre aquele sujeito.

Investigações sobre escolhas dietéticas e consumo de carne podem se beneficiar muito desse arcabouço teórico, especialmente quando pensamos os pressupostos informacionais. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto CP2 (2012), em 2012, 46% dos brasileiros identificaram a responsabilidade sobre a resolução de problemas ambientais como sendo de "cada um de nós", enquanto o desmatamento foi apontado como principal problema ambiental do mundo e do Brasil nas quatro edições da pesquisa[1]. O recebimento de novas informações sobre a produção de carne e seus impactos ambientais pode, por exemplo, alterar a percepção da culpabilidade do consumidor de carne sobre problemas ambientais e sobre o status moral do próprio consumo.

Assim, levanta-se como perguntas de pesquisa: quais os fatores e os pressupostos informacionais envolvidos na escolha dietética dos brasileiros? Além disso, será que julgamentos sobre consumo de carne dos vegetarianos brasileiros estão mais focados em justificativas morais quando comparados aos julgamentos sobre consumo de carne dos onívoros brasileiros?

Para responder a essas perguntas, o trabalho foi estruturado de modo a apresentar primeiramente os objetivos da presente pesquisa, seguido por dois capítulos dedicados à apresentação dos referenciais teóricos, tratando o primeiro do embasamento do fenômeno do vegetarianismo, e o segundo, da Teoria dos Domínios Sociais. Depois, no capítulo quatro, o método foi exposto, seguido do delineamento do estudo, participantes, instrumento, procedimento de coleta e análise de dados. O quinto capítulo apresentou os Resultados, seguido pela Discussão e Considerações Finais.

[1] A pesquisa "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" foi realizada nos anos de 1992, 1997, 2006, e 2012.

Justificativa

Conforme exposto acima, a tomada de decisão nutricional pode ser compreendida do ponto de vista moral, por implicar em impactos ambientais e prejuízo à qualidade de vida, e o consumo de carne, especificamente, pela discussão dos direitos dos animais. Assim sendo, é um tema relevante para a área da psicologia moral compreender como o indivíduo pensa e julga esses temas. Além disso, estudar e aproximar as áreas da psicologia e ciências ambientais é uma necessidade contemporânea, considerando que a complexidade crescente da sociedade pede estudos e temas interdisciplinares.

Além disso, por se tratar de um comportamento complexo, tanto a Teoria dos Domínios Sociais como a área de pesquisa sobre vegetarianismo receberiam contribuições da pesquisa. A primeira, porque teria novos dados sobre os pressupostos informacionais e a coordenação de domínios em contextos complexos, e a segunda por analisar o fenômeno do vegetarianismo segundo perspectiva teórica diferente daquela comumente utilizada.[2]

1. Objetivos

1.1. Objetivos Primários

1) Investigar quais os fatores e os pressupostos informacionais envolvidos na escolha dietética dos brasileiros;
2) Investigar se os julgamentos sobre consumo de carne de vegetarianos brasileiros estão mais focados em justificativas morais quando comparados aos julgamentos sobre consumo de carne de onívoros brasileiros.

1.2. Objetivo Secundário

1) Investigar quantitativamente a avaliação dos participantes sobre a influência da autoridade religiosa no consumo de carne;
2) Investigar quantitativamente a possibilidade de flexibilidade do consumo de carne dos onívoros;
3) Investigar quantitativamente a avaliação dos participantes vegetarianos quanto a possibilidade de mudança de sua dieta por influência de autoridades na área de

[2] Os trabalhos empíricos encontrados utilizam a Teoria da Fundação Moral de Haidt e colaboradores.

saúde e ambiente, e a mudança de pressupostos informacionais sobre sofrimento animal e necessidade de consumo.

1.3. Hipóteses

1) Vegetarianos apresentarão fatores de escolha dietética e julgamentos sobre o consumo de carne mais focados em critérios morais (Rozin, Markwith & Stoess, 1997; Jabs, Devine & Sobal, 1998; Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby, 2012; Ruby *et al*., 2013; De Backer & Hudders, 2015);
2) Onívoros apresentarão fatores de escolha dietética e julgamentos sobre o consumo de carne mais focados em critérios de convenção social e preferências pessoais (Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby *et al*., 2013; De Backer & Hudders, 2015);
3) Acredita-se que pressupostos informacionais diferentes embasam tipos de dieta diferentes, sendo uma fonte importante para a variação de posicionamentos entre os participantes (Wainryb, 1993).

2. A questão do consumo de carne

O objetivo deste capítulo é apresentar os aspectos relevantes sobre o consumo de carne para a presente pesquisa. As motivações mais frequentes encontradas em pesquisas para a adoção do vegetarianismo se na seguinte ordem (Ruby, 2012): 1) a discordância ética de criar e matar animais não humanos; 2) preocupações com a saúde; 3) preocupações com o ambiente; 4) pureza espiritual, e 5) nojo das propriedades sensórias da carne.

O capítulo será dividido nas seguintes seções, com a finalidade de explorar cada uma das motivações citadas: questões morais; questões ambientais; preocupações com a saúde e valor nutricional, e outras variáveis. As três primeiras são os aspectos mais frequentemente discutidos dentro do tema vegetarianismo, enquanto a última seção apresentará outras variáveis que parecem envolvidas no fenômeno segundo as pesquisas estrangeiras (Jabs, Devine & Sobal, 1998; Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby, 2012; Ruby *et al*., 2013; De Backer & Hudders, 2015).

2.1. Questões Morais de Preocupação com o Bem-estar Animal

O vegetarianismo ético ou moral pode ser definido como a decisão de evitar o consumo de animais, por causa de motivos éticos (Engel Jr., 2016). As motivações para sua defesa podem ser classificadas como antropocêntricas ou não antropocêntricas.

Preocupações antropocêntricas têm seu núcleo na manutenção do bem-estar humano, de forma direta ou indireta, e exemplos ocidentais comuns dessas motivações são: a preocupação com as gerações futuras, com a escassez global de comida, justiça na distribuição dos recursos, e com o ambiente (Engel Jr., 2016), podendo também incluir a preocupação com a própria saúde. Essas questões serão discutidas com maior profundidade nas seções seguintes de "Questões Ambientais" e "Saúde e valor nutricional".

Já as preocupações não antropocêntricas são aquelas centradas no bem-estar animal, ou seja, no próprio dano ao animal por ser criado para consumo. Partindo da filosofia moral, DeGrazia (2009) apresenta as correntes de vegetarianismo moral em 3 classes: 1) *perspectivas de consideração igual*; 2) *perspectiva de consideração desigual*, e 3) *perspectivas sem considerações*. "Consideração" é definida pelo autor como a quantidade de importância moral que devemos atribuir para os interesses dos animais em comparação com os interesses humanos paralelos.

Na primeira classe apresentada, ou seja, quando é comparado um interesse compartilhado por animais não humanos e humanos, por exemplo "não sofrer", essa corrente atribui a mesma importância moral para os interesses, independentemente do ser em questão, por isso são *considerações iguais* (DeGrazia, 2009). Existem duas correntes mais influentes de argumentação (Engel Jr., 2016; Jamieson, 2010): a) utilitarista, e a b) dos direitos dos animais.

A utilitarista, apresentada por Peter Singer[3], considera o "princípio da igualdade", i.e., a consideração igual para os interesses de todos os seres que possuem interesse[4], junto com o "princípio da maximização da utilidade", que significa agir de forma a maximizar a satisfação do interesse de todos os afetados por nosso comportamento. Para Singer, o

[3] Obra "Animal Liberation", 1975.

[4] Senciência é a condição necessária e suficiente para possuir interesse. Para alguns seguidores dessa linha filosófica, o não cumprimento desse princípio produz o "especiesismo", uma forma de discriminação sem base, do mesmo modo que o sexismo ou o racismo (Engel Jr., 2016). Importante ressaltar que isso não implica em tratar todos os animais da mesma forma, mas sim atribuir o mesmo peso às suas dores e prazeres.

prazer gustativo não justifica criar e matar animais para comer, pois dificilmente o prazer efêmero que os humanos têm ao consumir carne supera a dor e o sofrimento que os animais experienciam no processo de virar alimento. Além disso, no processo de produção, os animais perdem seus interesses mais significantes (evitar dor, mover-se livremente, viver em ambiente apropriado para sua espécie, sua vida), enquanto os seres humanos são capazes de elaborar uma dieta nutritiva à base de plantas[5].

A segunda corrente, apresentada por Tom Regan[6], defende que os animais têm direitos morais. Todos os seres humanos possuem o mesmo valor intrínseco, e, por isso, têm o mesmo direito moral de serem tratados de forma que respeite seu valor. Regan afirma que todos os humanos possuem valor intrínseco igual, porque são todos "sujeitos experienciadores de uma vida", isso é, seres conscientes que experienciam um bem-estar de valor para eles, e nessa classificação podem ser incluídos bebês humanos, pessoas com demência e comprometimento funcional, ou outros humanos considerados sem capacidade para a autonomia moral, com incapacidade para a linguagem ou dificuldades para o raciocínio, do mesmo modo que muitos animais não humanos.

No outro polo, encontra-se a terceira classe, a de *perspectivas sem considerações* de DeGrazia (2009), a qual desconsidera qualquer valor moral para os animais. São aquelas que defendem o valor intrínseco[7] apenas para os seres racionais, percebidos como autônomos e livres, ou seja, para os seres humanos (Jamieson, 2010). Os animais teriam, como consequência, um valor instrumental definido pela sua utilidade para os humanos, então não seriam dignos de consideração moral, ao menos que seu bem-estar seja de interesse de algum humano. Essa perspectiva foi defendida por grandes influenciadores do pensamento ocidental, como Aristóteles, Aquina, Kant e Descartes (Engel Jr., 2016), e ela justificaria quaisquer maus-tratos aos animais, porque estes estariam no nível dos objetos.

Entre esses dois polos, podemos encontrar a segunda classe, a de *perspectivas de consideração desigual*. Elas não atribuem zero valor moral aos animais não humanos, mas ainda defendem que exista uma diferença. São exemplos dessas visões a "teoria dos

[5] Mesmo que veganos devam suplementar sua dieta com vitamina B12 de uma fonte confiável (Engel Jr., 2016).
[6] Livro "*The case for animal rights*", 1983.
[7] Valor intrínseco está sendo usado neste trabalho como aquilo que é de máximo valor, e valor instrumental como aquilo que é valioso apenas com relação ao valor intrínseco. Tudo o que possui valor intrínseco tem condição necessária e suficiente para ser objeto de consideração moral primária, ou seja, 'moralmente considerável', assim como seus interesses, na tomada de decisão (Jamieson, 2010).

dois níveis" (*two-tier theory*), e o "modelo da escala móvel" (*sliding-scale model*). Aquela propõe que o status moral dos animais é não trivial, enquanto o status moral atribuído aos seres humanos ou pessoas é maior; já o modelo da escala móvel defende que todas as criaturas sencientes merecem alguma consideração moral, determinada pelo seu nível cognitivo, afetivo e de complexidade social.

Além das reflexões sobre o tipo de consideração moral que se faz sobre os animais e suas necessidades, existe outra linha de discussão que subjaz o movimento do vegetarianismo ocidental: a questão do dano desnecessário. DeGrazia (2009) apresenta como definição de vegetarianismo moral uma visão de que aqueles que possuem acesso a fontes de alimento sem origem animal adequadas têm o dever moral de serem vegetarianos de algum modo, ou seja, segundo a definição de Slywitch (2018), apresentada na introdução deste trabalho.

A discussão de DeGrazia (2009) parte do princípio que pessoas que possuem esse acesso aos alimentos à base de plantas, mas que ainda assim consomem carne, estão provocando danos e muito sofrimento aos animais desnecessariamente, e ela compele todos aqueles que assumem um posicionamento moral das classes 1 e 2 de considerações morais ao dever do vegetarianismo moral, se elas acatarem ao pressuposto de que seres sencientes possuem pelo menos algum status moral[8]. Ou seja, defender que o bem-estar animal tem importância para as decisões humanas, mesmo que não sejam iguais às atribuídas a outro humano, levaria ao dever do vegetarianismo moral.

Ainda que desconsiderando criadouros industriais[9], existem danos associados ao transporte para o abatedouro, cuidado bruto no transporte, e o próprio processo de abatimento em si, os quais já causam sofrimento suficiente em animais para justificar o vegetarianismo moral mesmo em circunstâncias de produção familiar (DeGrazia, 2009).

É possível, no entanto, que esse fenômeno de preocupação com a causa animal seja um movimento com variações culturais importantes. Ruby, Heine, Kamble, Cheng e Waddar (2013) encontram maior preocupação com bem-estar animal entre vegetarianos quando comparado com onívoros, porém essa diferença não se deu com indianos. O

[8] Casos de crueldade gratuita contra os animais costumam mobilizar grande parte da população, mesmo aqueles que seguem dieta onívora. O caso da cachorra espancada e envenenada pelo segurança da loja Carrefour, em Osasco na Grande São Paulo em 2018, é um exemplo de como a população brasileira como um todo pode se revoltar contra a crueldade aos animais (Tomazela, 2018).
[9] Também conhecido como "agricultura industrial" e "agricultura intensiva" (Jamieson, 2010).

resultado de que vegetarianos ocidentais colocam mais valor em cuidado e empatia também foi encontrado em De Backer e Hudders (2015), enquanto onívoros colocam mais valor na ética da Autoridade (respeito pela autoridade, cumprir o papel social, respeito às tradições). Mas a forma como o sofrimento animal influencia o julgamento sobre seu uso para alimentação não parece simples e linear: ao contrário desses estudos, em Ruby e Heine (2012) a *percepção sobre a capacidade do animal de sofrer* não foi uma variável capaz de prever o nojo reportado pelos participantes ao pensar em alimentar-se de certos animais.

O nojo é uma emoção de bastante relevância para o tema. Propõe-se que ele é uma emoção que evoluiu para prevenir humanos de ingerirem substâncias prejudiciais (Ruby & Heine, 2012; La Rosa & Mir, 2013). O nojo aumenta a severidade do julgamento moral, produz respostas de rejeição ou evitação (Rozin, 1999), e os estudos indicam existir uma ligação bidirecional entre nojo-higiene física e cognição moral (La Rosa & Mir, 2013), e os gatilhos para esse sentimento parecem variar entre as sociedades (Haidt, 2012). Por exemplo, Ruby e Heine (2012) especulam que o nojo seja mais maleável por atributos psicológicos conferidos aos animais nos contextos euro-canadenses/americanos, se comparados com chineses de Hong Kong e indianos.

A questão hedonista (de prazer/desprazer pelo consumo) tem importância também para o processo de transição de uma dieta vegetariana menos restrita (i.e. ovolactovegetariana) para uma mais restrita (por exemplo, ovovegetariana). Em Jabs, Devine e Sobal (1998) a aversão por outros produtos de origem animal, assim como mudanças de vida e aquisição de informação aparecem como elementos centrais para a transição em direção a uma dieta mais restrita.

Outras variáveis podem influenciar a disposição ao consumo do animal, como analisado por Ruby e Heine (2012): a *percepção sobre a inteligência do animal* foi a variável mais forte para prever positivamente o nojo, seguida pela *aparência* (efeito mais forte para animais julgados como feios, seguida por animais que se desviavam do ponto neutro de atratividade). O efeito da *percepção sobre a capacidade do animal de conectar-se emocionalmente com os humanos* teve um poder preditivo pequeno e inconsistente (Ruby e Heine, 2012).

Ainda no âmbito da pesquisa intercultural, mais duas diferenças importantes foram apontadas por Ruby e Heine (2012): a reflexão sobre o animal antes de responder

às perguntas associadas ao consumo, e a diferença de gênero para as respostas. *Refletir sobre os atributos dos animais* antes de responder impactou mais as respostas dos euro-americanos/euro-canadenses do que de indianos/chineses de Hong Kong, e existiu maior frequência de correlação entre "nojo" e "disposição para comer" apresentada pelas mulheres, com a diferença mais marcante entre homens e mulheres nos euro-canadenses, seguida pelos euro-americanos, chineses de Hong Kong e indianos (Ruby & Heine, 2012).

Existem diferenças também entre os vegetarianos movidos por preocupações com o bem-estar animal (chamados "éticos") e aqueles movidos por preocupações com a própria saúde. Jabs, Devine e Sobal (1998) investigaram o processo de adoção da dieta vegetariana e sua progressão para dietas vegetarianas mais restritas, e desenvolveram um modelo que demonstra esses dois "tipos" como caminhos diferentes para o vegetarianismo, com diferentes processos, motivações e influências.

Os vegetarianos éticos geralmente são motivados pela conexão entre alimentos de origem animal e os animais que originaram esses alimentos, enquanto os vegetarianos por motivos de saúde demonstram uma motivação baseada ou no sofrimento (próprio ou de alguém próximo) com uma doença física, ou em relacionarem a dieta com sua saúde. Em ambos os casos, o acesso à informação é importante para a transição, mas, para alguns vegetarianos éticos, ela vem acompanhada de mudanças de vida que pareciam fora do controle do sujeito (e.g. perder o emprego, término de uma relação, mudar-se), sendo a dieta uma forma de retomar o controle sobre a própria vida (Jabs et al., 1998).

Alguns estudos apontam que existem outras diferenças entre vegetarianos com motivações diferentes. Em Rothgerber (2014b), vegetarianos éticos tinham uma probabilidade maior de perceber humanos e animais como similares em sua capacidade emocional para a maior parte das medidas, bem como de se sentirem enojados por carne, relatando também menos gosto pelas propriedades sensórias da carne. Vegetarianos éticos também relatam maior incômodo com o consumo de carne por outras pessoas, quando comparados com vegetarianos por motivos de saúde (Rozin, Markwith, & Stoess, 1997). Os autores acreditam que isso aconteça, porque, para o vegetariano motivado pela saúde, o consumo dos outros não altera em nada sua saúde, o motivo principal para sua escolha dietética.

Dentro da complexidade que é o fenômeno alimentar, existe também a questão dos semivegetarianos, investigados por Rothgerber (2014b), definidos em sua pesquisa como pessoas que se identificam como vegetarianas, mas que acabam consumindo carne animal em variados níveis, um problema identificado também em outras pesquisas sobre vegetarianismo. Dentre os 214 participantes da pesquisa, 28% disseram que não recusavam sempre carne animal, e, dentre estes, aproximadamente ¼ relatou consumir prontamente peixes e moluscos (Rothgerber, 2014b).

Semivegetarianos éticos tinham uma probabilidade menor de perceber humanos e animais como similares em sua capacidade emocional para a maior parte das medidas, bem como de se sentirem enojados por carne, relatando também maior gosto pelas propriedades sensórias da carne, quando comparados aos vegetarianos estritos (Rothgerber, 2014b).

Nesse estudo, as *respostas às propriedades sensórias da carne* foram as únicas diferenças significativas entre vegetarianos estritos e semivegetarianos, o que sugere que a diferença entre vegetarianos estritos e semivegetarianos parece estar bastante relacionada com a avaliação que os sujeitos fazem da carne e de suas propriedades. Esse resultado reforça a importância que as propriedades sensórias da carne podem ter para a decisão dietética, sendo o nojo pela carne pode ser intensificado pelo processo de moralização do ato (Rozin, 1999).

Tendo em vista o que foi discutido, podemos concluir que existe um espectro de maior ou menor restrição alimentar, e de moralização na questão do consumo de carne, saindo do perfeitamente aceitável (onívoros) para o completamente repulsivo (vegetarianos éticos estritos), com várias particularidades comportamentais e ideológicas permeando toda essa escala, e uma influência cultural importante. Essa intensificação de posicionamento dos vegetarianos éticos estritos pode estar relacionada com o fato delas apresentarem maior número de motivações que sustentam sua dieta, do que os vegetarianos por motivos de saúde, por exemplo (Rozin et al., 1997), o que facilita o processo de moralização de uma ação (Rozin 1999).

2.2. Questões Ambientais

Assim como Jamieson (2010), Engel Jr. (2016) e DeGrazia (2009), Rozin et al. (1997) também apresenta a motivação "ecológica" como moral. Os vegetarianos por questões ambientais, para estes autores, focam suas preocupações no dano à Terra e ao desperdício de recursos envolvidos na produção de carnes, ao invés do foco no dano aos animais.

A pecuária e criação de animais são produções que consomem grande quantidade de recursos, produzem degradação ambiental, e são altamente ineficientes (Engel Jr., 2016; Jamieson, 2010). Quando comparado por peso, a produção de 1 kg de carne requer de 100-200 vezes mais água do que para a produção de um vegetal (Engel Jr., 2016), um desperdício hídrico inaceitável para os cenários de estresse hídrico atuais e futuros. Segundo relatório da FAO (2006), mais de 2,3 bilhões de pessoas em 21 países vivem em bacias com estresse hídrico, e aproximadamente 1,7 bilhões vivem em bacias abaixo das condições de escassez. A insegurança hídrica é, atualmente, alarmante, sendo estimado que o seu custo mundial chegue a US$ 500 bilhões anuais (UN-Water, 2016), mas o cenário pode piorar segundo o relatório das Nações Unidas, no qual está previsto que até 2050 o número de pessoas sofrendo com escassez de água insuficiente para atender suas necessidades possa aumentar até 5 bilhões (Girardi, 2018).

Acrescenta-se a isso o fato de, mundialmente, a agricultura ser responsável por cerca de 70% do total do consumo de água doce e de cerca de 38% das áreas irrigadas dependem de águas subterrâneas (UM-Water, 2016). A criação de animais é uma das principais causas de poluição de águas superficiais e subterrâneas, por causa do excremento produzido, o qual contém patógenos, metais pesados, hormônios, antibióticos, amônia, altos níveis de nitrogênio e fósforo, elementos centrais para a eutrofização[10] dos rios (Engel Jr., 2016).

Além disso, na América do Sul, e mais especificamente no Brasil (WWF-Brasil & SOS Pantanal, 2015; Greenpeace et al., 2017), a pecuária é o principal vetor de desmatamento, considerando também a proporção da produção agrícola que é destinada à alimentação dos animais de criação para alimentação, além de apresentar outros

[10] O aumento nos níveis de nutrientes, como nitratos e fosfatos, favorece o crescimento exagerado de algas e plantas aquáticas. Estas consomem todo o oxigênio dos rios, podendo transformá-los em sistemas com baixa disponibilidade de oxigênio, o que gera a morte de grande parte das espécies dos ecossistemas aquáticos, como peixes.

impactos ambientais como a perda de espécies e o favorecimento da erosão do solo (Engel Jr., 2016).

Segundo a FAO (2006), o setor pecuário é também o maior fator antropogênico para a mudança do uso do solo no mundo, e grande parte da água disponível nesse solo é destinada para a produção de ração. No relatório, os autores apontam que o aumento da demanda por rações cereais ou de plantas oleaginosas aumenta significantemente o impacto do setor na disponibilidade de água, pois as plantas são criadas em regiões onde o custo de oportunidade para a água é alto; quando o setor pecuário se apropria de áreas aráveis e com chuvas constantes o impacto pode ser ainda mais significativo, por alterar o microclima e a dinâmica de chuvas, uma questão de interesse especial para o Brasil, considerando o cenário atual da Floresta Amazônica.

Além da questão do uso de água, muitos discutem a questão da justiça na distribuição dos recursos. Acredita-se que as, aproximadamente, 795 milhões de pessoas subnutridas no mundo possam ser alimentadas com as toneladas de grãos e legumes usados para alimentar os animais criados para consumo (5,9 kg de grãos para produzir 0,5 kg de bife, com perda de calorias e macronutrientes) (Engel Jr., 2016).

Outro fator frequente em discussões sobre o consumo de carne é que ele é um dos mais significantes para aumentar nossa pegada[11] de carbono (Jamieson, 2010): o setor de criação de animais é responsável por 18% dos gases de efeito estufa (convertidos para CO_2) produzidos por atividades antrópicas, e adotar uma dieta vegetariana reduz a pegada de carbono em 1,5 toneladas de CO_2/ano (Engel Jr., 2016). Uma pesquisa recente publicada na *Nature* (Springmann et al., 2018) incluiu a mudança dietética como um meio para manter a ação humana dentro dos limites planetários, e obteve como resultado em seu modelo que a adoção de uma dieta segundo as recomendações dietéticas globais[12] poderia reduzir as emissões de gases do efeito estufa e outros impactos em 29% e 5-9%,

[11] É um conceito que se refere à medida da quantidade total das emissões de gases do efeito estufa causadas diretamente e indiretamente por uma pessoa, organização, evento ou produto.

[12] Seguindo as diretrizes de recomendações globais, consideraram: um limite de consumo de carne vermelha para menos de 300g por semana; consumo de açúcar adicionado para menos de 5% do total de energia consumida (aproximadamente 31g por dia); cinco porções (400g por dia) ou mais de frutas e vegetais, e balancear o consumo de energia (e níveis de atividade física) suficientes para manter um peso saudável.

respectivamente, enquanto a adoção de uma dieta mais à base de plantas[13] reduziria os gases em 56% e 6-22% os outros impactos ambientais.

A intensificação do efeito estufa pela ação humana, além dos seus efeitos mais diretos, como aumento da frequência de eventos climáticos extremos, também amplifica os impactos de outros motores da perda de biodiversidade e de qualidade dos serviços ecossistêmicos (como degradação de habitats, poluição, superexploração de recursos), segundo o último relatório de avaliação regional das Américas elaborado pela Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES, 2018b).

O relatório também alerta que a biodiversidade e condições dos ecossistemas estão declinando em muitas regiões da América, com 65% das contribuições em todas as unidades de análise estão declinando, com 21% declinando muito, por exemplo, a transformação de áreas alagadas movida especialmente pela agricultura, pecuária e urbanização.

No caso do Brasil especificamente, de acordo com a Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (BPBES), em seu 1º Diagnóstico Brasileiro de Biodiversidade & Serviços Ecossistêmicos (2018), a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos são estratégicos para o desenvolvimento do Brasil, favorecendo a geração de emprego e renda e redução das desigualdades sociais, mas ainda são percebidos pelas políticas setoriais como obstáculos para o desenvolvimento econômico.

Os serviços ecossistêmicos podem ser definidos como provedores de bens e serviços que atendem necessidades humanas, gerados pelas interações físico-químicas e biológicas próprias de cada ecossistema (Alho, 2012). Biodiversidade e ecossistema estão diretamente relacionados aos serviços de segurança alimentar, climática, energética, hídrica e melhoria da saúde humana, ao passo que tem o potencial de reduzir as perdas da produtividade agrícola, a disseminação de doenças e seus vetores, vulnerabilidade a desastres naturais, perda de cobertura de vegetação nativa e invasões biológicas (BPBES, 2018).

[13] Chamada dieta "flexitarian" e utilizada na estimativa do cenário de maior ambição, incluiu: pelo menos 500g por dia de frutas ou vegetais de diferentes cores e grupos; pelo menos 100g por dia de proteínas de origem vegetal (soja, sementes e legumes); quantidades modestas de proteínas de origem animal como aves, peixes, leite e ovos; e quantidades restritas de carne vermelha (uma vez por semana), açúcar refinado (menos do que 5% do total de energia), óleos vegetais com quantidades altas de gordura saturada (especialmente óleo de palma), e de alimentos com índice glicêmico relativamente alto, como amidos.

Argumentos desse gênero são considerados sustentadores de um vegetarianismo moral motivado por questões ambientais, mas esse tipo específico não foi muito investigado, pelo menos até o momento de publicação de revisão da literatura de Rozin (2012).

2.3. Saúde e Valor nutricional

Mudanças radicais no estilo de vida e alimentação, recentes na história evolutiva do ser humano, parecem estar relacionadas ao aumento da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis. Os principais tipos de doenças crônicas não transmissíveis são as doenças cardiovasculares, canceres, doenças crônicas respiratórias e diabetes, e elas resultam de combinações de fatores genéticos, fisiológicos, ambientais e comportamentais. (WHO, 2018a).

O contexto de evolução da espécie exigia exercício físico constante e inevitável para adquirir alimentos, e estes eram escassos, assim, o nosso organismo não possui defesas contra o excesso calórico que nos bombardeia, ou contra os confortos que permitem a falta de exercícios físicos (Katz, 2018).

Sobrepeso e a obesidade são o segundo fator de risco metabólico mundial mais importante para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares, cânceres e diabetes (WHO, 2018a). Evidências demonstram que 15 milhões de mortes atribuídas a essas doenças ocorrem entre as idades de 30 e 69 anos, consideradas mortes precoces, mas que todas as faixas etárias estão vulneráveis aos fatores de risco que contribuem para o desenvolvimento dessas doenças, devido a dietas não saudáveis, sedentarismo, exposição ao tabaco ou uso abusivo de álcool (WHO, 2018a).

Esse fator apresentou tendência crescente em quase todos os 53 países europeus analisados entre adolescentes e em ambos os sexos, com variação considerável entre países (WHO, 2018b). Nos Estados Unidos, a prevalência de sobrepeso e obesidade na população aumentou de 40,5% em 1960 para 66,1% em 2010, e estima-se que mais de um terço dos adultos sejam pré-diabéticos, o que aumenta o risco de desenvolver diabetes tipo 2, doenças cardíacas e derrame cerebral (PAHO, 2017).

A situação brasileira também é preocupante, conforme dados da pesquisa realizada pela Vigilância de Fatores de risco e Proteção para Doenças Crônicas por

inquérito telefônico em todas as capitais do país. A pesquisa relata que a frequência de adultos com excesso de peso variou entre 48,1% (em Palmas) e 61,3% (em Manaus), e, considerando as 27 cidades, o excesso de peso foi de 53,7%, sendo maior entre os homens (61,6%) do que entre as mulheres (47,6%). Já a frequência de adultos obesos variou entre 12,7% no Distrito Federal e 23,8% em Manaus, com a frequência de adultos obesos considerando as 27 cidades ficando em 17,4%, sendo maior entre os homens (19,7%) do que entre as mulheres (15,5%) (Brasil, 2018).

Uma pesquisa recente estimou que o excesso de peso e a obesidade responderam por 15 mil casos de câncer no Brasil em 2012, e espera-se que em 2025 este número passe a 29 000 casos como resultado do aumento do envelhecimento da população e aumento do excesso de peso (Rezende, Arnold, Rabacow, Levy, Claro, Giovannucci, & Eluf-Neto, 2018). A proporção de mortalidade considerando todas as mortes, todas as idades e todos os sexos no Brasil, no ano de 2014, foi para doenças do sistema circulatório de 28%, para neoplasias, 16%, doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas de 6% (PAHO, 2017), sendo a diabetes mellitus uma das causas específicas mais frequentes de mortalidade, respondendo por 26.7 mortes por 100 000 habitantes (WHO, 2017).

Considerando assim que os hábitos alimentares possuem relação com o desenvolvimento de doenças, vegetarianos por motivo de saúde são aqueles que adotam essa dieta por preocupação com potenciais doenças, considerando benefícios e barreiras para mudar a dieta, e relatando valores como segurança pessoal (Ruby, 2012). Eles demonstram uma motivação baseada ou no sofrimento (próprio ou de alguém próximo) com uma doença física, ou em relacionarem a escolha dietética com sua saúde (Jabs et al., 1998).

Uma questão acerca do consumo de carne discutida nos estudos é o “dilema do onívoro” (*omnivore’s dilemma*) (Rozin, 1976): a carne é uma fonte concentrada de proteína e gordura, mas, por outro lado, expõe-se também a um maior risco de consumir substancias prejudiciais ou não consumir nutrientes essenciais.

A Associação Dietética Americana e os Nutricionistas do Canadá (2003) afirmaram que dietas vegetarianas planejadas de forma adequada são saudáveis, nutricionalmente adequadas, e promovem benefícios à saúde na prevenção e tratamento de certas doenças. A *Academy of Nutrition and Dietetics* (AND) (2016) reforça essa visão ao afirmar que o vegetarianismo bem planejado e utilizado de forma terapêutica

apresentado como uma forma de melhorar qualidade nutritiva da dieta, auxiliando no tratamento e prevenção de sobrepeso e obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes e câncer[14].

Além disso eles reportam que as dietas vegetarianas e veganas são apropriadas em qualquer momento do ciclo de vida, incluindo gravidez, lactação, infância, adolescência, velhice e para atletas, e o único ponto sempre destacado pela AND (2016) é o bom planejamento da alimentação. Sem o planejamento apropriado para a dieta, pode haver baixa de nutrientes, especialmente de cálcio, vitamina B-12, mas isso também depende do nível de restrição da dieta (o espectro vegetariano apresentado na introdução deste trabalho) (AND, 2016).

Outros estudos demonstram que o consumo na infância de laticínios com alto índice de gordura e carne vermelha muito provavelmente aumentam a taxa específica por idade para desenvolver câncer e outras doenças na vida adulta, embora esse risco possa ser revertido com uma mudança de dieta (Rimal, 2002). Esse estudo também mostra que existe uma preocupação nutricional por parte dos consumidores, especialmente com relação a colesterol, gordura e açúcar, e que o aumento dessa preocupação estava relacionado à preferência por refeições sem carne, e declínio na preferência por carne vermelha.

Vegetarianos por motivo de saúde parecem incomodar-se menos com o consumo de carne pelos outros, pois o único dano dessa ação seria para o consumidor, e não para eles (Rothgerber, 2014b; Rozin et al., 1997). No entanto, ainda se mostram, segundo Rothgerber (2014b), mais preocupados com o bem-estar animal do que os onívoros.

Importante lembrar que a dieta vegetariana estrita não é a única dieta saudável, mas é a melhor quando se considera os aspectos de saúde, ambientais e de bem-estar animal (Katz, 2018). Além disso, existem outros fatores de proteção associados a esse tipo de dieta que não foram apresentados aqui, pois o objetivo desta seção é apenas apresentar uma conexão que ilustre a relação entre a adoção da dieta vegetariana e a melhoria da saúde.

[14] Um dos estudos afirma que a dieta vegana pareceu oferecer maior proteção contra incidência geral de câncer e para cânceres específicos do sexo feminino quando comparada a quaisquer outras dietas (Tantamango-Bartley, Jaceldo-Siegl, Fan, & Fraser, 2013).

O combate à epidemia de doenças crônicas não transmissíveis necessita de uma ação intersetorial, especialmente saúde, educação, transporte e planejamento, investir na atenção primária à saúde como forma de identificar a doença em seu começo e aumentar as chances de eficácia do tratamento e reduzir os custos que tratamentos de quadros mais graves gerariam (WHO, 2018a). É preciso ir contra interesses de grandes indústrias e criar mecanismos de controle para indústrias alimentícias, especialmente as responsáveis por alimentos ultraprocessados, e seus agentes publicitários, além das companhias farmacêuticas que lucram com a venda de remédios que não seriam mais necessários (Katz, 2018).

2.4. Outras Variáveis

Para além das questões ambientais, de preocupação com o bem-estar animal e de saúde, outras variáveis foram encontradas nas pesquisas com relação ao fenômeno do vegetarianismo.

Existem estudos que registram a *influência social* como uma variável correlacionada positivamente com a disposição ao consumo, porém o impacto dessa variável parece depender do contexto cultural: em sociedades ditas coletivistas, a influência do comportamento alimentar das pessoas próximas parece influenciar mais as respostas dos participantes no sentido de uma similaridade da dieta (Ruby & Heine, 2012). Além disso, Jabs et al. (1998) colocam a importância do apoio e da discussão com outros para seguir a transição dietética.

O *sexo* do participante aparece como uma variável importante em vários estudos sobre consumo de carnes. Geralmente mulheres reportam mais nojo ao pensar em se alimentar de certos animais (Ruby & Hozin, 2012), e no estudo de Rimal (2002), de modo geral, mulheres preferiam mais refeições sem carnes, mesmo que não houvesse diferença de gênero no gosto por carne vermelha. Outros estudos sugerem também que a maioria das pessoas que assumem dieta vegetariana é mulher (Rothgerber, 2014b). Além disso, Ruby e Heine (2011) identificaram que participantes avaliaram alvos vegetarianos homens como menos masculinos do que onívoros, e essa diferença não acontecia de forma significativa para as mulheres vegetarianas, o que sugere uma associação entre masculinidade e consumo de carne.

Outro achado deste estudo foi a inferência por parte dos participantes de que os vegetarianos são mais virtuosos e morais do que onívoros, efeito significante para participantes onívoros e vegetarianos, mesmo que tenha sido maior neste último grupo, ou seja, vegetarianos atribuíam mais a virtuosidade a outros vegetarianos, apesar de o efeito ser significativo também para os participantes onívoros. Ruby e Heine (2011) imaginam que isso aconteça, porque vegetarianismo no ocidente está associado a algumas características pró-sociais, e algumas vezes são reconhecidos por suas motivações por questões morais com relação ao ambiente e aos animais para a escolha de sua dieta.

É provável, no entanto, que essa diferença de inferência não ocorra em sociedades orientais, nas quais o vegetarianismo é comum. Ruby et al. (2013) encontraram os resultados de que os indianos eram mais religiosos e preocupados com a ética da Pureza e da Autoridade (respeito pela autoridade, cumprir o papel social, respeito às tradições). É possível que na amostra brasileira, essas questões de pureza e autoridade apareçam para o grupo de onívoros, assim como o grupo de onívoros ocidentais investigado endossou mais a ética da Autoridade (Ruby et al., 2013).

A *pureza* pode ser interpretada, de forma geral, pela *Moral Foundation Theory* com um duplo aspecto: afastar-nos de algo para evitar a contaminação, ou afastar-nos para preservar o objeto (Haidt, 2012), e aparece nos trabalhos sobre a temática do vegetarianismo como forma de preservar o corpo de impurezas associadas ao consumo da carne, muitas vezes uma crença associada a uma religião ou espiritualidade, como é o caso dos indianos investigados por Ruby et al. (2013).

A *escolaridade* também parece influenciar as decisões dietéticas: o baixo nível educacional está correlacionado com o aumento das chances de optar por uma dieta onívora (De Backer e Hudders, 2015), enquanto ter feito alguma graduação ou algum nível escolar mais elevado está correlacionado com maior probabilidade de preferir refeições sem carnes (Rimal, 2002). A *renda* é outra variável socioeconômica que parece influenciar o consumo de carne, e Rimal (2002) também encontrou correlações entre o aumento na renda e a indisposição ao consumo de carne vermelha e preferência por refeições sem carne.

É possível que algumas tendências sejam encontradas também na amostra brasileira investigada por esta pesquisa, como a maior renda, escolaridade, e ser do sexo

feminino estarem associados à menor disposição ao consumo de carne, enquanto preocupações com costume e tradições podem estar mais relacionadas ao consumo.

2.5. Considerações

Fica claro pelo que foi exposto que o fenômeno do vegetarianismo é bastante complexo, apresentando influência de diversas variáveis de naturezas diferentes, o que torna muito difícil o controle e delimitação do estudo. Por exemplo, além das interações entre cada variável e a indisposição ao consumo de carne, alguns estudos apontam relação das variáveis entre si, como o aumento da escolaridade pode alterar a interpretação dos americanos de que algo nojento seja imoral quando a "impureza" está restrita ao agente e não lesa outros, enquanto em sociedades mais tradicionais e americanos com menor escolaridade tendem a interpretar o nojo como sinal de imoralidade (Rozin, 1999).

Importante ressaltar novamente que esses estudos utilizam uma base teórica diferente da adotada nesta pesquisa. Para a Teoria dos Domínios Sociais, as pessoas julgam e agem de formas que não são exclusivamente coletivistas ou individualistas, pois um conjunto de estudos demonstra que uma série de características atribuídas ao individualismo estão presentes no pensamento e ação de pessoas de sociedades não ocidentais, e o contrário também foi encontrado (Turiel & Wainryb, 2000).

Apesar do estudo de Rothgerber (2014b) indicar diferenças significativas entre os vegetarianos e semivegetarianos, o presente trabalho não tem o objetivo de investigar ação, mas apenas juízo moral, assim, perguntas que identificassem disparidades entre autoidentificação e comportamento não foram incluídas no instrumento.

A seguir apresentaremos com mais detalhes a Teoria dos Domínios Sociais, apresentando também a relação teórica que imaginamos existir entre a escolha dietética e o julgamento da pessoa com relação ao consumo de carne, relação essa que será investigada neste trabalho.

3. Teoria dos Domínios Sociais

O objetivo deste capítulo é apresentar a Teoria dos Domínios Sociais proposta por Elliot Turiel (1983), Smetana e Nucci (Killen & Smetana, 2015) a base teórica escolhida para a investigação sobre os juízos que brasileiros fazem sobre o consumo de carne.

Seguindo a tradição iniciada por Piaget (1932/1994) e Kohlberg (1984), a Teoria dos Domínios Sociais é cognitiva-desenvolvimental, e parte do pressuposto interacionista de que o conhecimento moral e social da criança é construído por meio de relações indivíduo-ambiente, nas quais a criança é ativa no processo de construção do conhecimento (Turiel, 1983; Smetana, Jambon, & Ball, 2014). Assim, compreensões e decisões sociais e morais do indivíduo resultam de um processo desenvolvimental, originado da interação e observação sociais da criança, o que inclui a interpretação e a modificação daquilo que por ela é recebido do exterior (Wainryb & Turiel, 1993).

A teoria considera o mundo social como heterogêneo, abarcando diferentes orientações sociais, motivações e objetivos; assim, a moralidade é apenas uma face do conhecimento social construído pela criança, e pode sofrer alterações com a idade e a capacidade dela em diferenciar ou coordenar os vários tipos de domínios (*domains*) ou estruturas conceituais (*conceptual framework*) (Smetana, 2013). Os domínios são, segundo Turiel (1983), sistemas organizados de conhecimento social, desenvolvidos a partir das regularidades sociais experienciadas pela criança, e surge cedo na ontogênese: pesquisas indicam que crianças de mesmo 3 e 4 anos são capazes de atribuir diferentes características para regras com diferentes papeis e funções, e julgam as regras em relação à sua compreensão dos atos correspondentes (Wainryb & Turiel, 1993).

Foram propostos originalmente três domínios principais: moral, convencional e psicológico. Cada domínio segue uma trajetória própria de desenvolvimento, e é originado por diferentes tipos de interações sociais (Nucci & Turiel, 2009), e, a partir de estudos empíricos, um conjunto de critérios foram identificados e propostos para distinguir o tipo de domínio utilizado pelo participante ao julgar determinada situação (Smetana, 2013). Defende-se que os indivíduos empregam critérios comuns para classificar eventos sociais, mas suas interpretações sobre quais eventos atendem a quais critérios podem variar (Nucci, 1981), o que significa, por exemplo, que para uma pessoa dado evento pode ser uma situação de domínio moral, enquanto para outra, esse mesmo evento seria de domínio convencional. As pesquisas sugerem que variações nas ações

sociais e nos pensamentos dos indivíduos em uma sociedade resultam da coexistência desses diferentes domínios, consequência de o fato das culturas serem multifacetadas (Turiel & Wainryb, 2000).

Kohlberg (1984) propôs a existência de estágios sucessivos de desenvolvimento moral, em que um ápice de moralidade é atingido, no qual o sujeito baseia-se em princípios de justiça e se dissocia de considerações não morais, sendo mais um modelo de estrutura de pensamento do que de conteúdo. Em contraposição, a Teoria dos Domínios Sociais defende que os domínios de conhecimento são desenvolvidos de forma separada, de acordo com as experiências sociais e com a idade da criança (Smetana, 1999), e, a cada nova situação, um novo processo de julgamento é desencadeado no sujeito, o que pode levar à priorização de um julgamento de domínio moral ou não. Nucci (2000) coloca que os estágios de Kohlberg não seriam capazes de representar todos os parâmetros da tomada de decisão sociomoral que os indivíduos realizam, e que é justamente o peso atribuído às considerações morais e não morais que é de interesse para a pesquisa em moral.

Para a Teoria dos Domínios Sociais, o desenvolvimento moral é melhor compreendido pela análise psicológica dos julgamentos sobre eventos sociais, considerando também a participação da dimensão afetiva no processo (Smetana, 2013). Ainda segundo essa autora, as primeiras pesquisas foram feitas com crianças, apresentando-lhes situações hipotéticas determinadas como prototípicas de cada domínio, com a finalidade de testar a proposição de que crianças conseguem distinguir moralidade de convenção social.

Essas situações eram simples e sem conflitos entre objetivos, motivações ou acontecimentos, mas diversas pesquisas subsequentes demonstraram que a diferenciação existiu em todas as culturas que já conseguiram pesquisar, sendo a diferença cultural uma de tamanho do domínio (por exemplo, o domínio pessoal pode ser mais restrito em um país do que em outro) e de determinação do tema (i.e. uma situação pode ser classificada em domínios diferentes por influência cultural) (Smetana, Ahmad & Wray-Lake, 2015).

No decorrer deste capítulo, serão detalhados os principais domínios e seus critérios de classificação. Também serão apresentados o domínio pessoal, as questões multifacetadas e prudenciais, e os pressupostos informacionais, temas que foram desenvolvidos posteriormente pela teoria e centrais para esta pesquisa.

3.1. Domínio Moral

O domínio moral refere-se a conceitos de justiça, bem-estar e direitos, contemplando o conhecimento prescritivo de como os indivíduos devem comportar-se perante os outros, regulando desse modo as relações sociais. (Smetana, 2013). Transgressões nesse domínio incluem danos físicos, psicológicos e de justiça (Hussar & Harris, 2018).

Defende-se que as crianças desenvolvem julgamentos morais prescritivos e conceitos morais, quando passam por situações que afetam negativamente os direitos ou bem-estar dos outros ou de si mesmas, quando a saliência moral da situação fica aparente (por exemplo, situação de dor ou injustiça), e isso seria a causa para a pequena variação intercultural encontrada no domínio moral (Wainryb & Turiel, 1993).

Possui como critérios (Smetana, 2013)[15]: obrigatoriedade; generalização; inalterabilidade; incontingência à autoridade, e justificativas que salientem a consequência intrínseca do ato para os outros, ou preocupações com questões de justiça, bem-estar e dever com o próximo.

A obrigatoriedade avalia se os indivíduos são obrigados a fazer ou não determinada ação, e a obedecer a regra, independente de preferências pessoais (Smetana et al., 2014). A generalização avalia se em outros contextos sociais, ou em outras sociedades seria aceitável a transgressão da regra, critério complementado pelo julgamento de inalterabilidade, que avalia se a regra pode ser mudada (Nucci & Turiel, 2009). Já a incontingência à autoridade avalia se atos ou transgressões seriam erradas na ausência de regras, ou se a autoridade não proibisse o ato, ou não ficasse sabendo ou visse a transgressão (Smetana et al., 2014).

É importante colocar que o estudo do domínio moral é difícil, pois não existe correlação linear direta com a idade, mesmo que mudanças desenvolvimentais sejam identificadas nas pesquisas, pois os julgamentos dependem da compreensão de considerações concorrentes com a moral, e também a aplicação da moral em dado contexto varia em função dos conceitos de outros domínios (Nucci & Turiel, 2009).

[15] A *permissividade de transgressões da regra* (quão aceitável é violar/não seguir a regra), *gravidade da transgressão* (quão sérias são as transgressões da regra), e a *punição* (intensidade e necessidade da punição ao transgressor) não são consideradas critérios do domínio, apesar de existir uma correlação forte entre atribuições de maior gravidade e necessidade de punição, e menos permissibilidade para violações de regras morais, se comparadas com julgamentos para regras convencionais.

Em suma, os critérios deste domínio condizem com a proposição teórica de que ações que possuem consequências negativas para os outros, percebidas ou inferidas, são compreendidas como universalmente erradas pelo indivíduo, mesmo considerando outros países, contextos sociais ou individuais, ou mesmo com o aval de autoridades. Independentemente da situação, a consequência negativa sempre estará presente, e o indivíduo é compelido a seguir a regra moral.

Especificamente sobre a questão do vegetarianismo, Hussar e Harris (2009) defendem que a definição de "outros" para o domínio moral deve ser expandida para incluir os animais. Eles investigaram três grupos de crianças de 6 a 10 anos: vegetarianos independentes (cuja família não era vegetariana), vegetarianos com família vegetariana, e não vegetarianos sobre a) tipos de carnes que elas não consumiam e b) avaliação de doze situações prototípicas de cada domínio. Apenas crianças vegetarianas deram justificativas para seu não consumo com base no bem-estar animal, com vegetarianos independentes fornecendo uma frequência maior dessas justificativas (100% das respostas). Por outro lado, crianças não vegetarianas deram justificativas apenas de gosto ou motivos de saúde.

Essa pesquisa foi complementada por outra dos mesmos autores (Hussar & Harris, 2018), que investigou crianças vegetarianas e não vegetarianas, demonstrando que, para ambos os grupos, o tipo de animal vítima de agressão importava para o julgamento das crianças, que percebiam as transgressões contra pets como mais severas, seguida por animais selvagens e animais de fazenda. Por outro lado, todas as crianças julgaram como mais severos os ataques contra animais do que ataques idênticos contra humanos, e os autores atribuem isso a uma percepção de vulnerabilidade das vítimas e como atos de violência injustificáveis.

Sobre a preocupação ambiental, Villanueva, Villarroel e Antón (2018) encontraram em seus resultados uma quase unanimidade entre as crianças de 4 a 8 anos de que a violação de uma convenção social é menos séria do que machucar gratuitamente uma planta, e coincide com outros posicionamentos de que a preocupação ambiental começa a se desenvolver na infância de modo similar ao domínio moral, antes mesmo da compreensão do conceito de "ser vivo". Villarroel (2013) também encontra maior severidade para agressões contra plantas do que para transgressões convencionais.

Assim, dentro da própria Teoria dos Domínios Sociais existem algumas evidências de que o consumo de animais e a consciência ambiental estariam próximas do domínio moral, e que o conceito de bem-estar pode ser ampliado para outras questões sociais além do dano a outro ser humano (Killen & Smetana, 2015).

3.2. Domínio Convencional

O domínio convencional diz respeito a questões de autoridade, tradição e normas sociais. Abarcam convenções relativas ao contexto ou sistema social, no qual normas, uniformidades e significados são compartilhados com a finalidade de coordenar as interações sociais, facilitando o funcionamento e organização sociais, e alinhando as expectativas comportamentais de seus membros em dado contexto social (Smetana, 2013).

A Teoria dos Domínios propõe que conflitos, contradições, e variações contextuais não são particulares a uma estrutura cultural específica: intrincada na própria estrutura das relações sociais estão padrões de heterogeneidade que incluem elementos de independência ou autonomia e interdependência e conexão, e a coexistência desses elementos é sistematicamente conectada ao desenvolvimento dos domínios sociais de julgamento e à hierarquia social (Turiel & Wainryb, 2000).

Ainda segundo esses autores, essas hierarquias sociais envolvendo relações de maior ou menor poder e status social (relações entre pessoas ou grupos do mesmo estrato social diferem das relações entre pessoas ou grupos de estratos sociais diferentes) geram os arranjos sociais e práticas culturais multidimensionais. Turiel e Wainryb (2000) colocam que os conflitos e ambivalência sociais surgem, porque os membros da cultura são ao mesmo tempo aceitadores e críticos dos arranjos sociais. Investigaram árabes drusos que vivem ao norte de Israel em uma sociedade tradicional patriarcal, na qual as mulheres aceitavam a disparidade de poder entre homens e mulheres na tomada de decisão e as diferenças de independência, ao mesmo tempo que a grande maioria delas considerava o arranjo social injusto.

Segundo Smetana (2013), os conceitos convencionais são criados na criança a partir de interações sociais que evidenciem regras, sanções e regularidades apropriadas para cada contexto social, o que demonstra, quando comparamos com o discutido na seção de anterior “3.1. Domínio Moral”, que os conceitos de moralidade constituem uma

sequência desenvolvimental diferente da sequência de desenvolvimento de conceitos e convenções sociais (Turiel, 1983).

A capacidade de diferenciação do domínio convencional com o moral é influenciada pela idade da criança. Um exemplo foi encontrado por Nucci e Turiel (1993), ao investigarem sujeitos Amish-Mennonites, judeus ortodoxos, e judeus conservadores. Encontraram diferenças qualitativas nas respostas apresentadas pelos diferentes grupos de idades: em questões morais e não morais, justificativas que utilizavam o argumento da "Lei de Deus" diminuíam com a idade, ao passo que justificativas com base nas características intrínsecas (para questões morais) e de sistemas sociais (para questões não morais) aumentavam.

Por isso os critérios desse domínio são (Smetana, 2013): consensualidade; relatividade contextual; alterabilidade; contingência a normas ou autoridades, e justificativas que ressaltem autoridade (por exemplo, alusões a regra, punição, ordem de autoridades), expectativas sociais, e manutenção da ordem social.

É possível que o tema investigado influencie as respostas dos participantes sobre os critérios, e é necessário aos pesquisadores identificar a fonte correta de autoridade ao apresentar as perguntas. Um exemplo está na descoberta de Nucci e Turiel (1993) que os participantes não validavam mudanças das regras religiosas convencionais (alterabilidade) feitas por pessoas em posição de autoridade na instituição religiosa, mas validavam quando a vontade de mudança partia de Deus, pois, para judeus ortodoxos, conservadores, e amish-mennenonites a palavra de Deus contida nos textos sagrados é a autoridade suprema.

Portanto, este domínio difere do moral, pois refere-se a um sistema compartilhado de significados, e o ato em si não tem força prescritiva, por seus eventos possuírem consequências que não são intrinsicamente prejudiciais aos outros. Ações diferentes, em contextos sociais diferentes, podem apresentar a mesma função simbólica ou reguladora (Nucci, 2000). Assim, as ações são determinadas por acordo, consenso ou regras institucionais, e julgadas como erradas, porém não de forma universal ou invariável.

3.3. Domínio Psicológico e Domínio Pessoal

O domínio psicológico diz respeito ao conhecimento descritivo do sujeito sobre pessoas como sistemas psicológicos, sua compreensão sobre seu próprio comportamento e o de outros, e conhecimentos sobre self, personalidade e identidade (Smetana, 2013). Segundo a autora, é a tentativa de o sujeito compreender as causas psicológicas e inferir significados que não estão dados na interação social.

Destacam-se nesse domínio as pesquisas desenvolvidas por Larry Nucci sobre do domínio pessoal. Esse compreende assuntos que tratam de privacidade, integridade corporal, preferências e escolhas sobre ações que dizem respeito apenas ao agente da ação, e por isso são entendidas como fora do âmbito da regulação social e da preocupação moral (Smetana, 2013).

Em outras palavras, a relevância e os efeitos das ações de domínio pessoal recaem primariamente sobre o autor, e não sobre outras pessoas ou estrutura social, e definem assim os aspectos privados da vida de uma pessoa, sendo o julgamento uma preferência, e não obrigação ou costume (Nucci, 1981). Além disso, ainda segundo Nucci (1981), significa que os indivíduos não legitimam regras ou leis que controlem essas ações, e as "violações" desse domínio são percebidas como as menos "erradas" se comparadas às transgressões morais e convencionais, ou como "não erradas", mesmo que a ação quebre uma norma social.

O domínio pessoal também sofre alterações em seu desenvolvimento. Um exemplo de conflito comum durante esse desenvolvimento é o de adolescentes entre 13 e 14 anos que tendem a inflar o domínio pessoal em situações complexas, podendo gerar uma confusão entre o que é direito de uma pessoa fazer no sentido moral, e o que de fato constitui uma escolha que classificaria a situação como de domínio pessoal (Nucci & Turiel, 2009). A situação que eles colocam aos participantes é uma pessoa que deixa cair 10 dólares, sem perceber; o protagonista da história percebe que a nota caiu, e os pesquisadores questionam se ele tem o direito de ficar com o dinheiro ao invés de devolver. Crianças nessa faixa etária tendem a responder que ele tem o direito de ficar com a nota, porque "não foi ele quem pegou", "está no chão então não é de ninguém", mesmo que eles reconheçam que devolver seria o correto.

Nessa situação onde o dano é ambíguo, a decisão de ficar com ou devolver o dinheiro vira uma de prerrogativa pessoal, mas os adolescentes mais velhos (16-17 anos)

já são capazes de coordenar os elementos não morais das situações de conflito enquanto encontram uma resolução moral, ao contrário das crianças (8-10 anos) que dão respostas morais, mas sem coordenar com as não morais (Nucci & Turiel, 2009).

Resumindo, os critérios identificados para o domínio pessoal são (Smetana, 2013): ações que não são certas nem erradas, incontingência a normas ou autoridades, e justificativas que ressaltem a escolha pessoal ou preferência da pessoa, atos inconsequentes para os outros, e associação com a identidade do agente.

3.4. Questões Prudenciais e Multifacetadas

Ações não sociais que se referem a questões de segurança, dano a si mesmo, conforto e saúde, envolvendo ações com consequências negativas imediatas para a pessoa, são denominadas *prudenciais* (Smetana & Asquith, 1994; Gingo, Roded & Turiel, 2017). Por possuírem essas características, são avaliadas como de jurisdição pessoal (Smetana, 2013).

Durante a adolescência existe bastante conflito entre o que é avaliado como de jurisdição dos pais ou dos filhos. Smetana e Asquith (1994) e Smetana et al. (2015) relatam que a diferença está nos adolescentes classificarem algo como de domínio pessoal, e, portanto, a autoridade dos pais não seria aceita para esse assunto, enquanto os pais a classificam como questões prudenciais, sendo sua interferência legitimada por sua responsabilidade sobre o filho. Com o avanço da idade, os filhos tendem a reportar menos legitimidade parental sobre assuntos pessoais, e temas prudenciais de risco vão sendo transformados em decisões pessoais no fim da adolescência (Smetana e Asquith, 1994).

Já outras situações podem evocar considerações de diferentes domínios, e as relações entre essas considerações podem ser de conflito ou coordenação entre os elementos contidos na situação, ou de subordinação de um conjunto de preocupações às de outro domínio (Smetana, 2013). Essas situações, classificadas como de domínios *multifacetados* ou *mistos*, apresentam, para essa autora, quatro formas: 1) *sobreposição*, em que a situação de um domínio pode produzir consequências em outros; 2) *eventos morais de segunda ordem*, em que violações de convenções sociais resultam em dano físico ou psicológico[16] aos outros; 3) *eventos ambíguos multidimensionais*, em que o

[16] Nucci (2000) inclui o sentimento de insulto para aqueles que sustentam a convenção rompida como uma possível resposta aos eventos morais de segunda ordem.

indivíduo faz diferentes atribuições de domínios para um mesmo evento, e 4) *subordinação de um domínio a outro*, no qual um tipo de preocupação é explicitamente considerada, mas rejeitada como menos saliente ou válida, ou porque as preocupações concorrentes não são reconhecidas.

Porém, segundo Nucci (2000) eventos morais de segunda ordem são um tipo de sobreposição entre os domínios moral e convencional, assim como a *mistura de domínios*, e define esta última como convenções que estão em harmonia ou conflito com preocupações morais de justiça ou direito. Conflitos e coordenação entre diferentes conceitos sociais podem demonstrar a saliência de diferentes preocupações, ou diferenças individuais nos julgamentos (Smetana, 2013), isso porque um indivíduo pode, por exemplo, reduzir um caso de sobreposição a um que é simplesmente moral ou convencional, ou se esforçar para coordenar a natureza multifacetada da questão, considerando tanto aspectos morais como não-morais em dado contexto (Nucci, 2000).

A natureza multifacetada de muitos eventos sociais é também percebida como fonte de variação desenvolvimental e contextual, e das inconsistências nos julgamentos, pois a forma como os indivíduos pesam e coordenam considerações morais e não-morais pode variar por: influências culturais; de maturidade biológica; questões individuais (como temperamento); pelos envolvidos na situação (amigos ou inimigos); posição na situação (vítima ou perpetrador); se a situação apresenta conflitos de interesses ou vários pontos de vista, e se a situação é hipotética ou um evento real (Smetana, 2013). Também podem variar com a presença de situações mitigadoras (por exemplo, se um personagem é vulnerável ou apresenta alguma deficiência) (Nucci & Turiel, 2009), ou pela posição social de poder (desfavorecidos tendem a perceber mais o aspecto moral nas situações de conflito, enquanto os privilegiados tendem a perceber o aspecto convencional e a defender a manutenção do status quo) (Nucci, 2000).

Quando sobreposições estão em harmonia, convenção e moralidade têm valores concordantes, como quando a conduta é percebida como cortês e respeitosa, ou normas e procedimentos têm aspecto moral de sustentar formas participativas de governo (Nucci, 2000). O oposto ocorre quando esses componentes estão em conflito, por exemplo, na escolha de roupas para usar em público, que, geralmente é consensual, mas pode ser fonte de debate, como foi o caso do aluno da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Nesse caso, um aluno do curso Têxtil e Moda foi à unidade da USP utilizando uma saia, e, por isso, foi alvo de ofensas anônimas pelo Facebook

(Moreno, 2013). Para algumas pessoas, a escolha do menino é uma questão moral de liberdade de expressão e igualdade de gênero, enquanto para os ofensores, existem roupas específicas para gêneros específicos e qualquer alteração dessa regra social é percebida como uma imoralidade.

Esse caso explicita como as pessoas podem estar impregnadas de um modo particular de vida e não estar cientes das implicações morais de seu sistema social (Nucci, 2000), e o intercâmbio cultural e o acesso a novas informações podem auxiliar na construção da percepção das várias facetas do contexto social. Além disso, mostra também como, dentro de um grupo social, regras não compreendidas como de manutenção da ordem social podem ser vistas pelos membros do grupo como de assunto pessoal, com alta proporção de concordância; mas, em casos que essa função social da regra é ambígua, existe maior discordância individual (Nucci, 1981).

3.5. Pressupostos Informacionais

Outra fonte de variação seriam os julgamentos informacionais, ou seja, aquilo que o sujeito acredita, correta ou incorretamente, serem os fatos sobre um dado fenômeno (Wainryb, 1991). Esses pressupostos informacionais não determinam os julgamentos morais, mas influenciam a interpretação do indivíduo sobre dado evento (Wainryb & Turiel, 1993), tanto que existiram sujeitos em Wainryb (1991) que, mesmo acreditando que adotar uma ação diferente fosse mais eficiente, e mesmo quando recebiam informação que contradissesse sua crença, não mudaram sua avaliação do ato.

Nesse estudo, a autora analisou três situações diferentes, comparando um cenário prototípico moral (PM) com um cenário em que um objetivo para a ação existe, e ele implica em um pressuposto informacional era fornecido (GD). As situações eram: 1) “um pai bater no filho por frustração, sendo que a criança não fez nada de errado (PM)” contra “um pai bater no filho por se comportar mau repetidamente”; 2) “um gerente de uma loja não entrevistar mulheres qualificadas para um emprego, porque ele não gosta de mulheres” (PM) e “um oficial do exército que se recusava a entrevistar pilotos com mais do que 40 anos para uma importante missão” (GD), e 3) “um prefeito que obrigou todas as crianças chinesas da cidade a estudar em uma escola separada, porque ele não gostava delas se misturando com as crianças que não eram chinesas” (PM) e “um prefeito que fez crianças com desenvolvimento atípico frequentarem uma escola voltada para elas” (GD).

A autora encontrou correlação significativa entre o pressuposto informacional defendido e a avaliação do ato, isso é, quando a situação GD era apresentada, ela tendia a mudar seu julgamento, quando comparada à situação PM; encontrou também julgamentos morais que independiam ou sobrepunham os pressupostos informacionais apresentados, mas esse fenômeno não foi sistemático, não foi característico de nenhuma faixa etária, e nenhum sujeito deu esse tipo de resposta para as 3 situações investigadas, e apenas 15% deram para 2 dos 3 eventos. Assim, juízos morais diferentes encontrados entre indivíduos ou grupos podem decorrer de diferenças no nível informacional e não necessariamente de valores ou princípios morais (Wainryb, 1991), sendo essa diferença bastante saliente em situações de domínio misto, como é o caso do vegetarianismo (Hussar & Harris, 2010).

Conforme destacam Wainryb e Turiel (1993), as pesquisas indicam que existe menos variação em conceitos morais do que em pressupostos informacionais, e é provável que o processo de desenvolvimento de conceitos morais difira das formas como pressupostos informacionais são adquiridos.

Como discutido na seção 3.1. deste trabalho, acredita-se que os conceitos morais sejam desenvolvidos a partir das experiências das crianças com relação ao bem-estar ou direitos dos outros, e elas formulam prescrições sobre como pessoas devem se comportar com as outras (Wainryb & Turiel, 1993).

Já os pressupostos informacionais têm origem diversa (e.g. ciência, religião), e pessoas ou grupos de uma sociedade podem discordar sobre a veracidade da informação difundida (Smetana, 2013). É provável que existam pelo menos duas formas não excludentes de aquisição de pressupostos informacionais (Wainryb & Turiel, 1993): 1) incorporação de fatos aceitos comumente, e 2) construção de conceitos ou teorização em domínios. A primeira seria a aceitação de informação elaborada por fontes externas ao sujeito, enquanto a segunda seria uma construção do próprio indivíduo.

Wainryb (1991) apresenta como método de pesquisa dos pressupostos informacionais uma avaliação direta da compreensão e interpretação do indivíduo acerca das informações oferecidas pelo contexto, ou manipulando os pressupostos informacionais relevantes e comparar situações tidas como prototípicas dos domínios com os de assuntos controversos, por exemplo, “bater em uma criança” e “bater em uma criança, porque ela só vai aprender assim”. Esses métodos podem elucidar as relações

entre informações contextuais e julgamentos morais, e será a base para a construção do instrumento do segundo estudo.

Retomando a discussão filosófica sobre o vegetarianismo ocidental apresentada na seção “2.1. Questões Morais de Preocupação com o Bem-estar animal”, é possível encontrar diferentes pressupostos informacionais tanto para o consumo quanto para o não consumo de carne. Engel Jr. (2016) apresenta os seguintes pressupostos informacionais:

Quadro 1

Pressupostos Informacionais para Consumo ou Não Consumo de Animais (com base em Engel Jr., 2016).

A FAVOR DO CONSUMO	CONTRA O CONSUMO
• É desnecessário matar, pois existem alternativas nutritivas à base de plantas; • Matar animais nos desumaniza; • Animais não fizeram nada que justifique esse tratamento; • Alma humana pode migrar para outras espécies de animais; • Não somos naturalmente carnívoros.	• Animais são inferiores, porque irracionais, e seu propósito é servir aos seres racionais superiores, ou seja, aos humanos; • Linguagem marca a mentalidade, a capacidade de pensar e raciocinar, então os animais não humanos não merecem consideração moral.

Conforme Wainryb (1991) demonstrou, é possível distinguir categorias ou componentes informacionais e avaliativos no raciocínio moral, e essa diferença conceitual não parece estar relacionada com a idade (mesmo que julgamentos morais e informacionais em si sofram mudanças com a idade). No tema aqui investigado, parecem haver, além dessas diferenças informacionais expostas, diferenças avaliativas no raciocínio, por seguirem princípios diferentes. Engel Jr. (2016) também apresenta a diferença de princípio moral sobre o valor intrínseco dos animais: para alguns, a senciência (i.e. capacidade de sofrer e/ou experienciar prazer ou alegria) torna um animal digno de consideração moral, tornando o princípio de “não fazer mal” estendido para todos os animais capazes de sentir/sofrer.

Percebe-se, a partir do que foi exposto nesta seção, que a consideração moral ou não do animal pode estar embasada tanto por diferenças informacionais, como por diferenças em princípios morais. No entanto, a própria inclusão ou não dos animais dentro do conceito moral de “não fazer mal” pode depender de pressupostos informacionais a respeito da senciência (se uma espécie é ou não é senciente, por exemplo).

3.6. Considerações

Os pesquisadores da Teoria dos Domínios Sociais defendem que os conceitos morais são aplicados universalmente e encontrados em todas as culturas, assim como conceitos convencionais e pessoais, mesmo que sua abrangência e conteúdo mudem (Smetana, 2013).

Como foi exposto neste capítulo, as diferentes considerações sociais, expressas pelos diferentes domínios, coexistem no indivíduo, mas a forma como essas considerações são coordenadas podem variar dependendo do desenvolvimento individual, contexto social e organização cultural (Smetana, 2013). Como diz Nucci (2000), as pessoas não inventam sua moralidade no momento da ação, mas o papel dela em determinado contexto depende da aplicação de toda a compreensão e preocupação sociais do sujeito.

A perspectiva dos domínios é capaz de expor quais elementos de uma situação complexa estão salientes para um indivíduo, e como ele os concilia ou ignora; quando o significado da ação é ambíguo, ou existe conflito entre expectativas morais e convencionais, ou preocupações morais opõem-se a fortes desejos pessoais ou pragmáticos, os indivíduos apresentam inconsistências em seu julgamento social e em suas ações (Nucci, 2000), fenômeno que talvez seja encontrado nesta pesquisa.

Um exemplo disso pode ser encontrado em Smetana e Asquith (1994) que discutem como conflitos entre pais e filhos podem decorrer da classificação de uma situação em domínios diferentes. Pais, ao definirem questões julgadas previamente como multifacetadas ou de domínio pessoal, defendiam a jurisdição parental nestes assuntos, com base em justificativas convencionais ou prudenciais, enquanto adolescentes defendiam sua independência com base no domínio pessoal. Ao mesmo tempo, questões definidas previamente como morais ou convencionais puras, apresentavam concordância entre pais e filhos sobre a legitimidade da intervenção parental.

No caso da pesquisa aqui elaborada, se o perfil de vegetarianos, veganos, e onívoros for equivalente ao encontrado nas pesquisas estrangeiras descritas no Capítulo 1 deste trabalho, é possível que os domínios aos quais vegetarianos e veganos subjugam o consumo de carne sejam moral e prudencial, a exemplo das poucas pesquisas já realizadas dentro da teoria dos domínios, por considerar as questões de bem-estar animal, bem-estar humano, questões ambientais, e preocupações com a própria saúde. Já os

onívoros, ao convencional e pessoal, com questões de tradição e costume, e prazer e preferência.

No entanto, como encontrado por Rothgerber (2014b), o grupo de semi-vegetarianos teve número equilibrado de participantes divididos entre os grupos de motivação por saúde, ética e mistura dos dois, enquanto vegetarianos estritos são desproporcionalmente mais motivados por questões éticas. Esse achado sugere que o tema do consumo de carne também pode ser tratado como fenômeno multifacetado pelos participantes.

Essa classificação em domínios diferentes pode ser parte da explicação do por que onívoros e vegetarianos discordam em suas decisões alimentares. A Teoria dos Domínios Sociais também auxilia na identificação de como diferentes grupos ou subgrupos culturais chegam a diferentes leituras de questões sociais como neutras ou carregadas de significado moral (Nucci, 2000), pois, ao aplicar seus julgamentos morais, pessoais ou convencionais as pessoas podem entrar em conflito com outras pessoas, ou com práticas culturais, podendo agir subversivamente (Turiel & Wainryb, 2000).

Soma-se a essa discussão, conforme vimos na seção 3.5, que é possível também que pressupostos informacionais estejam por trás dessas classificações em domínios diferentes, provocando heterogeneidade nos resultados encontrados, sendo necessário, portanto, verificar também a possível influência destes nos julgamentos dos participantes. Utilizando como base os estudos de Wainryb (1991), construímos um instrumento para investigar os pressupostos informacionais que giram em torno do consumo de carne e da escolha dietética dos participantes.

Desse modo, serão dois os fenômenos analisados nesta pesquisa e que interessam à Teoria dos Domínios Sociais: a possível classificação da escolha dietética em domínios sociais diferentes e os pressupostos informacionais envolvidos nessa escolha. É possível que também surjam atribuições aos domínios multifacetados, e os resultados de Hussar e Harris (2009) reforçam essas posições, mesmo considerando as diferenças metodológicas entre o presente trabalho e o deles. Detalhes metodológicos desta pesquisa serão apresentados no capítulo seguinte.

4. Método

Neste capítulo serão apresentados os delineamentos metodológicos da pesquisa, explicando o desenho do estudo, o instrumento e sua elaboração, os procedimentos de coleta, participantes e a análise de dados.

4.1. Desenho do Estudo

Para definir o desenho do estudo, foi realizada uma pesquisa rápida em bancos de dados de revistas científicas com as palavras-chave “Social Domain Theory” e “Informational Assumption” combinadas às palavras “vegetarianism” e “diet”, visando encontrar trabalhos que aliassem as temáticas como proposto neste trabalho (Quadro 1). Como o objetivo não era realizar uma revisão sistemática, mas sim encontrar outros trabalhos que pudessem ter sido realizados com essa base teórica e temática, foram selecionados apenas bancos de dados conhecidos, comumente utilizados e de acesso possível pela pesquisadora.

Tabela 1

Base de dados e Palavras-Chave

Base de Dados	(“Social Domain Theory” AND “vegetarianism”)		(“Social Domain Theory” AND “diet”)		("Informational Assumption" AND "diet")		("Informational Assumption" AND "Vegetarianism")	
	Encontrados	**Relevantes**	Encontrados	**Relevantes**	Encontrados	**Relevantes**	Encontrados	**Relevantes**
ScienceDirect®	2	0	4	0	21	0	1	0
Taylor & Francis Online	0	0	0	0	0	0	0	0
Portal de Periódicos CAPES	4	0	6	1	1	0	0	0
Scielo	0	0	0	0	0	0	0	0
PubMed	0	0	0	0	2	0	0	0
Total	6	**0**	10	**1**	24	**0**	1	**0**

Os trabalhos encontrados foram considerados relevantes pelos seguintes passos eliminatórios e sucessivos: 1) leitura do título, com exclusão daqueles que aparecessem em mais de um banco de dados, que já tivessem sido incluídos no referencial teórico do trabalho, ou que apresentassem variáveis ou temas específicos que não são de interesse para a pesquisa; 2) leitura do resumo da pesquisa, com exclusão de pesquisas que mostrassem utilizar referencial teórico diferente da Teoria dos Domínios Sociais, que não incluíssem como variáveis o vegetarianismo, consumo de carne ou a dieta, e aqueles que tratassem de variáveis e temas específicos sem interesse aqui, e 3) leitura do texto, completo se necessário, para identificar os objetivos de pesquisa, referencial teórico e análises apresentadas, e, caso atendessem aos interesses da pesquisa, seriam considerados relevantes. Exemplos da triagem podem ser encontrados no Apêndice B.

Ao fim do processo, foi considerado como relevante apenas um estudo. Metzger, Babskie, Olson e Romm (2016) utilizam a Teoria dos Domínios Sociais para investigar diferenças de relato entre mães e filhos adolescentes com relação a percepção de dano, regras da família e solicitação parental para os seguintes comportamentos de risco: consumo de álcool, alimentar-se em excesso, alimentar-se pouco e comportamento on-line. Apesar de o trabalho tratar de alimentação e pressupostos informacionais, os objetivos e metodologia foram bem diferentes daqueles propostos aqui. Investigaram apenas um pressuposto informacional (percepção de dano de mães e adolescentes sobre cada atividade) por meio da pergunta “Quão danosas são as seguintes atividades?”, e essa avaliação era dada por meio de uma escala Likert de cinco pontos (de “nem um pouco danoso” até “extremamente danoso”). Não investigaram nem as justificativas para as notas, ou outros tipos de pressuposto, além de não avaliarem a questão do consumo de carne e focarem no aspecto prudencial e pessoal da alimentação.

Por outro lado, o trabalho coloca a alimentação como um elemento multifacetado, e defende que a diferença de pressupostos informacionais acatados pode ser fonte de diferentes comportamentos e julgamentos, no caso específico do estudo deles, pode ter relação com diferentes percepções sobre monitoramento parental (Metzger, Babskie, Olson & Romm, 2016). Desse modo, a pesquisa também embasa teoricamente este trabalho.

Esse levantamento foi realizado pela última vez em 28 de janeiro de 2019. Assim é possível afirmar que não existem trabalhos com a temática e objetivos aqui propostos, no limite da capacidade de acesso e de conhecimento da pesquisadora. Essa ausência de

pesquisas com o referencial teórico e temática propostos para este trabalho, somada às diferenças culturais encontradas em pesquisas anteriores sobre o fenômeno do vegetarianismo, justifica o estabelecimento de parte deste estudo como exploratória, pois visa levantar mais informações sobre o assunto, formular hipóteses e descobrir um novo enfoque para o assunto (Correia, Mesquita, Singh, Puigbonet & Rosa, 2016; Flick, 2013; Prodanov & Freitas, 2013).

Também possui um aspecto de pesquisa descritiva, pois busca descrever as características da população de estudo e do fenômeno, e estabelecer relações entre as variáveis, buscando descobrir a frequência com que ocorrem, sua natureza, suas características, causas e relações com outros fatos (Flick, 2013; Prodanov & Freitas, 2013).

4.2. Instrumento

Conforme dito na seção 1 deste trabalho, são objetivos primários desta pesquisa: 1) investigar quais os fatores e os pressupostos informacionais envolvidos na escolha dietética dos brasileiros, e 2) investigar se os julgamentos sobre consumo de carne de vegetarianos brasileiros estão mais focados em justificativas morais quando comparados aos julgamentos sobre consumo de carne de onívoros brasileiros.

O *survey* foi julgado como o tipo de instrumento ideal para atendê-los, por conseguir maior alcance e diversidade de perfis de respondentes, o que aumentaria também a probabilidade de encontrar uma variedade maior de fatores, pressupostos informacionais e tipos de justificativas para o consumo de carne entre os brasileiros. Além disso, é justificado também pela ausência de pesquisas e diferenças culturais do fenômeno estudado, conforme apresentado na seção anterior.

O instrumento foi elaborado pela pesquisadora e sua orientadora com base na literatura estrangeira que estudou o fenômeno do vegetarianismo, apresentada no capítulo 2 deste trabalho. Além disso, ele foi discutido em uma sessão de estudos por pesquisadores e estudiosos da Teoria dos Domínios Sociais, e pelos membros do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Moral do qual elas fazem parte. Ao fim do processo, o questionário ficou dividido em três partes: 1) Questionário Socioeconômico, 2) Questionário Dietético e 3) Juízo e o Consumo de Carne.

A seguir serão apresentadas as perguntas contidas no *survey*, juntamente com a razão para sua inclusão na pesquisa. Cada quadro apresenta uma seção diferente contida

no questionário, e o instrumento como foi enviado para os participantes pode ser encontrado no Apêndice A. O instrumento incluía outras perguntas além das analisadas aqui, mas pela quantidade massiva de dados e para conseguir delimitar bem o desenho deste trabalho, não foram incluídas aqui.

Abaixo estão os quadros de questões socioeconômicas e dietéticas, que buscou identificar as variáveis lugar de residência, sexo, idade, escolaridade, renda e religião. Além disso, nela estava contida a pergunta de critério de inclusão para a pesquisa, i.e., a nacionalidade do participante.

Quadro 2

Questionário Socioeconômico

PERGUNTA	VARIÁVEL	MOTIVO DA INCLUSÃO	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
1) Qual a sua nacionalidade?	Nacionalidade	Estudos indicam que existem diferenças culturais importantes entre os países. Além disso, verificará se o participante atende ao critério de inclusão da pesquisa.	Ruby e Heine (2012) Ruby et al. (2013).
2) Onde mora? (País, estado, cidade)*	Região	Dependendo do número da amostra e da quantidade de respondentes por região, pensou-se em verificar se existem diferenças entre as regiões brasileiras.	-
3) Qual seu sexo?*	Sexo	Foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres quanto ao não consumo de carne, sendo a maioria mulheres que preferem refeições sem carne. Geralmente mulheres reportam mais nojo ao pensar em se alimentar de certos animais.	Rimal (2002), Ruby (2012), Ruby e Heine (2012), Rothgerber (2014b).
4) Qual a sua idade?*	Idade	Verificar se a idade pode alterar a qualidade das respostas dadas pelos participantes, por exemplo, nos tipos de justificativas apresentadas nas questões.	Nucci e Turiel (1993)
5) Qual o seu nível de escolaridade? *	Escolaridade	Baixo nível educacional está correlacionado com o aumento das chances de optar por uma dieta onívora. Ter feito alguma graduação ou algum nível escolar mais elevado está correlacionado com maior probabilidade de preferir refeições sem carnes.	De Backer e Hudders (2015), Rimal (2002).
6) Somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?	Renda e Nível socioeconômico	O aumento da renda parece correlacionado com a preferência a não consumir carnes, e à dietas vegetarianas.	Rimal (2002)
7) Qual a sua religião? *	Religião	Algumas religiões possuem restrições sobre o consumo de carne, e a motivação pode estar associada a isso. Por outro lado, é possível que uma pessoa que se autodenomine parte de uma dessas religiões, mas não adote a dieta. Também foram encontrados em estudos com populações orientais a questão da ética da Pureza, associada ao comportamento religioso, como fator que influencia e motivação para o vegetarianismo, e em sociedades ocidentais, com o comportamento onívoro.	Ruby et al. (2013)

No Quadro 3 encontra-se o questionário dietético, que buscou identificar a dieta do participante e os fatores e os pressupostos informacionais que embasam a dieta atual.

É importante destacar que o vegetarianismo é bastante amplo e abarca um espectro muito grande de dietas. Neste trabalho foram considerados, de modo geral, os seguintes grupos, em ordem crescente de restrição: *ovolactovegetariano* (come alimentos de origem vegetal, leite e derivados, e ovos, mas não consome carnes de boi, peixe e aves), *lactovegetariano* (come alimentos de origem vegetal, leite e derivados, mas não consome ovos e carnes), *ovovegetariano* (come alimentos de origem vegetal, ovos, mas não consome carnes de boi, peixe, aves, nem leite e derivados), e *vegano*[17] (não se alimenta de ovos, leite e derivados, carnes de boi, peixes e aves).

Para os onívoros, as opções eram, também em ordem crescente de restrição: *onívora* (come alimentos de origem animal e vegetal), *não consumo de carnes apenas em dias específicos da semana* (por exemplo, segundas sem carne), *não consumo de certos tipos de carnes* (por exemplo, alimenta-se de peixe, mas não de carne bovina).

As opções foram pré-definidas no instrumento como forma de limitar as opções dietéticas e concentrar as respostas no foco do estudo que é o consumo de carne, e evitar outras dietas mais específicas, como o frugivorismo (alimentação com base apenas em frutas, verduras, legumes) e dietas "low carb" (baixa em carboidratos). Já a questão 9 ficou aberta, para garantir que não houvesse interferência por sugestão nas respostas.

[17] Apesar de o veganismo não ser considerado um tipo de dieta, e sim um estilo de vida, por atingir áreas para além da alimentação do indivíduo, escolhemos colocar "vegana" ao invés de "vegetariana estrita" nas opções, por acreditarmos ser mais facilmente associada e conhecida pelo público em geral ao não consumo de todos os alimentos de precedência animal. De toda a forma, a explicação que segue o nome da dieta pode ter facilitado a identificação do participante com seu estilo de dieta.

Quadro 3

Questionário Dietético

PERGUNTA	VARIÁVEL	MOTIVO DA INCLUSÃO	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
8) Assinale a opção que mais se aproxima de sua dieta típica: *	Dieta	Identificar a dieta do participante, no que diz respeito, principalmente, ao consumo de carne. Foram divididas em 7 opções, pois dietas mais ou menos restritas podem ter relação com outras variáveis. Além disso, as opções de dieta apresentavam sua descrição ao lado, para evitar problema de definição dos vários tipos de não consumidores de carne relatado em outras pesquisas, e padronizar respostas.	Rothgerber (2014b)
9) Quais os motivos que o/a levam a adotar sua dieta atual? *	Fatores e Pressupostos informacionais para a Dieta Atual	Os motivos relatados parecem haver correlação com o tipo de dieta adotada. Além disso, a motivação para se tornar vegetariano, se por motivos éticos, ou de saúde, influencia o processo de virar vegetariano, o comportamento dietético e ideologia. É possível que pressupostos informacionais também embasem a escolha da dieta, assim como embasam também alguns julgamentos morais.	Ruby (2012), Rothgerber (2014b), Wainryb (1991)

Foram criadas duas seções de avaliação do consumo de carne (Quadros 4 e 5), a depender da dieta assinalada para o participante no questionário dietético. Aqueles que disseram que sua dieta incluía o consumo de carnes (Onívora, Não consumo de carnes apenas em dias específicos da semana, Não consumo de certos tipos de carnes) foram encaminhados para as perguntas do “Juízo e o Consumo de Carne (não vegetarianos)” (Quadro 4), enquanto os outros foram encaminhados para as perguntas da seção “Juízo e o Consumo de Carne (vegetarianos)” (Quadro 5).

Quadro 4

Juízo e o Consumo de Carne (onívoros)

PERGUNTA	VARIÁVEL	MOTIVO DA INCLUSÃO	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
1.a.) Comer carne para você é:	Juízo Moral Sobre o Consumo de Carne	Identificar se há juízo moral sobre o consumo de carne, passo necessário para verificar o domínio ao qual o tema está submetido.	Smetana (2013)
1.b.) Por quê?	Justificativa	Complementa a verificação do julgamento da pergunta anterior, e cumpre um dos critérios de verificação de domínio.	Smetana (2013)
2) Se uma figura de referência da sua religião lhe dissesse que não consumir carne é uma forma de purificação do corpo e do espírito, você cortaria o alimento da sua dieta?*	Autoridade Religiosa	Algumas religiões possuem restrições sobre o consumo de carne, e a motivação pode estar associada a isso. Por outro lado, é possível que uma pessoa que se autodenomine parte de uma dessas religiões, mas não adote a dieta. Também foram encontrados em estudos com populações orientais a questão da ética da Pureza, associada ao comportamento religioso, como fator que influencia e motivação para o vegetarianismo, e em sociedades ocidentais, com o comportamento onívoro.	Ruby et al. (2013)
3) Quão difícil seria para você ficar um dia, toda semana, sem consumir carne (por exemplo, não comer carne todas as quartas-feiras)? *	Flexibilidade no Consumo de Carne	Pessoas que reduzem conscientemente seu consumo de carne diferem tanto de vegetarianos como de onívoros integrais. Marcam menos cuidado e empatia do que vegetarianos, e menos respeito por autoridade e status do que os onívoros integrais.	De Backer e Hudders (2015).

Em cada seção foram inseridas as perguntas que atenderão os objetivos secundários propostos (perguntas 2 em diante). Mantendo o delineamento exploratório desta pesquisa, foram inseridas essas perguntas simples, diretas e fechadas. Maiores detalhes serão discutidos na seção de Análise de Dados (4.5).

Quadro 5

Juízo e o Consumo de Carne (vegetarianos)

PERGUNTA	VARIÁVEL	MOTIVO DA INCLUSÃO	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
1) Comer carne para você é:	Juízo Moral Sobre o Consumo de Carne	Identificar se há juízo moral sobre o consumo de carne, passo necessário para verificar o domínio ao qual o tema está submetido.	Smetana (2013)
1.b.) Por quê? *	Justificativa	Complementa a verificação do julgamento da pergunta anterior, e cumpre um dos critérios de verificação de domínio.	Smetana (2013)
2) Se uma figura de referência da sua religião lhe dissesse que consumir carne é uma forma de purificação do corpo e do espírito, você adicionaria o alimento a sua dieta? *	Autoridade Religiosa	Algumas religiões possuem restrições sobre o consumo de carne, e a motivação pode estar associada a isso. Por outro lado, é possível que uma pessoa que se autodenomine parte de uma dessas religiões, mas não adote a dieta. Também foram encontrados em estudos com populações orientais a questão da ética da Pureza, associada ao comportamento religioso, como fator que influencia e motivação para o vegetarianismo, e em sociedades ocidentais, com o comportamento onívoro.	Ruby et al. (2013)
3.) Se profissionais da saúde (por exemplo, médicos e nutricionistas) lhe prescrevessem a inclusão imediata de consumo de carnes, você seguiria a recomendação? *	Autoridade Saúde	Preocupações com valor nutritivo do consumo de carne comparados ao de dietas vegetarianas parecem motivar as mudanças dietéticas de algumas pessoas.	Rimal (2002)
4.) Se fosse comprovado cientificamente que uma dieta carnívora gera menos danos ambientais do que uma dieta vegetariana/vegana, você mudaria de dieta? *	Preocupação Ambiental	A preocupação com a escassez de recursos, impactos e degradação ambientais produzidos pela produção de carnes são fatores motivacionais comuns para a adoção do vegetarianismo.	DeGrazia (2009) Engel Jr. (2016). Jamieson (2010), Ruby (2012)
5.) Se todas as carnes que chegam aos mercados fossem de animais criados livremente, e mortos por causas naturais, o consumo dessa carne seria: *	Preocupação com o Bem-estar Animal	Verificar se a percepção de ausência de dano pode influenciar a decisão sobre o não consumo de carne.	Haidt, Koller, & Dias (1993)
6.) Se você estivesse perdido em uma ilha deserta, onde os únicos alimentos possíveis fossem peixes e pequenos animais, você abandonaria naquele momento sua dieta vegetariana/vegana? *	Avaliar a Necessidade do Consumo de Carne	Verificar se a percepção de necessidade para o consumo pode influenciar a decisão do não consumo de carnes.	DeGrazia (2009)

O instrumento completo possuía mais perguntas do que aquelas escolhidas para analisar neste trabalho, mas foram retiradas por não estarem adequadas, pela opção de delineamento do estudo como exploratório descritivo, e pela dificuldade de acrescentar mais dados à análise, considerando o limite de tempo para a realização do trabalho.

4.3. Procedimentos de Coleta

O instrumento foi divulgado pelos membros do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Moral às suas redes de contatos; além disso foi divulgado em grupos de estudantes da Universidade de São Paulo, e verbalmente para pessoas em geral, pedindo também para estes que divulgasse a outras pessoas. Especificamente para garantir que participantes vegetarianos e veganos também respondam, o questionário foi divulgado também em grupos de redes sociais voltadas para essas pessoas. O questionário ficou online e aceitou respostas por um período de três meses no ano de 2018.

A exemplo de Rothgerber (2014a), a divulgação do *survey* foi feita também por meio de redes sociais, utilizando a plataforma online (Google Forms), como meio de diversificar idades e experiências para além do típico público universitário de pesquisa, pois muitas pesquisas sobre o tema utilizaram amostras com esse perfil específico.

4.4. Participantes

Participaram da pesquisa apenas brasileiros que declararam aceitar participar da pesquisa. Isso porque, conforme apresentado no Capítulo 2, os estudos sugerem diferenças culturais importantes entre os países, especialmente entre países orientais e ocidentais, e entre sociedades ditas coletivistas ou individualistas. Além disso, é de interesse realizar primeiro um levantamento amplo sobre os fatores e os pressupostos informacionais que embasam a decisão dietética apenas de brasileiros, como foi colocado nos objetivos do trabalho.

Foram excluídos três participantes que marcaram a cidade no lugar da idade, um participante que não ofereceu nenhuma justificativa nas perguntas abertas além de “.”, e duas respostas duplicadas. Assim, das 663 respostas registradas inicialmente, foram incluídas para análise apenas 657 delas. Maiores detalhes sobre os participantes estão na seção 5.1 de Caracterização da Amostra.

4.5. Análise de Dados

A análise de dados realizada é de natureza qualitativa e quantitativa, realizada em quatro momentos:

1) Análise dos Fatores

A análise dos fatores envolvidos na escolha dietética de cada participante foi realizada pela leitura da resposta apresentada para a pergunta "Quais os motivos que o/a levam a adotar sua dieta atual? * *Elenque o maior número de motivos que conseguir*" de consumidores e não consumidores de carne.

Como o objetivo era identificar os fatores envolvidos, decidiu-se contabilizar *todos* os motivos contidos na resposta de cada participante, para garantir a maior pluralidade possível de motivos e permitir identificar aqueles com maior frequência. Por esse mesmo motivo, não houve preocupação em tentar agrupar fatores, como forma também de reduzir a interferência interpretativa por parte da pesquisadora. Esse método implica na possibilidade de a soma do total de fatores relatados ser maior do que o número de participantes de cada tipo de dieta, pois cada participante poderia relatar mais do que um motivo. Os valores estão apresentados nos primeiros quadros da seção 5.2 e representam a frequência absoluta de cada fator.

A partir desses fatores, foi construído um *coding system* dos domínios sociais para classificação das respostas, e a partir destes dados, foram feitas as análises quantitativas. Como a grande maioria das respostas apresentava mais do que um fator, e a seleção do fator a ser considerado para a classificação implicaria em uma escolha da pesquisadora, o que poderia enviesar a pesquisa, então decidiu-se usar como método a seleção do primeiro fator oferecido pelo participante.

A partir desse primeiro fator, a resposta foi classificada em uma categoria elaborada segundo a Teoria dos Domínios Sociais e a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), mais especificamente a análise categorial, que visa traduzir os textos em categorias, segundo os núcleos de sentido formados pela regularidade e significado em uma categoria, conforme o quadro abaixo. Essas categorias foram a chamadas de Fatores e utilizadas para análise cruzada com as demais variáveis.

Quadro 6

Categorias de Fatores Dietéticos com base na Teoria dos Domínios Sociais

Categoria	Fatores Incluídos	Justificativa	Exemplos de Respostas
Domínio Pessoal	Gosto, preferência, prazer; Escolha, vontade própria, opções; Praticidade, conveniência, conforto, cotidiano; Não sinto falta de carne, não gosto de carne e sangue;	Respostas que enfatizam a preferência e o prazer pelo consumo.	"nenhum em específico, como de tudo"; "Pela facilidade, praticidade, por gostar de comer esses alimentos"; "Acomodação e prazer"; "Inicialmente foi o fato de não gostar dos sabores das carnes, mas atualmente somam-se aspectos éticos (causa animal), ambientais e também de saúde."
Domínio Convencional	Costume, hábito, criação, cultura; Disponibilidade de alimentos; Dieta depende ou é restringida por outros membros da família.	Respostas que ressaltam os elementos tradicionais e de costume.	"Nunca comi"; "Religião"; "Costume familiar e gosto pessoal"; "Dieta desde a infância, é saboroso ao meu paladar, me sinto feliz, tenho muitas opções de alimentos."
Domínio Prudencial	Saúde, prevenção ou tratamento de doenças, qualidade de vida, controle de peso, equilíbrio nutricional; Prescrição de nutricionista ou indicação médica.	Ressaltam preocupações com seu próprio bem-estar e conforto.	"Diabetes"; "Saúde e proteção aos animais"; "Questões de saúde. Anemia. Fraqueza."
Domínio Moral	Pelo bem-estar animal, direito à vida, empatia, piedade; Preocupação com o ambiente, uso de recursos e degradação ambiental; Preocupação com o futuro coletivo, questões sociais.	Apresentam foco no bem-estar e direitos dos outros, geralmente os animais ou o ambiente.	"Libertação animal. Preservação ambiental. Saúde.", "Escravidão, crueldade animal e saúde".
Pressupostos Informacionais	Respostas que forneciam pressupostos informacionais.	Respostas apenas com os pressupostos, sem conectar com um aspecto de domínio, por exemplo, "comer carne polui o ar" sem acrescentar por que isso importa, pois, seguindo esse exemplo, poderia refletir uma preocupação com sua própria saúde, ou com o ambiente, ou com ambos.	"Informação"; "Carne é rica em proteína e fibras."; "O fato de carne vermelha ser um dos principais motivos de poluição do ar (...)."
Transição	Transição	Participantes que diziam estar em transição foram separados das outras categorias, pois suas respostas variavam entre a dieta atual e a almejada.	"Pretendo chegar ao veganismo"; "Estou tentando virar vegano. Acho muito importante cada vez mais pessoas saberem o que comem e a causa de suas escolhas para com o meio ambiente."
Outros	Necessidade não especificada, compreensível ou classificável. Foram incluídas também respostas que não apresentaram expressão quantitativa, e que não puderam ser incluídas em outras categorias.	Englobar respostas destoantes das outras e que não formavam categoria específica.	"desejo na gravidez"

Pelo fato de os participantes estarem imersos em uma mesma cultura, alguns fatores, classificados em categorias de domínio social diferentes, estão relacionadas. Por exemplo, porque a convenção para a maioria dos cidadãos brasileiros é o consumo de carne, é mais fácil também que esses alimentos sejam encontrados, o que explicaria encontrar fatores como "mais prático", "fácil" ou "conveniente" para o indivíduo manter uma dieta à base desses alimentos.

Alguns poderiam concluir a partir disso que essas justificativas deveriam ser categorizadas como de domínio convencional. No entanto, é importante ressaltar que para a Teoria dos Domínios Sociais importam quais os elementos que sobressaem na justificativa do indivíduo para sua avaliação do contexto social. A questão da facilidade, praticidade e conveniência estão mais associados aos custos pessoais para adotar outra dieta, do que às questões de tradição, cultura e expectativas sociais.

2) Análise dos Pressupostos Informacionais

Foram considerados como pressupostos informacionais referências a informações que expressassem a forma como o participante compreende a realidade, como referências a teorias, estudos científicos ou crenças metafísicas.

A análise foi feita apenas pela identificação de quais os pressupostos sustentavam a escolha dietética do brasileiro, emitidos espontaneamente, com a contagem de quantos participantes os evocavam em suas respostas, sendo os valores dos quadros as frequências absolutas.

Coloca-se "emitidos espontaneamente", porque foram considerados pressupostos informacionais apenas aqueles explicitados pelo sujeito. A necessidade de o pressuposto informacional ser explicitado surge no sentido de diminuir a interferência interpretativa da pesquisadora sobre as respostas, isso porque muitas vezes era possível perceber que havia um pressuposto informacional subjacente à resposta dada, mas que não poderia ser inferido com precisão.

3) Análise dos Juízos sobre o Consumo de Carne e Categorização dos Tipos de Justificativas Apresentados

Neste passo, foram analisadas as respostas para as perguntas "Comer carne para você é?" e "Por quê?", sendo as respostas para a primeira pergunta denominadas Juízos e para a segunda Justificativas.

A primeira envolveu repostas fechadas de "Certo", "Nem certo, nem errado" e "Errado", e sua análise foi realizada pela medição das frequências absolutas e sua distribuição de acordo com a dieta relatada, os fatores da dieta, e a sua justificativa do juízo sobre o consumo de carne.

Para a análise das justificativas, utilizou-se a análise categorial (Bardin, 2016) e, com base na Teoria dos Domínios Sociais, foram elaboradas as seguintes categorias:

Quadro 7

Categorias de Justificativa para o Juízo sobre consumo de carne

Categoria	Justificativa	Exemplos de Respostas
Domínio Pessoal	Respostas que façam referência à opção, escolha, preferências de cada um e aspectos hedonistas.	"Não vejo motivos para a proibição ou o estímulo. Cada um consome o que quiser, da forma que quiser. O individuo deve saber o que é melhor para ele"; "Todos temos o direito de escolher o que comer".
Domínio Convencional	Referências a tradições, costumes, hábitos sociais, e culturais.	"Cultura"; "Por hábito."
Domínio Prudencial	Foram consideradas respostas que salientassem preocupações com a própria saúde, mesmo que com base em pressupostos informacionais sobre nutrição e necessidade alimentar.	"Porque carnes são importantes fontes de substâncias essenciais para a constituição do organismo".; "Nosso corpo precisa de proteínas."
Domínio Moral	Respostas que salientassem preocupações com o bem-estar animal, ou equilíbrio ambiental, ou ambos, mesmo que por meio de pressupostos informacionais.	"Porque acho crueldade o modo como ocorre a criação e o abate dos animais que consumimos"; "Pq são animais e tem direito a vida como os humanos. Têm sentimentos, sentem dor, medo, fome, amam,.... todos têm direito a vida."
Compreensão da realidade	Demonstram diferenças na compreensão da realidade.	"Porque foi assim que evoluímos enquanto espécie."; "Não necessito ceifar uma vida, que tem sentimentos, para me alimentar."; "É alimento."; "Necessário"; "Animais não são comida."
Tolerância	Respostas que ressaltam a diferença interpretativa de cada um.	"Para MIM é errado, mas o outro comer não é errado, pois apenas a consciência que come é que pode estabelecer a si um parâmetro de julgamento moral"; "é uma escolha, assim como muitas outras, que não deve ter um juizo moral generalizado. cada pessoa que encontre o significado disto para si."

Subordinação	Subordinam questões de um domínio a outro, porque rejeitam outros tipos de preocupação como menos válidas ou salientes. Foram classificadas aqui apenas as respostas que explicitavam essas outras preocupações.	“Não penso ser correto matar outro ser apenas por prazer”; “O corpo humano é biológicamente onívoro, no entanto não precisamos e comprar carne alimenta a indústria da violência”.
Coordenação	Consideram diferentes circunstâncias do contexto social e os coordenam em harmonia para uma resposta.	“Pois envolve uma série de questões e condições além da simples escolha por comer carne ou não, como aprendizado cultural e disponibilidade de recursos.”; “Eu como carne por costume, por sempre ter comido em casa, e por gostar de comer carne, mas entendo quem não coma. É uma questão de escolha.”; “Acredito que seja uma escolha, além de que essa escolha é culturalmente afirmada como correta.”
Conflito	O participante reconhece aspectos que apoiam e que dificultam o consumo de carne, colocando uma situação de conflito.	“Não é certo pelos animais sacrificados e não é errado porque fui criada sem acesso aos bichos e sempre comendo carne todo dia.. carne vinda da açougue... é um hábito dificil de mudar... como se a carne do açougue não fossem animais mortos”; “É certo do ponto de vista nutricional e errado do ponto de vista etico.”
Outros	Respostas que não puderam ser classificadas dentro das outras categorias foram alocadas aqui.	“Mais errado que certo.”; “Não sei dizer.”

Algumas respostas utilizavam os pressupostos informacionais já analisados no passo anterior, e por isso foram classificadas apenas no domínio com o qual se relacionavam, por exemplo, “[carne] tem proteína” foi alocada domínio prudencial, “maltratam os animais”, no domínio moral. Nesta parte, a análise foi mais complexa do que na de fatores pela quantidade de elementos que uma resposta apresentava. Para dar conta dessas diferenças, e buscando ampliar achados sobre o fenômeno, foram considerados pressupostos informacionais apenas nas categorias “Tolerância” e “Compreensão da realidade”, porque demonstravam uma dimensão ainda não explorada pela análise dos Pressupostos Informacionais.

Foi realizada também a medição de frequência de respostas para cada grupo dietético, com relação ao juízo que o participante faz sobre e para o total dos participantes utilizando estatística descritiva.

4) Análise de Variáveis Específicas do Tema

As análises desta seção foram realizadas com estatística descritiva, feita com base nas respostas às perguntas:

- "*Se uma figura de referência da sua religião lhe dissesse que (não) consumir carne é uma forma de purificação do corpo e do espírito, você cortaria o alimento da sua dieta?**" adaptada de acordo com a dieta do participante (vegetariano ou não). Uma pergunta fechada, com alternativas "Sim", "Talvez", "Não" e "Sou ateu/não tenho religião". A análise foi feita excluindo os participantes que assinalaram serem ateus ou não terem religião.
- "*Quão difícil seria para você ficar um dia, toda semana, sem consumir carne (por exemplo, não comer carne todas as quartas-feiras)? **", feita apenas para participantes que consomem carne. A pergunta era fechada em uma escala de dez pontos, na qual 1 se referia a "Nada Difícil" e 10 a "Muito Difícil".

Já as perguntas a seguir foram realizadas apenas para participantes vegetarianos. Elas avaliam a possibilidade de mudança de dieta por motivos de saúde, ambientais e por necessidade de consumo, assim como o juízo sobre o consumo de carne adquirida sem danos aos animais. Todas são perguntas fechadas, sendo que as três primeiras possuem como opções de resposta "Sim", "Talvez" e "Não", enquanto a última fica em "Certo", "Nem certo, nem errado" e "Errado".

- "*Se profissionais da saúde (por exemplo, médicos e nutricionistas) lhe prescrevessem a inclusão imediata de consumo de carnes, você seguiria a recomendação? **"
- "*Se fosse comprovado cientificamente que uma dieta carnívora gera menos danos ambientais do que uma dieta vegetariana/vegana, você mudaria de dieta?".*
- "*Se você estivesse perdido em uma ilha deserta, onde os únicos alimentos possíveis fossem peixes e pequenos animais, você abandonaria naquele momento sua dieta vegetariana/vegana? **"
- "*Se todas as carnes que chegam aos mercados fossem de animais criados livremente, e mortos por causas naturais, o consumo dessa carne seria: **"

5. Resultados e Discussão

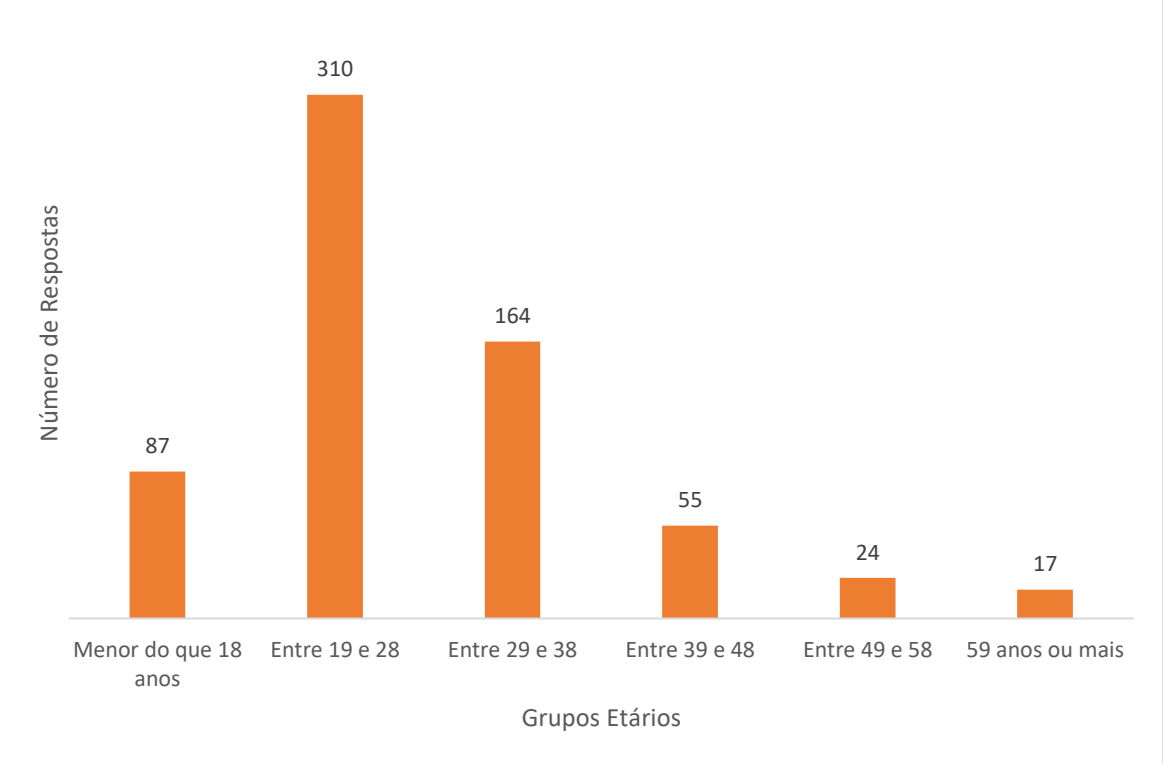
A seguir serão apresentados os resultados principais e a discussão dos mesmos. Optou-se por apresentar os dois ao mesmo tempo pela imensa quantidade de dados, e para evitar repetições. O capítulo será dividido em sete sessões: Caracterização da Amostra, Fatores Envolvidos na Escolha Dietética, Pressupostos Informacionais, Juízos e Justificativas para o Julgamento do Consumo de Carne, Variáveis Específicas da Temática, e Síntese.

5.1. Caracterização da Amostra

Ao fim da coleta de dados, ficaram um total de 657 respostas válidas, com 115 participantes indicando seu sexo como masculino (18%) e 542, feminino (82%), com 359 (55%) respostas de residentes no estado de São Paulo e 298 (45%) de fora do estado. A média de idade dos participantes foi de 28,5 anos, distribuídos segundo demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1

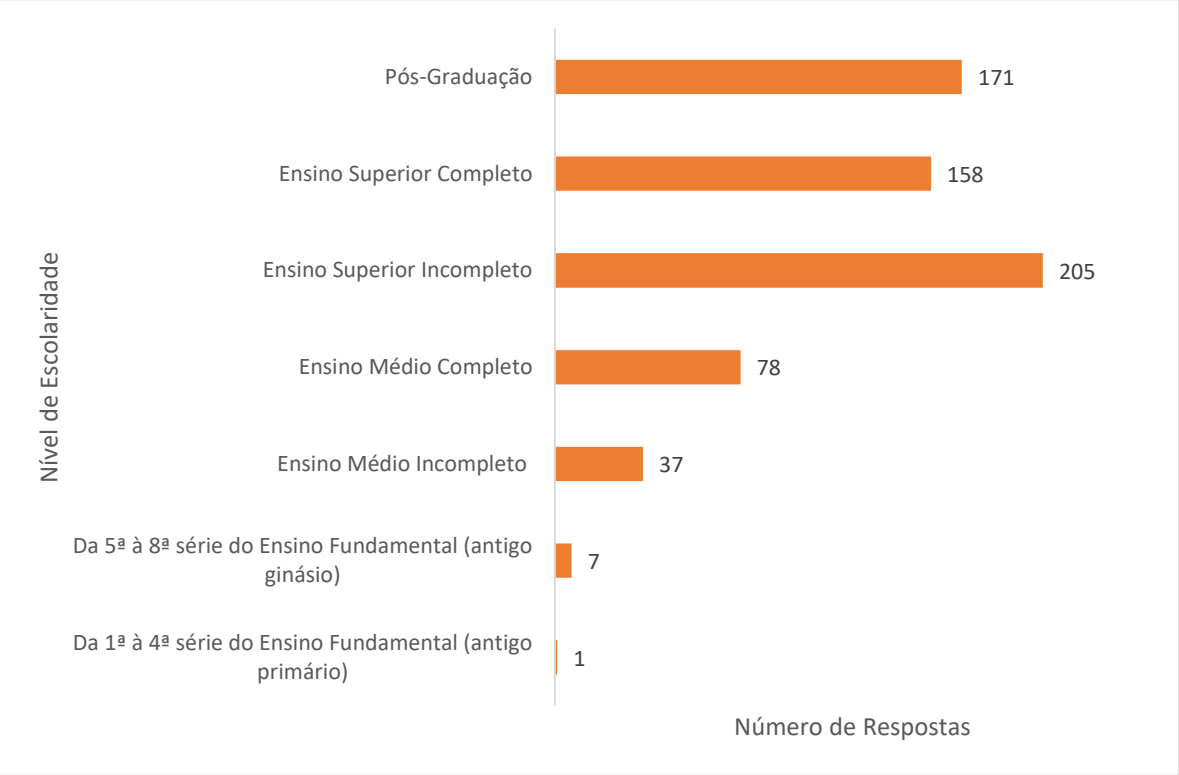
Grupo Etário



A amostra apresentou viés na escolaridade, pois 50% dos participantes possuía ensino superior completo, dos quais 26% identificou seu nível como pós-graduação (não discriminado se completo ou incompleto). No Brasil, segundo o IBGE (2019), em 2015, apenas 13% das pessoas com 25 anos ou mais apresentavam 15 anos ou mais de estudo, enquanto 30,7% ficavam de 11 a 14 anos.

Gráfico 2

Escolaridade bruto



As distribuições de todos os participantes de acordo com a escolaridade relatada podem ser encontradas no Gráfico 2, porém, para as análises estatísticas, foi utilizado o agrupamento contido na Tabela 2, no qual foram unidos os grupos do Ensino Fundamental e Ensino Médio Incompleto.

Tabela 2

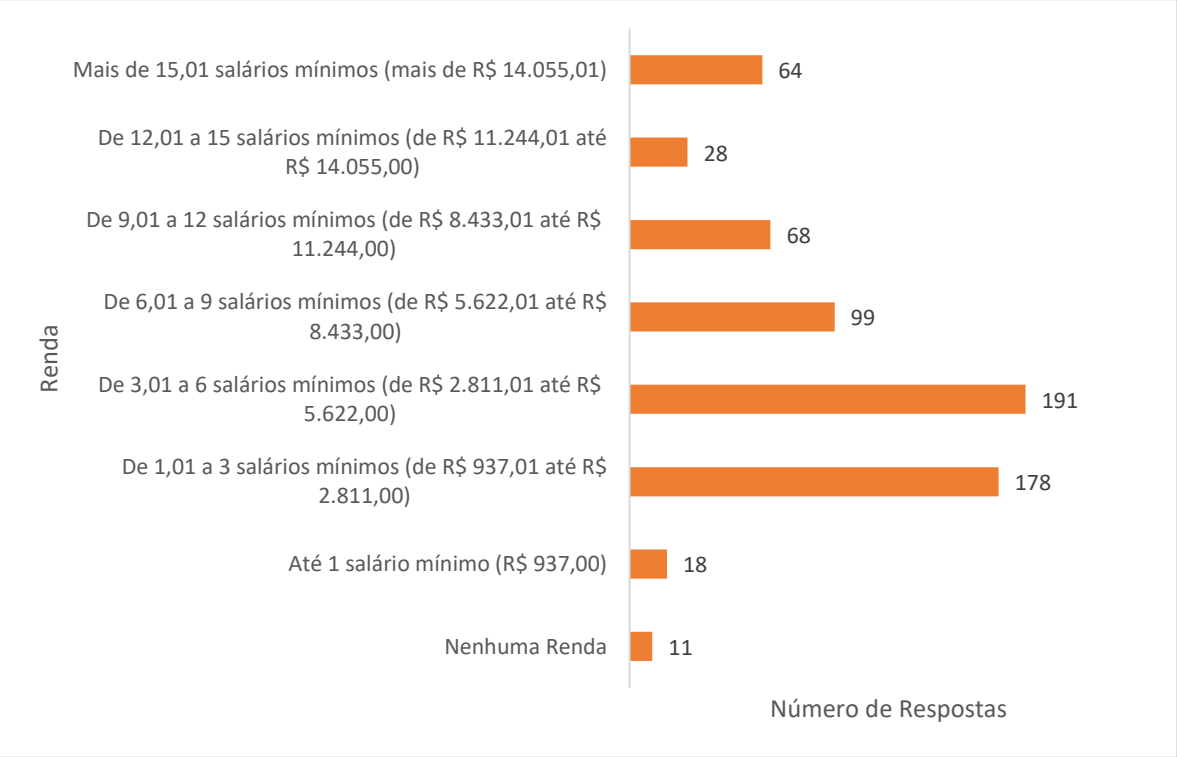
Escolaridade ajustada

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Ensino Médio Incompleto ou Menos	45	6,8	6,8	6,8
Ensino Médio Completo	78	11,9	11,9	18,7
Ensino Superior Incompleto	205	31,2	31,2	49,9
Ensino Superior Completo	158	24,0	24,0	74,0
Pós-Graduação	171	26,0	26,0	100,0
Total	657	100,0	100,0	

A média da renda dos participantes ficou na média da escala utilizada (3,5 em uma escala de 7 pontos - “nenhuma renda” e “Até 1 salário mínimo” foram unidas em uma categoria).

Gráfico 3

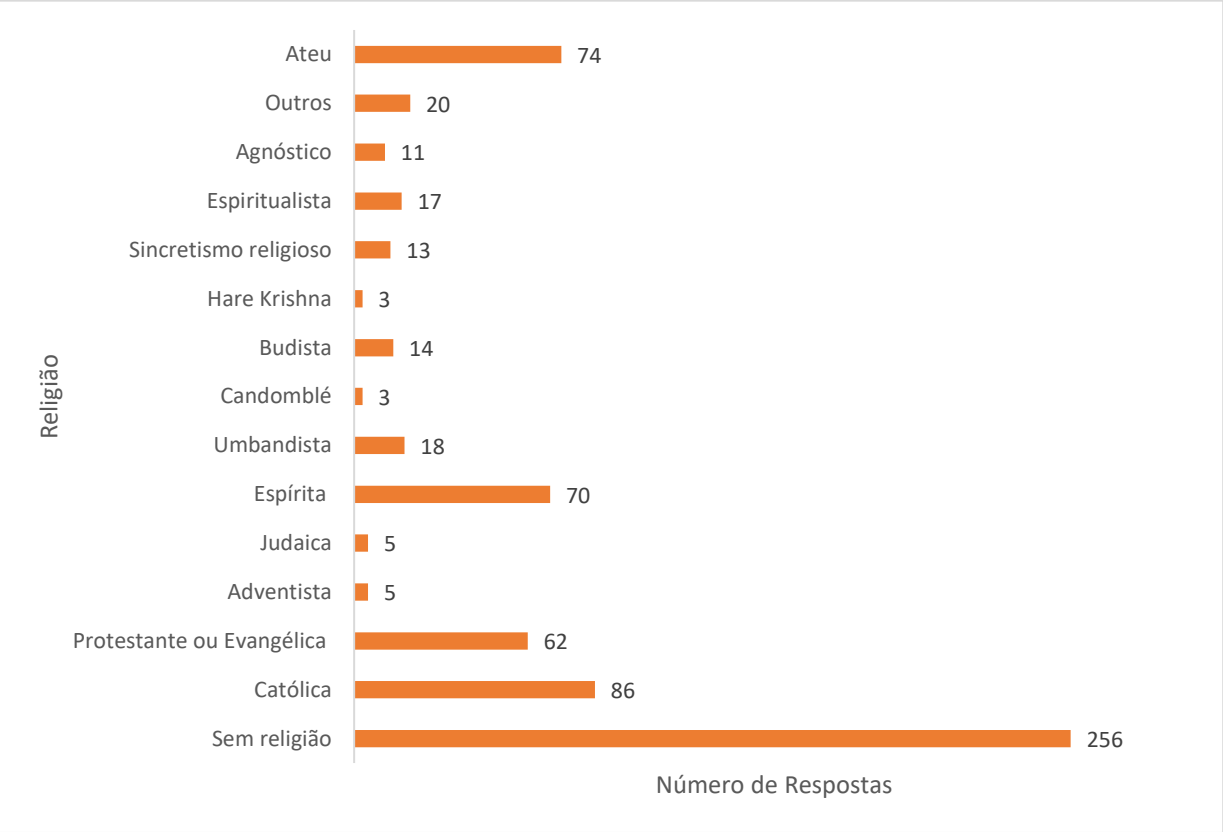
Renda



Considerando a religiosidade dos participantes (Gráfico 4), apenas os autodeclarados “Sem religião” destoaram na quantidade de respostas (39%). As categorias “Sincretismo religioso”[18], “Espiritualista”[19], “Agnóstico” e “Outros”[20] foram criadas a partir das respostas dos participantes.

Gráfico 4

Religião Bruto



[18] Quando a pessoa declara participar ou utilizar como referência em sua vida várias linhas espirituais diferentes, e os Daimistas, religião essencialmente sincrética.

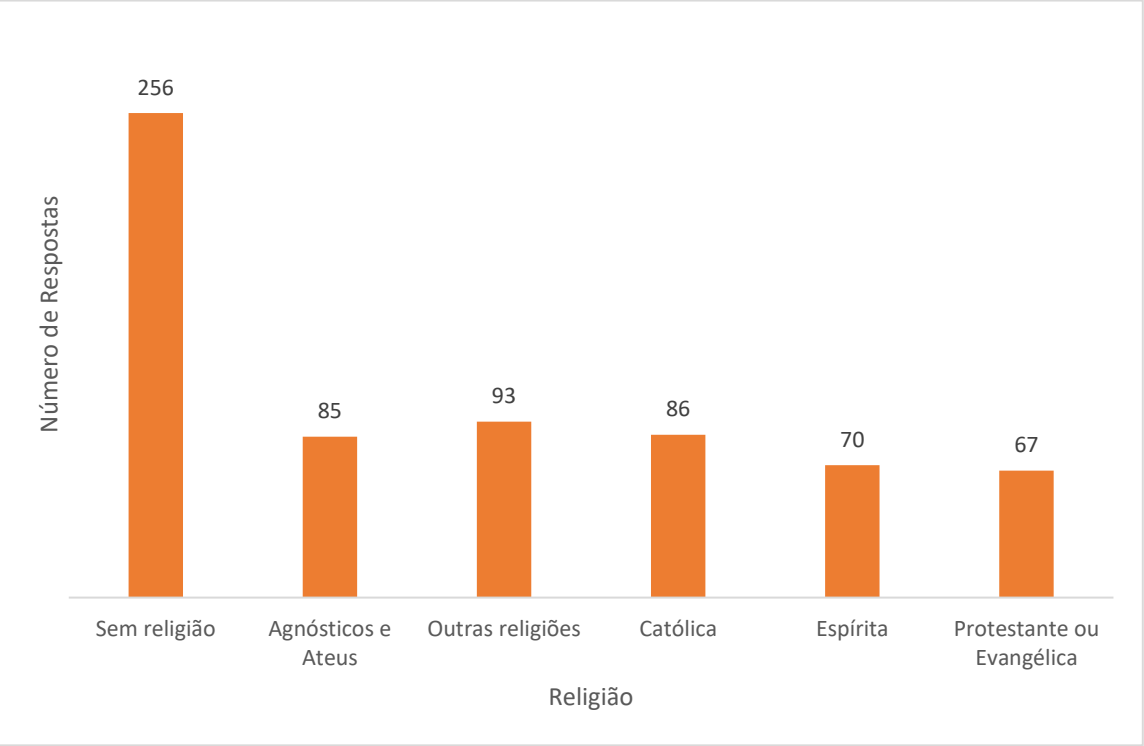
[19] Foram incluídas nessa categoria as respostas que não afirmavam uma religião, mas que incluíam um sistema ou elemento metafísico para explicar nossa realidade/ a visão de mundo do participante - e.g. "algo superior", "natureza", "energias"-, ou que utilizaram este termo para responder à pergunta

[20] Foram incluídas aqui respostas que não afirmavam nenhuma das outras opções, mas que não deixavam claro seu sistema de crenças ou a ausência de um - e.g. "Nenhuma", "Não sigo religião, mas fui batizado na católica” -, e aquelas respostas que incluíam uma religião sem número expressivo de respostas que justificasse a criação de uma categoria própria.

Para facilitar a leitura das informações, algumas categorias foram unidas, de forma que a classificação ficasse conforme a do Gráfico 5. A classe “Adventista” foi unida à “Protestante ou Evangélica”, mantendo o nome desta última; a classe “Agnóstico” juntou-se à “Ateu” formando a categoria “Agnósticos e Ateus”, enquanto as classes “Espírita” e “Católica” não sofreram alteração. Todas as outras classes religiosas foram unidas ao grupo “Outros” formando a categoria “Outras Religiões”.

Gráfico 5

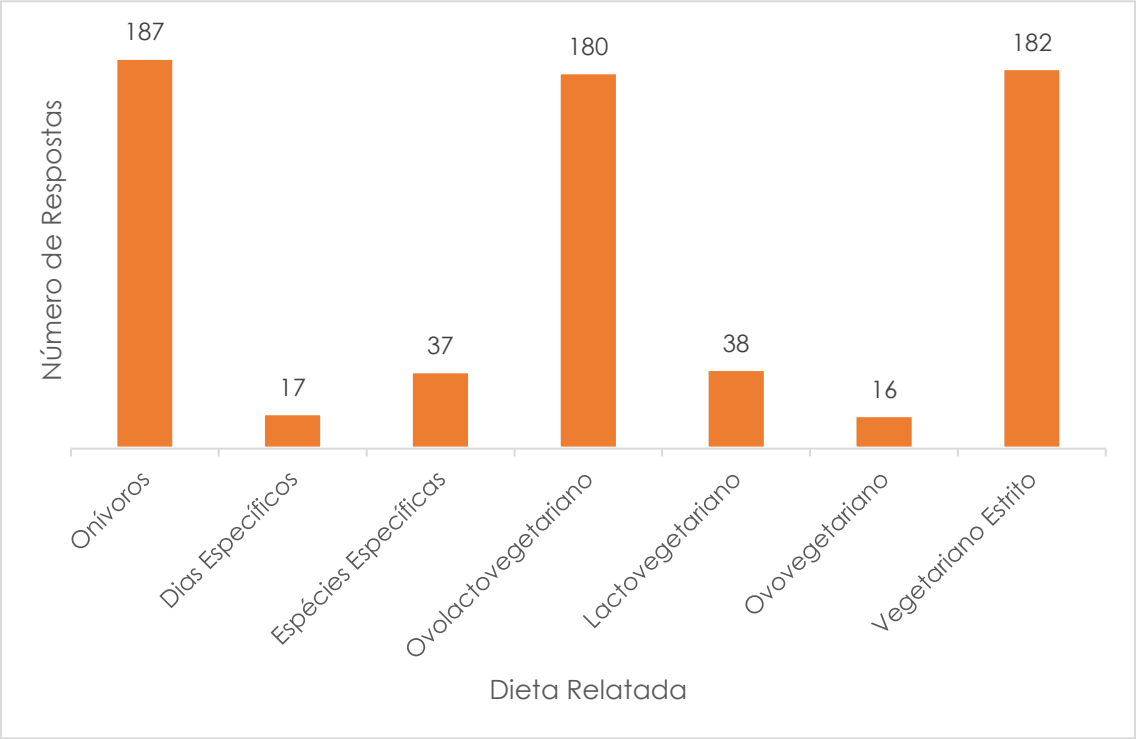
Religião com União de Grupos



Quanto à dieta, apareceram três grupos majoritários de respondentes - onívoros (28%), ovolactovegetarianos (27%) e vegetarianos estritos (27%) -, com distribuição de participantes equilibrada entre eles, conforme demonstrado no Gráfico 6. As dietas intermediárias não tiveram muitos participantes, mas são também mais específicas, o que pode ter dificultado seu acesso, pois o método de seleção de participantes foi pouco específico, visando atingir o maior número de respondentes possível. De todo modo, as respostas foram suficientes para retirar algumas informações das categorias.

Gráfico 6

Dieta dos Participantes



Assim, o perfil dos respondentes ficou bastante variado quanto ao credo ou ausência de religião e dieta, mas com uma proporção maior de mulheres, de maioria jovem, da região sudeste do país e com alta escolaridade. Os resultados não dizem muito a respeito de populações do extremo inferior da renda, da escolaridade e dos extremos da escala de idade.

5.2. Fatores Envolvidos na Escolha Dietética

A seguir serão apresentados os quadros de frequências dos fatores relatados para orientar a dieta atual dos participantes, montadas com base nas respostas para a pergunta "*Quais os motivos que o/a levam a adotar sua dieta atual? * Elenque o maior número de motivos que conseguir"*, e analisadas conforme explicado na seção 4.5.

Quadro 8

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Onívoros, n=187)

Fatores	Frequência	Exemplos de Respostas
Costume/Hábito/ Criação/Cultura	72	"Sempre experimentei todos os tipos de alimentos", "Acho carne prático de cozinhar, sou mais habituada com receitas que levam carne", "aprendi a comer assim com a minha família", "como desde criança.". "Escolha completamente cultural, aprendi a me alimentar assim com meus familiares e a exemplo da sociedade (onivoro). Sendo assim apenas sigo com esta dieta pois meus questionamentos quanto ao consumo de carne ainda não chegaram em uma conclusão"
Gosto/ Preferência/ Prazer/ Sabor/Saciar vontades	71	"Pela facilidade, praticidade, por gostar de comer esses alimentos", "É como eu me sinto bem. Não há muitos outros motivos. Eu como o que gosto.", "Prazer", "Barriga muito grande"
Saúde/Saudável/ Equilíbrio/ Prevenção ou tratamento de doenças/Qualidade de vida/ Controle de peso/ Equilíbrio nutricional	54	"Cresci comendo o q como hoje, com uma dieta variada. Além disso, tenho uma dieta proteica, no que as carnes contribuem muito", "Balanceamento de proteínas, energia, sensação de bem estar, saciar vontades, peso correto, saúde, nenhum problema médico, nenhum uso de remédios, facilidade na preparação diária de alimentos.", "Foi uma dieta indicada pela nutricionista, porque estou abaixo do peso.", "Nunca gostei muito de carne, mas como moro com minha família acabo consumindo"; "Como carne também porque desde pequena que ouço que carne é um alimento fundamental que tem inúmeros benefícios e não parei pra estudar essa temática a fundo, geralmente o que se escuta e que carne faz bem."
Facilidade/ Comodidade/ Disponibilidade de alimentos onívoros	30	"Acomodação e prazer", "Além da comodidade, sou de família que come tanto carne quanto vegetais (...).", "Praticidade, facilidade, disponibilidade de alimentos onívoros", "Fácil acesso, inclusive no que diz respeito ao preço", "É básico e posso escolher o que comer em qualquer lugar.", "Falta de opção, escolhas", "É básico e posso escolher o que comer em qualquer lugar.", "Carne além da proteína, é saborosa e tem em todo lugar que vá.".
Praticidade/ Conveniência	21	"Praticidade; não me organizar para preparar marmitas; custo.", "Acho carne prático de cozinhar, sou mais habituada com receitas que levam carne, não saberia substituir carne por vegetais (nutritionalmente falando) e há pratos com carne dos quais gosto bastante.".
Custo financeiro	18	"Saúde, variedade alimentar, facilidade de acesso, custo financeiro não muito elevado", "Fácil acesso, inclusive no que diz respeito ao preço", "realidade, praticidade, falta de grana e tempo"
Dieta depende ou é restringida por outros membros da família	8	Quando a pessoa diz que a família é uma restrição/impedimento: "opção que agrade a todos a serem alimentados", "Consumir o que os outros na casa consomem", "no caso minha família me mantem então como o que eles me proporcionam.", "Não ter renda própria para comprar meus próprios alimentos, pois vivo com muita gente de mente fechada para vegetarianismo e veganismo e ainda dependo dessas pessoas para me alimentar".
Sensação de Bem-estar/Felicidade/ Conforto	8	"Dieta desde a infância, é saboroso ao meu paladar, me sinto feliz, tenho muitas opções de alimentos.", "Me sinto bem.", "Porque neste momento para mim é a opção que mais me conforta.".
Não quero me restringir/ Várias opções de alimentos	7	"Pois sinto fome e não vejo a necessidade de me restringir aos alimentos que posso ter e comprar.", "Basicamente não gosto de ter restrições, como o que me dá vontade", "Sou um indivíduo que adoro saborear novos sabores", "Praticidade e mais opções de escolher e preparar a refeição"
Falta de tempo	7	"Consumir o que os outros na casa consomem .. Por não ter tempo de seguir a risca outras dietas ", "Preço praticidade tempo de preparo fácil armazenamento opção que agrade a todos a serem alimentados".

Variedade/ Pluralidade de sabores	5	"Cotidiano, praticidade, pluralidade de sabores", "Preferência de sabor, variedade, hábitos", "Sabor, costume, praticidade, variedade", " história de aprendizagem, condicionamento do organismo, doença estomacal, sabor da comida e variedade de opções."
Não tenho que seguir uma dieta específica	5	"Não aderir a nenhum tipo de dieta específica", "Não tenho motivos que me levam a deixar de comer determinados tipos de alimentos.", "Me sinto bem; não me faz; nem engordou nem emagreço; Não tenho restrições alimentares", "Não faço dieta."
Cotidiano	3	"A vida cotidiana", "Cotidiano, praticidade, pluralidade de sabores"
Prescrição de nutricionista/ Indicação Médica	3	"Praticidade Prescrição de nutricionista", "Hábitos familiares + indicação médica"
Falta de conhecimento para substituir/fazer receitas	2	"não saberia substituir carne por vegetais (nutritionalmente falando) e há pratos com carne dos quais gosto bastante."
Nenhum específico	2	"nenhum em específico, como de tudo"
Não me importo em comer carne/Não considero errado consumir animais	2	"Não me importo em comer carne ou derivados", "Como carne porque não considero errado consumir animais "
Não compreensível	2	"Ainda não mantenho"/"Queria muito ser vegana, mas minhas condições não são muito boas para esse tipo de dieta. "
Crenças	1	"Saúde, bem-estar, crenças"
Estética	1	"A minha saúde e estética"
Falta de força de vontade	1	"Falta de força de vontade"
Frustração por não conseguir adotar outra dieta	1	"Frustração por não conseguir me tornar vegana após 9 anos de dieta ovolactovegetariana."
Fácil armazenamento	1	"fácil armazenamento"
Desejo na gravidez	1	"Tento reduzir o máximo a ingestão de carne, passei 4 anos ovolactovegetariana, mas nesta gestação estou com muita vontade de comer carne, então estou fazendo com maior frequência, cerca de 3 x na semana."
Falta de educação alimentar e conscientização em relação ao sofrimento animal	1	"falta de educação alimentar e de conscientização em relação ao sofrimento dos animais"
Total	**327**	

O Quadro 8 demonstra que os principais fatores que afetam a dieta atual dos participantes onívoros são "hábito, costume, criação e cultura" (22,02%), "gosto, preferência e prazer" (21,71%), e “saúde, equilíbrio nutricional e prevenção de doenças” (16,51%). As preocupações ambientais e com o bem-estar animal não apareceram nenhuma vez, como esperado.

A questões novas que apareceram foram a questão do custo financeiro (pressuposto informacional de que comer carne é mais barato), questão de praticidade e facilidade, disponibilidade de alimentos onívoros e liberdade de opção dos alimentos, a

dependência da própria dieta com relação ao que os outros membros da família consomem, sensação de bem-estar e conforto, falta de tempo e pluralidade de sabores.

Falta de conhecimento aparece três vezes, duas com relação ao desconhecimento de receitas vegetarianas para "substituir" a carne, e uma com relação à falta de educação alimentar e conscientização sobre o sofrimento animal. Já quando a questão de informação aparece no “não consumo de carne em dias específicos” (Quadro 9), ela não é compreensível.

Quadro 9

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Não consumo de carne em dias específicos, n=17)

Fator	Frequência	Exemplos de Respostas
Saúde/Saudável/ Controle de peso/ Equilíbrio nutricional	9	“questões de saúde, não gosto muito de carne,”, “Ter o máximo de disciplina possível, porque trabalho 40 horas semanais, manter uma rotina alimentar menos prejudicial a minha saúde”, “Saúde e emagrecimento”.
Tenho interesse pela causa dos animais/Preocupação com a crueldade animal	4	“Tenho interesse pela causa dos animais (...).”, “Escravidão, crueldade animal e saúde”.
Praticidade/ Conveniência	4	“Fui vegetariana por 8 anos, mas acabei voltando a comer carne por conveniência.. (...).”, “Gosto, comodidade, nutrientes.”
Desejo de adotar alguma dieta vegetariana/Transição	3	“Tenho vontade de me tornar vegetariana”, “Pretendo chegar ao veganismo”.
Gosto/Preferência/Prazer/ Sabor/Saciar vontades	2	“Gosto, comodidade, nutrientes.”, “Fui vegetariana por 8 anos, mas acabei voltando a comer carne por conveniência. Me sinto mal por isso, confesso... mas as vezes tenho vontade de comer certos alimentos. Agora que voltei a morar em Curitiba está mais fácil não comer carne pelas opções que mercados e restaurantes oferecem.”
Preocupação com consequências para o ambiente	2	“Estou tentando virar vegano. Acho muito importante cada vez mais pessoas saberem o que comem e a causa de suas escolhas para com o meio ambiente.”, “A indústria alimentícia é cruel com os animais e o meio ambiente”.
Falta de tempo	2	“Quando tenho tempo de cozinhar ou quando como fora, dou preferência para pratos sem produtos animais, mas quando estou sem tempo consumo o que já está pronto.”

Dieta depende ou é restringida por outros membros da família	1	“Tenho interesse pela causa dos animais, mas moro com parentes que utilizam carne e produtos animais em todas as refeições. (...).”
Não gosto muito de carne	1	“questões de saúde, não gosto muito de carne,”
Costume/Hábito/Criação	1	“O que venho comendo desde que nasci. Não há um motivo específico.”
Alimentos de origem animal me sustentam mais	1	“Consumo alimentos de origem animal pois me sustentam por mais tempo, porém tento passar alguns dias sem consumir para me habituar a não consumí-los, e também porque acredito que seja bom ao meu corpo passar alguns dias substituindo a proteína animal por vegetal.”
Disponibilidade de opções sem carne	1	“(...) Agora que voltei a morar em Curitiba está mais fácil não comer carne pelas opções que mercados e restaurantes oferecem.”
Informação	1	“Informação”.
Total	32	

Apesar do número reduzido de participantes nesta categoria, já é possível perceber diferenças com relação à dieta onívora. O principal fator relatado foi a questão da saúde (59,38%), e surgem a preocupação ambiental, com a causa animal e o desejo de adotar uma dieta vegetariana, que representam juntas 28,13% das respostas. Aparece pela primeira vez também o desgosto pela carne, apesar de apenas um participante ter falado sobre isso.

Por outro lado, os fatores de dependência de outros membros da família, "gosto, preferência e prazer", "praticidade e conveniência", "falta de tempo" e "costume" ainda aparecem e representam 28,3%. É notável que a questão da criação e do costume, fator mais relatado na dieta dos onívoros, aparece aqui apenas em uma das respostas, e, quando se analisa a resposta, parece que o participante estava falando de sua alimentação no geral, e não da prática de corte da carne em um dia específico.

Assim, os dados sugerem que a decisão de restrição do consumo em dias específicos não é familiar ou de hábitos, e sim uma decisão individual por preocupações com as causas animal e ambiental, como meio para a transição a outras dietas mais restritivas, mas, principalmente, como decisão voltada à própria saúde. Ainda aparecem algumas dificuldades relatadas pelos onívoros, como o apoio da família, disponibilidade de opções à carne e a falta de tempo.

Quadro 10

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Não consumo de certos tipos de carne, n=37)

Fator	Frequência	Exemplos de Respostas
Saúde / Controle de peso/ Não digiro bem carnes/ Prevenção de doenças	21	“Saúde(...).”, “Carne Fraca (operação PR e pegada ecologica)” “, “Carne vermelha não é digerida com facilidade pelo meu organismo. Sinto constantes incômodos ao ingerir”., “Por questão de saúde, existem estudos que mostram que uma alimentação plant based pode prevenir e em alguns casos reverter alguns tipos de doenças. Evita o envelhecimento celular, contribuindo para uma velhice mais lúcida.”
Tenho interesse pela causa dos animais/Preocupação com a crueldade com os animais/com a dor dos animais/libertação animal/ Ética e respeito aos animais	18	“(...) proteção aos animais”, “Não aceito o tipo de criação, hoje temos + animais do que gente no país. Tenho do dos animais”, “Saúde e preocupação com os animais”.
Preocupação com consequências para o ambiente	9	“Não consumo peixe pois a pesca predatória desequilibra os meios aquáticos levando muitas espécies ao caminho da extinção.”, “O fato de carne vermelha ser um dos principais motivos de poluição do ar, é mais caro, é difícil de cozinhar e estraga rapido mesmo na geladeira (moro sozinha e não gosto de mexer com carne), e alguns dizem que comer em excesso faz mal à saúde.”
Me sinto mais leve não consumindo carnes/ Mais feliz não comendo carne vermelha/ Bem-estar/Nojo/Culpa por consumir outro animal	6	“Prefiro evitar comer carnes. Não cozinho carne em casa, apenas consumo fora de casa. Faço isso por saúde. Me sinto mais leve sem comer carne. E conseguiria viver bem sem comer nenhuma carne. Não sinto grande falta. Mas em função das opções de alimentação dos lugares onde vou, quando não há uma alternativa rica em proteínas, acabo pegando a carne.”, “(...)bem estar”, “Amor e compaixão aos animais - dificuldade em digerir carne - nojo à carne..desde criança”, “Peso na consciência em comer outro animal.”
Não gosto muito de carne	5	“Não gosto de carnes vermelhas. Considero que carnes brancas são mais saudáveis.”, “Prefiro evitar comer carnes. Não cozinho carne em casa, apenas consumo fora de casa. Faço isso por saúde. Me sinto mais leve sem comer carne. E conseguiria viver bem sem comer nenhuma carne. Não sinto grande falta. Mas em função das opções de alimentação dos lugares onde vou, quando não há uma alternativa rica em proteínas, acabo pegando a carne.”, “"Primeiro: paladar, não gosto do gosto de carne vermelha Deixei a carne de porco pois eu passei a não digeri-la tão bem Sempre que possível faço refeições sem carne (frango ou peixe) pois elas me fazem bem, sinto-me mais leve e mais feliz.”
Desejo de adotar alguma dieta vegetariana/Transição	4	“(...) Contudo, nunca gostei da forma que a indústria trata e realiza seus "produtos", por esta razão, estou em fase de transição do carnismo para ovolactovegetarianismo. Ainda consumo carne branca e, raríssimas as vezes a carne vermelha. Já dei uma boa diminuída, mas ainda falta muito.”, “Estou em transição para o vegetarianismo.”

Religião/ Energias pesadas/Espiritual	4	“Religião e saúde”, “(...) o consumo de alimentos proveniente do sofrimento de um outro ser carregam uma energia pesada e isso causa um mal estar”, “Certo dia tive um sonho onde me obrigaram a caçar para comer. Fiquei com dó de matar o animal para comer, então eles pegaram minha cachorrinha, torturaram e mataram ela na minha frente. estava num lugar que parecia um matadouro com vários cachorros e outros bichos. Fiquei horrorizado por ver tudo aquilo e desde então comecei a sentir muito nojo da carne. Sem contar que vejo os sonhos como meio de comunicação com Deus e outros espíritos elevados, portanto vi isso como uma mensagem.”
Gosto/Preferência/Prazer/ Sabor/Saciar vontades	2	“Gosto pessoal.”
Indisponibilidade de alternativas vegetarianas fora de casa	1	“(...) Não sinto grande falta. Mas em função das opções de alimentação dos lugares onde vou, quando não há uma alternativa rica em proteínas, acabo pegando a carne.”
Carne vermelha é mais difícil de cozinhar	1	“(...) é difícil de cozinhar e estraga rapido mesmo na geladeira (moro sozinha e não gosto de mexer com carne), e alguns dizem que comer em excesso faz mal à saúde.”
Carne vermelha é mais cara	1	“O fato de carne vermelha ser um dos principais motivos de poluição do ar, é mais caro (...).”
Contra os métodos de produção	1	“Estudo veterinaria, e durante o curso percebi que os métodos de produção não são legais”
Costume/Hábito/Criação	1	“Cresci em uma família carnívora e o consumo de todos os tipos de carne, principalmente de boi e frango, sempre foram muito presentes em minha alimentação. (...)”
Orientação de nutricionista	1	“Ética com animais, orientação de nutricionista”
Desnecessário comer carne para nossa sobrevivência	1	“Saber que é possível viver sem comer carne de animais mortos”
Filosofia	1	“Filosofia”
Total	77	

Os participantes que não consomem um tipo específico de carne apresentam os dois primeiros fatores de maior frequência iguais aos dos participantes que não consomem em um dia específico: preocupação com a saúde (27,27% das respostas), e preocupações com a causa animal (23,38%). Já as preocupações com o ambiente sobem para a terceira posição dos fatores mais mencionados (11,70%).

Um participante levanta a questão da disponibilidade de alternativas para não consumir carnes fora de casa, questão presente nas outras duas dietas já analisada, e também por 3 ovolactovegetarianos. Não é possível saber, porém, se a questão da disponibilidade é física ou de percepção. Por exemplo, não ter conhecimentos sobre receitas vegetarianas, mesmo morando em uma cidade com variedades vegetais, e não conhecer estabelecimentos com opções vegetarianas, mesmo que eles existam na cidade, seriam indisponibilidades virtuais, porque condicionadas a percepções do sujeito.

Indisponibilidade material, seria de fato morar em uma cidade onde não existem variedades de produtos alimentares saudáveis e vegetarianos, ou não possuir os recursos para os consumir.

Um dos sujeitos onívoros respondeu que a "Disponibilidade destes alimentos em minha casa", o que sugere que a questão da disponibilidade pode estar relacionada, na realidade, a outros fatores como falta de tempo pra cozinhar, falta de planejamento da dieta, praticidade ou comodismo, entre outros fatores. É uma questão complexa, que precisaria ser investigada com maior atenção e detalhamento do que é possível realizar aqui.

O bem-estar associado ao não consumo, nojo, e "não gostar de carnes", unidos respondem por 14,30% dos fatores de participantes que não consomem certos tipos de carne. Ademais, aparecem pela primeira vez o pressuposto informacional de que é "desnecessário o consumo de carne", relatado por um sujeito, e a preocupação espiritual relacionada ao consumo de carne, pela associação entre consumo e aquisição de energias negativas ou como uma diretriz religiosa (5,20%).

Quadro 11

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Ovolactovegetarianos, n=180)

Fator	Frequência	Exemplos de Respostas
Contra maus tratos aos animais/Piedade/Respeito aos animais/Empatia/Direito à vida	147	"Respeito à vida animal", "Crueldade que os animais sofrem nas indústrias.", "Dó dos animais".
Contra danos ambientais /impactos ambientais/Consciência ambiental/Sustentabilidade	78	"Meio ambiente e preservação animal", "O meio ambiente e o amor aos animais!!", "Poluição ambiental causada pela produção de carnes, não consigo lidar com a ideia de comer um bicho."
Saúde/Meu corpo não aceita carne/Fico mais disposta não comendo	73	"Meu corpo sempre rejeitou a carne e eu sempre passei mal quando comida e tenho nojo. Depois pesquisei mais sobre a industria de ovo e leite e estou na transição para vegetarianismo estrito."
Repulsa ao sabor da carne/nojo/livrar-se do sentimento de culpa ou tristeza/ Fico mais feliz/Não me sinto bem comendo derivados de animais/Consciência limpa	20	"Empatia pelos animais, consciência de que carne ñ é comida nem saudável, nojo de carne crua", "(...) Foi a última vez. Desde então, sigo ovolactovegetariana, mas evito muito comer ovos e queijo, sinto nojo, mas ainda tenho alguns derivados na minha dieta.", "Pelos animais Sustentabilidade, Saúde, Consciência limpa"

Contra capitalismo/consumo excessivo/ Contra a indústria da carne/pecuária/ovos e leite/ alimentícia	17	“1- amor aos animais, 2- saúde, 3- meio ambiente, 4- capitalista”, “Luta anticapitalista, fim da exploração humana e animal, busca por saúde e bem estar.”, “Por amor aos animais, para me opor a industria da carne.”
Desnecessário comer carne/ os maus tratos	16	“Saúde, falta de necessidade nutricional da carne animal, importância do respeito e melhor convívio com a natureza. (...)”
Limpeza espiritual/carne tem baixa vibração/ Espiritualidade/ Evolução espiritual	13	“Espiritual”, “Carnes possuem baixa vibração. Não fazem bem e meu corpo não aceita.”
Transição para veganismo/ vegetarianismo estrito	12	“Ainda estou em transição para o veganismo, mas, a priori, decidi cortar as carnes por respeito aos animais (...).”
Não gosto de carne	8	“Desde pequena eu nunca fui de comer carne vermelha, nunca foi do meu gosto.”, “Detesto gosto de carne (...).”
Contra especismo	7	“a questão ética da sensciência/especismo (basicamente não consigo encontrar argumentos que justifiquem por quê o status moral de seres humanos e não-humanos devem ser diferentes) (...).”
Religião	5	“Compaixão pelos animais Questões ambientais Religião”, “Fui criada numa religião que encoraja que as pessoas se tornem vegetarianas, mas isso nunca me afetou muito; me tornei vegetariana porque comecei a me sentir incomodada com o fato de matarmos animais pra comer; antes de decidir parar de consumir carne, nem tinha ideia de que existia um movimento pró-libertação animal; isso também não aconteceu de uma hora pra outra, num dia foi um filme, noutro um texto, e aí eu parei pra pensar e isso me incomodava cada vez mais. Amadureci a ideia por alguns meses, tenho medo de dar passos grandes demais e ter que voltar atrás, até que decidi que a partir do início do ano de 2015 eu não comeria mais carne, só que no dia 05 daquele ano eu voltei pra casa (tinha passado o ano novo fora) e tinha uma pratada de bolinho de bacalhau. Foi a última vez. Desde então, sigo ovolactovegetariana, mas evito muito comer ovos e queijo, sinto nojo, mas ainda tenho alguns derivados na minha dieta.”
Questões sociais/ Impacto social/fome/ Contra exploração humana	5	“Preocupação com o meio ambiente, os animais , a minha saúde, as florestas e a fome mundial.”
Minutos de prazer não compensam a crueldade contra os animais/Um capricho comer carne	4	“(...) Me sinto muito bem e feliz comigo mesma ao saber que nenhum ser precisou morrer para satisfazer um capricho meu.”
Documentário/texto/filme/vídeos	4	“Vídeos mostrando o sofrimento dos aninais sendo abatidos, acreditar que me alimentando do "sofrimento" isso influenciaria minha vida energeticamente falando (...).”, “Após assistir o documentário Terráqueos”.
Senciência	3	“a questão ética da sensciência/especismo (basicamente não consigo encontrar argumentos que justifiquem por quê o status moral de seres humanos e não-humanos devem ser diferentes) + a possibilidade de levar um modo de vida mais sustentável”
Contra a objetificação dos animais	3	“O primeiro motivo é o juízo de que posso me alimentar sem tirar a vida de um animal e lhe causar sofrimento. Além disso,

		a objetificação dos animais e o modo como são tratados na cadeia produtiva são aspectos que reforçam a minha escolha, juntamente com os impactos ambientais resultantes da indústria da carne.”
Política	3	“Questoes políticas e ambientais, sou a favor da reforma agrária e acho que a monocultura e a pecuária prejudicam o meio ambiente. (...)”, “Princípios morais, éticos e políticos”
Indisponibilidade de alimentos de qualidade me impedem de ser vegana/ Dificuldade de virar vegano	2	“Não me torno vegano neste momento devido à dificuldade de organizar uma dieta sem ovo, leite e seus derivados”
Influência de conhecidos	2	“Eu me inspirei nas pessoas ao meu redor e percebi que não precisava da carne para viver, então me desafiei a parar o consumo de carnes”
Vegetarianismo é condição para um mundo melhor/ Não violência	2	“Não violência, consciência ambiental, saúde”
Animais não são alimento	2	“Animais não são comida”, “Por questão de saúde, questão ambiental, e acima de tudo: animais não são comida”.
Consciência/ Reflexão	2	“Consciência e compaixão resumem. Assim que parei para pensar eu consegui sair do automático, do consumo alienado da nossa cultura.”
Contra latifúndios	2	“Consciência do sofrimento animal nojo da indústria de carnes, sou contra o latifúndio etc”
Necessidade de melhor convívio com a natureza/ Respeito à natureza	2	“importância do respeito e melhor convívio com a natureza.”
Não sinto falta de carne	1	“Pelos animais; não sentir falta de carne”.
Cultura carnista dificulta minha dieta	1	“como a cultura da carne é das maiores do brasil, foi muuuuuito dificil. Hoje sou ovolacto mas com muita dificuldade mesmo.”
Estilo de vida	1	“Estilo de vida, saúde, evitar o sofrimento dos animais”
Filosofia	1	“Filosofia de vida e respeito aos animais”
Ideologia	1	“Ideologia, amor aos animais”
Contra o antropocentrismo e o criacionismo	1	“O submetimento das espécies animais pelo ser humano é algo absurdo, pois eles não existem para nós, assim como o mundo não existe para nós (não acredito no criacionismo e não admito o antropocentrismo). Os animais existem para si próprios, assim como o mundo, e estamos todos aqui para conviver. A consciência humana evoluiu a ponto de empatizar com o sofrimento alheio, portanto, comer um animal como se fosse um objeto torna-se àquele que reflete um ato abominável (...).”
Não acho errado comer carne	1	“Não acho errado comer carne em si, mas o modo como ela chega hoje nas nossas mesas é muito cruel e excessivo(...).”
Busca por coerência interna	1	“(...) não existe coerência em querer cuidar dos animais e comer a carne deles.”
Preferência por alimentos orgânicos ou que tenham alguma consideração pela qualidade de vida do animal.	1	“(...) Consumo ovos e leite quando como fora de casa, buscando sempre adquirir produtos orgânicos ou que tenham alguma consideração pela qualidade de vida do animal.”

Não lembro	1	“Começou com uma idéia que surgiu do nada, tanto que nem me lembro o porque pensei em parar de comer carne.”
Não gosto da ideia de comer um ser morto	1	“Diversos. A começar por não gostar da ideia de comer um ser morto (...).”
Total	443	

Alguns fatores apresentados pelos participantes falavam sobre a influência do outro na própria dieta. Apareceu relacionado a duas situações: 1) impedimento de adotar dieta por causa de familiares, ou por não apoiarem a dieta do respondente, ou por terem dificuldade de preparar a própria comida e dependerem dos outros para sua alimentação, ou 2) uma influência de conhecidos sobre a alimentação. Ruby e Heine (2012) colocam que a evidência sugere que a escolha alimentar de pessoas próximas tem mais impacto na escolha alimentar em contextos culturais coletivistas. Seriam necessárias outras pesquisas que investigassem essa influência especificamente, de modo a esclarecer como se dá a influência do outro na dieta.

Entre os ovolactovegetarianos mantém-se os três fatores mais frequentes do não consumo de certos tipos de carne, porém em hierarquia diferente: saúde cai de primeiro fator mais frequente para terceiro, com 16,48%; fator ambiental sobe da terceira para a segunda posição (17,61%), e a preocupação com os animais assume a primeira posição com 33,18%.

Questões emocionais relacionadas à repulsa ao sabor da carne ou nojo, “livrar-se do sentimento de culpa ou tristeza”, “fico mais feliz” responderam por 4,51%. O pressuposto informacional de que é desnecessário comer carne teve mesma frequência que considerações sobre nojo.

Surge entre os ovolactovegetarianos novos fatores, associados às questões sociais, políticas, econômicas e ideológicas. Os fatores “posicionamento contra o capitalismo, consumo excessivo, indústria alimentícia e agropecuária” (3,84%), “questões sociais, Impacto social, fome, contra exploração humana” (1,13%), “política” (0,68%), “contra latifúndios” (0,45%) e “ideologia” (0,23%), “preferência por alimentos orgânicos ou que tenham alguma consideração pela qualidade de vida do animal.” (0,23%) respondem juntos por 6,54% das respostas.

Essa dimensão aparece também entre *lactovegetarianos* (2,44%, "Fome mundial" e "Contra o agronegócio e seu poder político"), *ovovegetarianos* (7,5%, "Ideologia",

"Posicionamento político de não incentivar uma indústria que explora animais e não é sustentável."), e *vegetarianos estritos* (7,18%, "Distanciamento da indústria no cotidiano", "Rompimento com padrões machistas", "Anticapitalismo", "ideologia", "Fome no mundo/Combate à fome", " Questões sociais aproveitamento da terra, fome, distribuição de alimentos /Coletivas", "político", "Modo de produção/Contra a indústria produtora", "Reduzir exploração de mão de obra humana", “Consciência de consumo”).

Dowbor (2007) coloca o surgimento de uma nova cultura de consumo chamada “consumo inteligente”. Para ele, existe uma necessidade de reapropriação das transformações econômicas e sociais por parte da sociedade, e o consumo inteligente e responsável é um meio para tanto. O consumo é comparado a uma espécie de voto dado às formas de produção geradoras de menos impactos negativos e mais positivos, ou não dado aos produtos geradores de grandes impactos ambientais e irresponsáveis.

Segundo os resultados encontrados aqui, conforme as dietas se aproximam do vegetarianismo estrito, parece que há uma complexificação dos fatores que embasam a dieta. O consumo de carne parece ganhar outras dimensões de significado para além de uma fonte de alimentação, virando símbolo de posicionamento político, econômico, ideológico e moral, e essa dimensão tem importância considerável entre os vegetarianos.

Ruby (2012) cita estudos realizados com ingleses, estadunidenses, holandeses e neozelandeses que indicavam uma associação entre valores liberais, preocupação ambiental e vegetarianismo, enquanto onívoros tendem a endossar valores tradicionais, de hierarquia social, autoritarismo e dominação. Os tipos de posicionamento apresentados pelos participantes parecem ir ao encontro desses resultados, apesar de novas pesquisas investigando com maior aprofundamento poderiam acrescentar a esse achado, inclusive utilizando instrumentos de medição de empatia ou altruísmo, ambos teorizados como preditores para o vegetarianismo.

Essa complexificação se reflete na razão de fatores relatados totais por quantidade de participantes do grupo dietético. Em ordem crescente, essa razão fica: 1,74 para onívoros; 1,88 para não consumo em dias específicos; 2,08 para não consumo de tipos específicos; 2,14 para vegetarianos estritos; 2,15 para lactovegetarianos; 2,46 para ovolactovegetarianos, e 2,5 para ovovegetarianos. Como as dietas intermediárias não apresentaram quantidade similar de participantes entre si e, quando considerando todas as dietas, uma amostra bem menor, a razão maior encontrada entre os ovovegetarianos

pode ser consequência de aleatoriedade. Assim, considerando apenas as dietas majoritárias, a ovolactovegetariana assume a posição de maior relação.

Quadro 12

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Lactovegetarianos, n=38)

Fator	Frequência	Exemplos de Sujeitos
Contra Sofrimento/ Exploração animal/ Compaixão pelos animais	27	"Pelo fim do sofrimento das outras espécies"., "Desde criança não como carne inicialmente por do dos animais e ha um ano vi um vídeo sobre a indústria da carne e um da indústria do leite, ambos bem sensacionalistas e fui conversar com amigos que estudam ou ja se formaram e medicina veterinária, eles me confirmaram o que vi no video sobre os ovos, porem desmentiram sobre a indústria do leite.", "Inicialmente o motivo foi a religião (Hare Krishna), mas logo que parei com o consumo, a carne já não me fez falta e fiquei mais consciente da questão do sofrimento animal."
Saúde/ Não me sentia bem fisicamente/ Não digeria	14	"Não me sentia bem fisico/emocional comendo outros animais","Em minha família tem muitos casos de câncer, inicialmente foi pela saúde depois uniu o bem estar animal e sustentabilidade ambiental"
Degradação ambiental/Sustentabilidade	9	"No momento estou consumindo algum derivado de leite ocasionalmente, mas fui tive uma dieta vegetariana estrita durante anos, por razões éticas (sofrimento animal) e hoje em razão da degradação ambiental relacionada ao agronegócio - como o desflorestamento, abuso dos recursos hídricos, plantios transgênicos para alimentação de animais com uso massivo de agrotóxicos - e para não contribuir com seu poder político."
Me sentia mal depois de comer outros animais/ Nojo	3	"Sempre achei estranho/nojento/cruel comer a carne de outro animal. O consumo de carne é desnecessário levando em conta a exploração e escravização dos outros animais. Seres humanos não matam apenas por necessidade mas também por vaidade. As outras raças não deveriam viver em função dos humanos como se o mundo fosse direito de uma única espécie. Um mundo vegano é um mundo mais pacífico.", "A princípio, nojo, com o passar do tempo, empatia e conscientização."
Transição/Desejo de ser vegana	3	"(...) Quero mesmo é ser vegana, porém minha mãe n aceita msm e ainda dependo dos meus pais!", "(...) Não consumo mais leite e ovos há alguns meses e estou adaptando ao veganismo também devido aos animais e ser contra sua exploração. Ao meu ver, a vida é mais importante que satisfação alimentar, que é puramente uma cultura induzida e não uma satisfação em si."
Equilíbrio entre corpo e mente/ Religião/Espirituais	3	"Consciência e equilíbrio entre corpo e mente"
Não é justo provocar tanta violência contra os animais.	2	"O maior motivo é acreditar que os seres humanos não precisam mais matar ou explorar animais para sobreviver. Não é justo que continuemos provocando tanta violência contra os animais. Não há justificativa pra o ser humano continuar consumindo carnes do ponto de vista nutricional, muito pelo contrário, a carne é mais prejudicial do que benéfica. O planeta Terra também não suporta mais o nível que a exploração dos animais chegou. Por fim, o capitalismo nunca funcionou e este consumo desenfreado de carne prova isto."

Vídeos	2	“Há aproximadamente 2 anos atrás eu assisti ao documentário cowspiracy, o que me levou a assistir vários outros, e isso me fez descobrir a origem cruel de todos aqueles "alimentos" (...).”
Ética	2	“ética”
Não gosto do gosto da carne	1	“Primeiro por não gostar do gosto da carne (...).”
Contra a industrialização da comida	1	“Sou contra a industrialização da comida, quando envolve animais sou ainda mais contra.meu consumo de modo geral tenta ser de fontes menos industriais possível. (...)”
Responsabilidade sobre minha alimentação	1	“Conciencia e responsabilidade sobe o ato da alimentação, com seus impactos sociais, culturais, ambientais e éticos.”
Eu não mataria sozinha um animal para consumi-lo	1	“(...) Eu não mataria sozinha um animal e o prepararia para comer ele.”
É errado.	1	“Mudança de consciência. Ver que ta errado”
Não sinto necessidade de consumir	1	“Não consumo carnes e ovos há 10 anos, e desde pequena meus motivos são: ética, falta de necessidade de ingerir produtos de origem animal (...).”
Fome mundial	1	“Ética, meio ambiente, fome mundial, saúde, animais, revolução interior, expansão da consciência e fim do antropocentrismo”
Não é necessário	1	“Eu tinha apenas 7 anos e me recusei comer um bife de fígado por entender que eu tbm tinha um fígado e não precisava comer o de outro animal.”
Em favor da paz	1	“(...) Um mundo vegano é um mundo mais pacífico.”
Respeito pela vida	1	“Respeito a vida”
Contra o agronegócio e seu poder político	1	“No momento estou consumindo algum derivado de leite ocasionalmente, mas fui tive uma dieta vegetariana estrita durante anos, por razões éticas (sofrimento animal) e hoje em razão da degradação ambiental relacionada ao agronegócio - como o desflorestamento, abuso dos recursos hídricos, plantios transgênicos para alimentação de animais com uso massivo de agrotóxicos - e para não contribuir com seu poder político.”
Animais não são alimento	1	“Animais não são alimentos”
Dependência de familiares para a dieta	1	“(...) Quero mesmo é ser vegana, porém minha mãe n aceita msm e ainda dependo dos meus pais!”
Revolução interior e expansão da consciência	1	“Ética, meio ambiente, fome mundial, saúde, animais, revolução interior, expansão da consciência e fim do antropocentrismo”
Falta de tempo para cortar o leite completamente	1	“(...) Imediatamente me tornei vegana, porém, hoje em dia, devido a falta de tempo, não consigo preparar todas as minhas refeições, e por mais que tente, ainda acabo consumindo alguns alimentos que contêm leite.”
Contra o antropocentrismo	1	“Ética, meio ambiente, fome mundial, saúde, animais, revolução interior, expansão da consciência e fim do antropocentrismo”
Motivos econômicos	1	“Por motivos espirituais, ecológicos, econômicos e éticos”
Total	82	

Tanto lactovegetarianos (Quadro 12) quanto ovovegetarianos (Quadro 13) apresentam como dois principais fatores a preocupação com o sofrimento animal (71,05%

e 68,75%) e com a própria saúde (36,84% e 50%). A preocupação ambiental aparece como terceiro fator mais mencionado em ambas as dietas, com uma proporção maior para ovovegetarianos (37,5%) do que lactovegetarianos (23,68%).

Quadro 13

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Ovovegetarianos, n=16)

Fator	Frequência	Exemplos de Sujeitos
Tomada de consciência a respeito do sofrimento animal/ Respeito aos animais/ Compaixão pelos animais	11	"(...) tomada de consciência a respeito do sofrimento animal, não incentivar a exploração animal; meio ambiente e sustentabilidade (pegada ecológica), posicionamento político de não incentivar financeiramente uma indústria que explora animais e desrespeita a natureza.", "(...) não preciso de sofrimento animal pra ter algo pra comer. Amo muito os animais pra tratá-los como alimento."
Equilíbrio Nutricional/ Saúde/ Qualidade de vida	8	"Desequilibrio alimentar com excesso de carne no mercado, melhorar dieta", "No começo, 3 anos atras, foi mais por como os animais sao mortos, hoje alem de lutar contra a morte dos animais a carne te deixa muito pesada por motivos de hormonios que tem na carne"
Preocupação ambiental/ Respeito à natureza	6	"meu principal motivo é a sustentabilidade do planeta, ingerir carne não é sustentável pq desmata e acarreta muitos problemas pro meio ambiente, curso biologia e não acho que seja coerente seguir a carreira de bióloga e contribuir pra destruição do planeta, além disso, acredito que fazemos parte da natureza, não que mandamos nela, a causa animal também é um motivo, nenhum animal precisa morrer pra que eu me alimente."
Posicionamento político de não incentivar uma indústria que explora animais e não é sustentável.	2	"(...) E um dia meio que bateu: adianta eu reclamar de desmatamento na amazônia, se eu estou financiando isso todo dia no meu prato? Depois de pensar nisso, eu cheguei a conclusão que o que eu poderia fazer é deixar de financiar a indústria que mais polui e desmata, e a partir daí, comecei a deixar de comer produtos de origens animais aos poucos. Tenho pouco tempo dentro do veganismo, ainda me considero em transição, mas cortei ao máximo todos os produtos de origem animal. Deixei de consumir ovos e leite também."
Contra especismo	2	"COnsciência contra o especismo, saúde física e espiritual."
Religião/ Energias pesadas/Espiritual	2	"Respeito a natureza e aos animais, melhoria da saude, indicacao religiosa (...)."
Criação	2	"cultura (meus pais tb sao vegetarianos)"
Desnecessário comer carne	2	"(...), a causa animal também é um motivo, nenhum animal precisa morrer pra que eu me alimente."
Ideologia	1	"Não como carne desde criança. Ideologia. causa animal. Especismo."
É um estilo de vida	1	"Não é uma dieta, é estilo de vida (...)."
Me sinto bem	1	"(...) Me sinto bem sem leite e derivados. Consumo ovo e mel, mas com pouca frequência"
Para poder amamentar minha filha, que tem alergia ao leite.	1	"Restrição de leite para poder amamentar minha filha, que tem alergia alimentar. (...)."

Desejo de adotar dieta vegana/Transição	1	"(...) Tenho pouco tempo dentro do veganismo, ainda me considero em transição, mas cortei ao máximo todos os produtos de origem animal. Deixei de consumir ovos e leite também."
Total	40	

É interessante que, excluindo o grupo dos onívoros, em todas as outras dietas houve participantes que expressaram o desejo de mudar de dieta para uma mais restritiva quanto ao consumo de alimentos de origem animal (10,81% para não consumo de certos tipos de carne, 17,64% para não consumo de carne em dias específicos, 7,90% lactovegetarianos, e 6,25% ovovegetarianos).

Segundo Jabs et al. (1998), geralmente, a transição para dietas mais restritivas se dá gradualmente, eliminando carne vermelha, carne de frango e peixes, e depois laticínios e ovos, por permitir o desenvolvimento de estratégias, padrões de comportamento e sistemas pessoais de escolha alimentar para que a mudança ocorra sem sobrecarregar os mecanismos de enfrentamento do indivíduo. Para o autor, as mudanças abruptas podem ser mais difíceis de sustentar, pois a dieta é uma prática sustentada por processos mentais, emocionais e físicos desenvolvidos ao longo de muito tempo e embasadas por uma variedade de contextos sociais e culturais (Jabs et al., 1998).

Quadro 14

Todos os fatores relatados para orientar a dieta atual (Vegetarianos Estritos, n=182)

Fator	Frequência	Exemplos de Respostas
Ética/Contra crueldade e maus tratos aos animais/Cuidado e amor aos animais/Respeito à vida animal/ Direito dos animais/Empatia	168	"Todos os motivos que me levaram a adotar essa dieta são de cunho ético. Inicialmente (aos 15 anos) adotei a dieta vegetariana (também não consumia ovos) por sentir que o modelo produtivo da carne feria meus princípios éticos devido aos maus tratos aos animais. Pouco tempo depois, somou-se a esse aspecto o conhecimento de que o modelo produtivo também é prejudicial ao meio ambiente, e portanto não somente à toda a comunidade humana, mas também à vida de modo mais amplo. Cerca de 5 anos depois, me tornei vegana por uma questão de coerência, afinal a produção dos alimentos lácteos também faz parte dessa cadeia produtiva."
Prejudicial ao ambiente/Insustentável/Exaustão de recursos e degradação ambiental	70	"Impacto ambiental da indústria da carne, leite e ovos, crueldade em relação aos animais e não gostar de me alimentar de carne."; "Impactos ambientais; direito dos animais; melhorar minha saúde."
Saúde/ Perda de peso/ Desempenho físico/ Prevenção de doença/ Alergia	64	"Amor aos animais/Melhorar a saúde/Ajudar ao meio ambiente"; "Respeito pela vida de outros seres, cuidado com o meio ambiente e por estudos apontarem quão prejudicial pode ser para a saúde o consumo de tais produtos."

Espiritual	11	“(...) 2-compreensão espiritual (princípio de vida) de não violência comigo e com os outros e nisso inclui também outros seres diferentes da minha espécie animal.”; “(...) 5- Espiritual. Ao comer um animal você ingere a morte e todo o sofrimento envolvido na exploração dele. Além de contribuir diretamente para o sofrimento de outro ser."
Informação/Vídeos /Estudo	7	“Por meio de estudos e graças a vários documentários, percebi o quanto aquilo que nos é vendido não condiz com a propaganda e faz mal a nossa saúde, mas ingênuos, acreditamos que consumir carne, leite e derivados, faz bem, é basicamente um status social. Tendo plena consciência que eu consigo me alimentar de maneira saudável, natural e sem agredir os animais ou o meio ambiente é a melhor sensação do mundo.”; “"Visitei um abatedouro Estudei criação e produção de vacas leiteiras e galinhas poedeiras Estudei criação de porcos, frangos, bovinos, ovinos e caprinos de corte Assisti documentários sobre os efeitos na saúde e ambiente ”
Nojo de carne/Me sinto melhor não comendo	6	“Saúde, exploração animal absurda, me sinto muito melhor não comendo carne e derivados de animais”; “Saúde, bem estar, disposição, compaixão pelos outros seres.”
Questões sociais (aproveitamento da terra, fome, distribuição de alimentos) /Coletivas	6	“Libertação animal, questões ambiental e social”; “A insustentabilidade da industria de produtos de origem animal: com relação à crueldade no processo de tirar do animal algo que não nos pertence, também referente a poluição e degradação do meio ambiente e por fim do ponto de vista social, pois enquanto pessoas passam fome, a produção da carne bovina, por exemplo, demanda recursos que poderiam alimentar uma quantodade bem maior de pessoas do que a carne em si.”
Político	6	“Motivos políticos e ambientais”; “Eu me posiciono contra a exploração animal e acredito que essa seja a melhor forma de lutar contra isso. Mas o veganismo é também um posicionamento político, envolve relações, tanto nossas com os animais, quanto nossas e as grandes indústrias produtoras que impulsionam essa exploração. Além disso, existem questões a respeito da conservação do planeta também, para que a carne seja produzida, gastam-se litros de água, a poluição e desmatamento são intensos.”
Modo de produção/Contra a indústria produtora	6	“Modo de produção”; “"Comer carne não me fazia bem; Pretendo ser ativista ambiental/ambientalista; Por não concordar com a procedência da indústria da carne e laticínios; Cuidar do meio ambiente e consequentemente, dos animais”
Não gosto de carne/sangue	5	“Não acho justo ter que matar pra comer, sendo que há inúmeros alimentos vegetais nutritivos e deliciosos. Acredito que os alimentos de origem animal tragam mais malefícios que benefícios à nossa saúde. Me sinto feliz em poder ajudar a salvar animais de situações torturantes e mórbidas. Com o avanço da tecnologia nos campos que dizem respeito à saúde, alimentação e nutrição percebi que está se tornando cada vez mais fácil uma alimentação saborosa e prazerosa totalmente vegana, o que me faz ser muito grata e feliz, não sinto falta de nada.”
Reduzir exploração de mão de obra humana	5	“Sofrimento animal, exploração do meio ambiente, desmatamento, contaminação do solo etc, exploração humana nos processos de produção, prejuízos a saúde humana.”; “Respeito aos animais, preservação ambiental, evitar o trabalho escravo humano causado pela pecuária, saúde.“
Filosofia vegana	4	“A filosofia vegana, não consigo comer carnes, meio ambiente.”; “ Filosofia de vida. Por não achar justo a exploração animal. Comecei pensando que queria um mundo sem violência e decidi começar tirando todo o sofrimento do meu prato.”

Animais não são comida	4	“Animais nao sao comida!”; “ A abolição do maltrato animal, em todas suas formas. Minha saúde. Pelo planeta. Primeiramente, eu desde pequena fui vegetariana, lembro que a maior parte da minha infância. Ainda assim, como em minha familia são todos carnistas, eu voltava a comer carne por conta da hemoglobina baixa, que sempre tive. Já adulta, não comia carne ou derivados animais de forma corriqueira, então, de certa forma, ver e me conscientizarde que, carne não é carne do tipo alimento e sim do tipo animal (no sentido de, aquilo foi vivo, com um coração batendo e emoções fluindo no sangue), não foi dificil. Hoje, vegana, minha hemoglobina nunca esteve tão alta”
Religião	3	“Religião”; “Religião Escravidão animal Saúde Percebi que não preciso da morte de nenhum ser vivo para que eu possa me alimentar bem, pelo ao contrário, tenho maior índice de vida e saúde.”.
Ideologia	2	“Ética, filosófica, respeito, ideológica ”; “Ideologia, ética, moral, libertação animal, preservação do meio ambiente e saúde.“
Economia	2	“Motivos éticos, políticos, econômicos. “, “Pela dieta vegetariana estrita: causa animal, meio ambiente, distribuição de alimentos, combate ao trabalho escravo, saúde, economia, etc. Pelo veganismo enquanto estilo de vida: ética!”
Conscientização	2	“Conscientizaçao!”; “Amor aos animais, empatia e conscientização”
Fome no mundo/Combate à fome	2	“Respeito a vida, sustentabilidade, combate a fome e amor aos animais.”; “Compaixão pelos animais, consciência sobre o consumo de carne/leite/ovos afeta a minha saúde, o planeta, assim como o uso da água e a fome no mundo.”
Em favor da paz /mundo menos violento	2	“Filosofia de vida. Por não achar justo a exploração animal. Comecei pensando que queria um mundo sem violência e decidi começar tirando todo o sofrimento do meu prato.”; “-Amor aos animais -Amor ao planeta -Saúde -Ética -compaixão - justiça -paz”
Recomendação médica	1	“Há 40 dias fiz nefrectomia e na próxima semana devo operar o outro rim tbm pois tenho problemas genéticos de formação de cálculos renais. Para não sobrecarregar o rim, a Nutróloga e meus médicos me deram uma dieta restritiva à : carne, ovos, lactose, sal, embutidos, enlatados, etc. Então, virei vegana por uma questão de saúde. Não sou extremista como os demais.”
Anticapitalismo	1	“Consciência ambiental, social (concentração de muitos recursos para produção de carne), de saúde, anticapitalismo e contra sofrimento animal.”
Distanciamento da indústria no cotidiano	1	“Amor e respeito aos animais, saúde, distanciamento da influência da indústria no cotidiano, ética.”
Lógica	1	“Respeito, amor aos animais. Ética. Consciencia. Logica. Nojo.”
Bebê[21] alérgico a leite e ovo	1	“Fui ovolacto por 9 anos por não conseguir consumir carne sabendo que era um animal assim como os que tenho em casa,ja tinha pretensão de me tornar vegana, e atualmente me tornei mãe, e meu bene é alérgico a leite e ovo.”
Consciência de consumo	1	“1) Compreensão da individualidade e senciência dos animais não humanos. 2) Viver uma vida com o mínimo impacto ao todo. 3) Amor aos animais humanos e não humanos. 4) Reduzir exploração de mão de obra humana. 5) Consciência de consumo.”

[21] “Bene” pode se referir ou ao bebê e ter sido um erro de digitação, ou ao companheiro(a) da pessoa que respondeu, uma forma de apelido carinhoso. Pelo contexto, parece referir-se ao filho.

Custo da carne	1	“Tudo começou com a falta de dinheiro para comprar carne, após isso, comecei a ler e pesquisar mais, ver documentários. Meu maior motivo para largar de vez foi o fato de na minha família materna todas as mulheres tiveram câncer no estômago e mama. Achei que mudando meus hábitos tudo melhoraria”
Futuro coletivo	1	“Vontade própria, compaixão com os animais, meio ambiente e futuro coletivo”
Nunca comi	1	“Nunca comi”
Depois de perder um animal de estimação	1	“Depois de perder um animal de estimação”
Ganhei um cachorro	1	“Primeiramente ganhei um cachorro e comecei a repensar meus hábitos. Logo resolvi parar com qualquer tipo de carne, porquê não via mais sentido em beijar meu cachorro e encher a boca de outro animal morto. Eu apenas parei de ser uma pessoa hipócrita. Pouco tempo depois eu me tornei vegana. Abolindo qualquer tipo de sofrimento animal da minha vida, seja através de insumos de origem animal ou empresas que financiam crueldade, como por ex: testes em animais, rodeios, etc. Animais não foram feitos para nós servir, basicamente é isso.”
Vontade própria/Escolha	1	“Vontade própria, compaixão com os animais, meio ambiente e futuro coletivo”
Amo a culinária vegana	1	“saúde, preservação do meio ambiente, respeito aos animais, amor pela culinária vegana.”
Rompimento com padrões machistas	1	“1. Meditação não era possível comendo carne 2. Nunca gostei de carne, comia por obrigação da família 3. Rompimento com padrões culturais machistas 4. Saúde, meio ambiente e animais (todos no mesmo patamar) 5. Questões sociais como aproveitamento da terra e fome”
Praticidade	1	“Morar com um vegetariano me fez aderir ao vegetarianismo, por praticidade. Sou alérgica à leite e ovos, então resolvi me tornar vegana, tirando o mel e outros produtos de origem animal. Hoje sou vegana por convicção, não comeria produtos de origem animal mesmo que não fosse alérgica, pois não quero financiar dor e sofrimento.”
Total	390	

Entre os participantes vegetarianos estritos, apenas um participante disse nunca haver comido. Isso sugere que essa dieta é recente no Brasil, o suficiente para que a prática não tenha sido transmitida como uma convenção entre gerações. Pode ser também que a adesão dos filhos à dieta vegetariana estrita não seja alta, mas apenas estudos específicos podem investigar essas questões de aderência à dieta familiar, considerando a complexidade da escolha dietética e a convenção brasileira de consumo de carne.

A dimensão afetiva é outro fator central para a decisão dietética. Algumas respostas concentravam-se no aspecto de prazer ou repulsa pelo gosto da carne, enquanto outras envolviam emoções para além do paladar, relatando sensações de bem-estar, felicidade, conforto, culpa ou “consciência limpa”. Essa dimensão aparece em todas as dietas, mas com expressões maiores entre onívoros, cujas respostas totalizam 25,16%

associadas em sua maioria ao prazer do consumo, e não consumidores de tipos de carnes 16,88%.

É possível observar que no tema do vegetarianismo fatores espirituais ou religiosos podem sustentar tanto a não utilização de animais para alimentação (por exemplo, “porque devemos cuidar do mundo”, “a carne possui energia negativa ou é uma matéria mais densa”) quanto o seu consumo (“porque Deus colocou os animais para nos servirem”). Essa possibilidade múltipla da aplicação de pontos de crença religiosa aparece também na Teoria dos Domínios Sociais em outros temas complexos, como a exclusão por expressão de gênero e orientação sexual (Heinze & Horn, 2014), na qual justificativas para a não exclusão com base no domínio moral poderiam utilizar conceitos de igualdade humana religiosa, e justificativas para a exclusão de alvos homossexuais, o conceito da “lei de Deus”. Desse modo, importa saber, por meio de outros estudos, como os indivíduos absorvem e utilizam suas crenças, e por que alguns conceitos doutrinários são utilizados e outros não.

Já nas duas dietas intermediárias onívoras (não consumo de carne em dias específicos ou de tipos de carne específicos), o fator de saúde foi o mais mencionado, o que reflete a importância central de estudos científicos relacionando dieta e saúde para a adoção dietas mais restritivas quanto ao consumo de carne entre onívoros, e ela pode ser porta de entrada para sensibilização sobre a causa animal, como ocorreu com alguns participantes desta pesquisa.

Também é relevante, segundo os resultados encontrados, a divulgação das informações sobre a indústria da carne, ovos e leite, e a relação da alimentação com a saúde por meio de mídias (filmes e documentários) e textos, fator mencionado por 13 participantes.

A partir dos resultados é possível constatar que os principais fatores que mobilizam a escolha dietética de vegetarianos são os mesmos encontrados em pesquisas estrangeiras (Ruby, 2012; Ruby et al., 2013): preocupação com a causa animal, com saúde e meio ambiente. A preocupação mais comum para todas as dietas vegetarianas foi a causa animal, mesmo não comentada em 100% das respostas em nenhuma dieta, chegando mais próximo disso entre os vegetarianos estritos, com 92,31% dos participantes mencionando esse fator.

A preocupação com a própria saúde e a causa ambiental oscilaram de posição nas dietas. Para as vegetarianas intermediárias (lactovegetarianas e ovovegetarianas), a preocupação com a saúde aparece mais frequentemente do que a preocupação ambiental, o que pode ser consequência de desconhecimento dos impactos ambientais da produção dos ovos e leite. Entre os ovolactovegetarianos e os vegetarianos estritos, a questão ambiental foi a segunda mais mencionada, apesar de a diferença de respostas entre ambiental (38,46%) e saúde (35,16%) não ser grande para os vegetarianos estritos.

Parte da pesquisa de Rozin et al. (1997) consistiu na investigação sobre os motivos atuais de seus 109 participantes para se evitar carne, os quais precisavam para participar da pesquisa, no mínimo, consumir carnes relutantemente (i.e. não eram necessariamente vegetarianos). Sua metodologia também era diferente e consistia na avaliação pelos participantes, utilizando uma escala de 5 pontos (de "discordo muito" à "concordo muito"), de 20 motivos atuais fornecidos pelos pesquisadores para se evitar carne.

Os motivos com maior frequência de concordância, unindo "concordo muito" e "concordo" estão contidos na Tabela 3. Não foram colocadas aqui as motivações por saúde, porque a forma como foram apresentados os itens, segundo o referencial teórico desta pesquisa, os classifica como pressupostos informacionais, e, portanto, serão discutidos na seção seguinte (5.3).

Tabela 3

Motivos mais frequentes em Rozin et al. (1997) para se evitar carnes

Motivo	Proporção de concordância
"Requer a morte de animais"	64,1%
"É um desperdício de recursos comer animais ao invés de produtos vegetais, especialmente em um mundo onde as pessoas estão passando fome."	60,7%
"Aumenta a dor e o sofrimento dos animais".	59,3%
"Viola os direitos dos animais"	56,3%
"Eu não gosto do sabor da 'carne'"	39,0%

Considerando os fatores e a frequência com que apareceram na amostra brasileira, provavelmente outros itens relacionados à preocupação com o bem-estar animal teriam

uma proporção de concordância maior do que aquele referente ao desperdício de recursos, pois os fatores ambientais são o segundo ou terceiro fator mais citado entre as dietas que evitam carne, e na dieta de não consumo em dias específicos são ainda menos frequentes, ao passo que a preocupação com a causa animal é o motivo mais oferecido em todas as dietas vegetarianas, e o segundo entre as dietas intermediárias que ainda consomem carnes.

Agora, quando as respostas são classificadas em categorias fundamentadas pela Teoria dos Domínios Sociais, considerando a classificação apresentada na seção 4.5, na Tabela 4 estão contidas as frequências de respostas para cada domínio social.

Tabela 4

Frequência de fatores por domínio para todos os participantes

Fator	Frequência	Porcentagem
Domínio Pessoal	114	17,4
Domínio Convencional	71	10,8
Domínio Prudencial	93	14,2
Domínio Moral	309	47
Pressupostos Informacionais	49	7,5
Transição	13	1,2
Outros	8	2
Total	657	100

O domínio moral respondeu por quase metade da proporção de respostas, seguido pelo pessoal e prudencial.

O domínio convencional não foi tão relevante considerando o total de respostas, mas, como é possível perceber no Gráfico 7 abaixo, ele ficou concentrado na dieta onívora. Também é bastante significativa a quantidade de fatores de domínio pessoal emitidos por onívoros, responsáveis por 67% das respostas concentradas nesse domínio, valor que sobe para 77% quando combinadas às outras dietas que consomem carne.

Esses dados, combinados às frequências de todos os fatores emitidos pelos participantes onívoros (Quadro 8) corroboram a hipótese de onívoros apresentarão fatores de escolha dietética mais focados em critérios de convenção social e preferências pessoais (Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby et al., 2013; De Backer & Hudders, 2015), mesmo

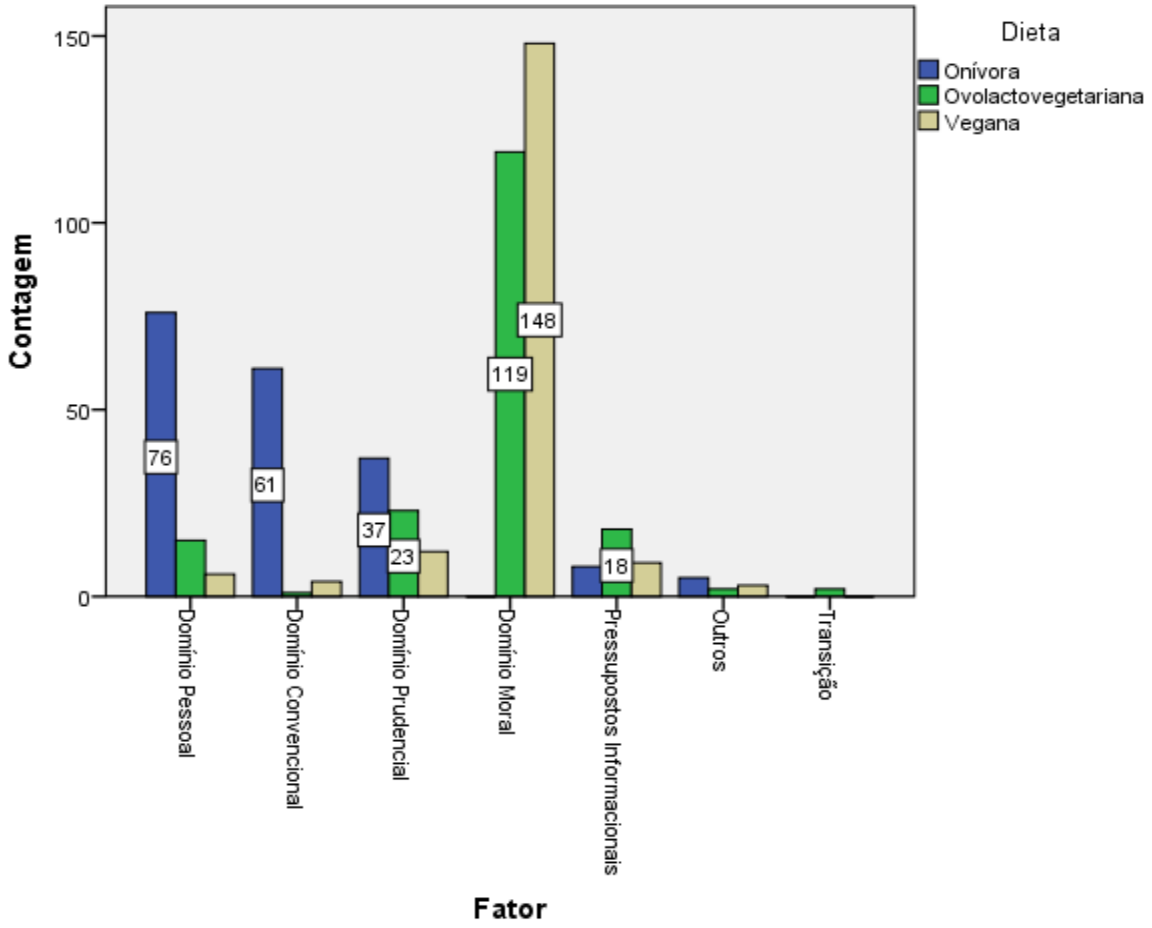
quando considerando a base teórica da Teoria dos Domínios Sociais, alinhando o fenômeno do consumo de carne brasileiro às pesquisas no exterior.

Outro aspecto que chama atenção no Gráfico 7 é a ausência de fatores morais e a relevância do domínio prudencial para a escolha dietética dos onívoros. Também é saliente que a maioria das respostas com pressupostos informacionais se deu entre os ovolactovegetarianos.

Quando consideramos todas as respostas de domínio moral de todas as dietas vegetarianas, elas são responsáveis por 99,35% das respostas desse domínio, o que corrobora a hipótese de que vegetarianos apresentarão fatores de escolha dietética mais focados em critérios morais (Rozin, Markwith & Stoess, 1997; Jabs, Devine & Sobal, 1998; Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby, 2012; Ruby et al., 2013; De Backer & Hudders, 2015).

Gráfico 7

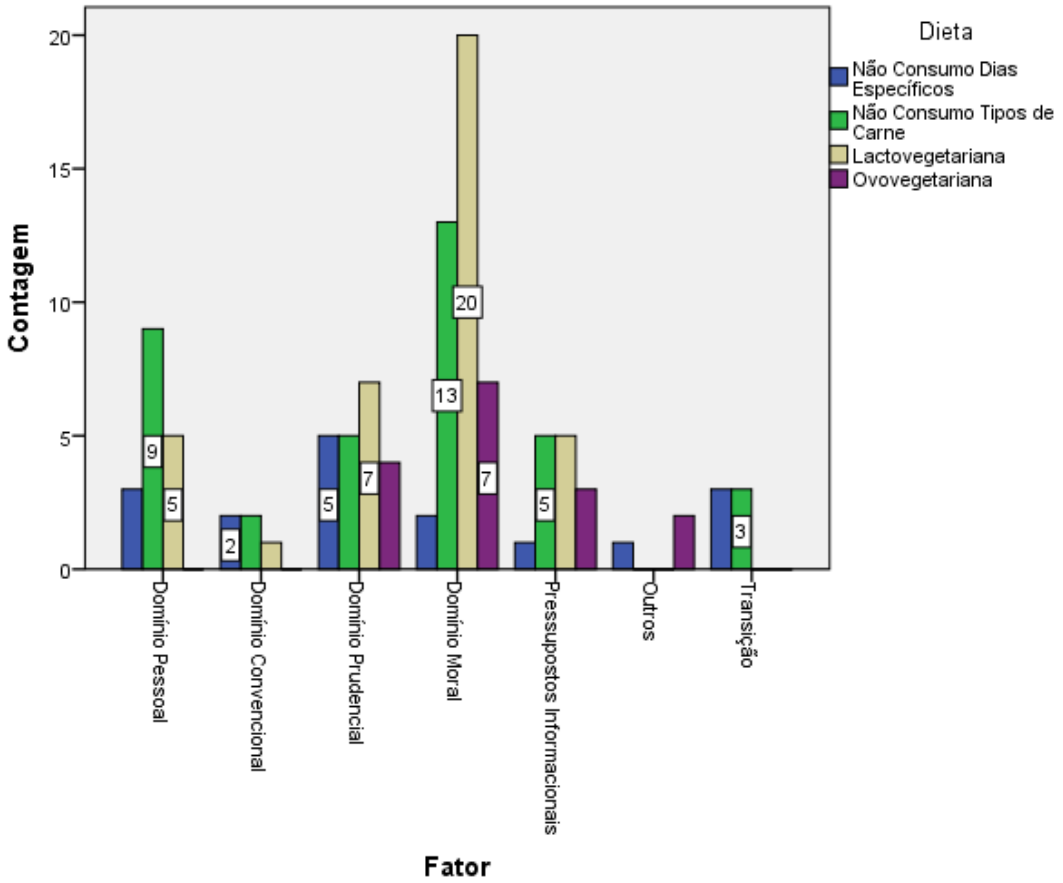
Distribuição de fatores por dieta, considerando as dietas majoritárias (Onívoro, Ovolactovegetariano e Vegetariano Estrito, n = 549)



Analisando apenas as dietas minoritárias (Gráfico 8), a distribuição dos participantes entre as categorias é mais heterogênea, com três padrões observados: a concentração de respostas dos lactovegetarianos no domínio moral, e de não consumidores de tipos de carne nos domínios moral e pessoal.

Gráfico 8

Frequência de fatores por dieta para as dietas minoritárias (Não consumo em dias específicos, Não consumo de tipos específicos, Lactovegetarianos e Ovovegetarianos)



Conforme colocam Jabs et al. (1998), a alimentação é um fenômeno complexo, moldado não apenas pela cultura e sociedade, mas também pela perspectiva psicológica individual sobre comida e alimentação. Os fatores elencados pelos participantes concordam com o posicionamento dos autores. Entre elementos de dimensão privada e social, variando entre questões práticas, psicológicas e mistas, o fenômeno da alimentação não é simples e parece bastante influenciado pela percepção da realidade de cada indivíduo.

Na seção seguinte, serão analisados os pressupostos informacionais associados à escolha dietética dos participantes.

5.3. Pressupostos Informacionais

Nas tabelas que seguem estão contidos todos os pressupostos informacionais **explicitados** nas respostas dos participantes, conforme detalhado na seção 4.5, e de acordo com a sua dieta autodeclarada, juntamente com a frequência com que apareceram. Da forma como foi decidido realizar a contagem e analisar as respostas, os pressupostos contidos nos resultados desta pesquisa provavelmente estão com valores *subestimados*.

No entanto, os tipos de pressupostos informacionais parecem não variar muito daqueles apresentados nas tabelas a seguir.

Tabela 5

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de Onívoros

Pressuposto Informacional	Frequência
1) Dietas não carnívoras não contêm a mesma quantidade de nutrientes e energia.	9
2) Dieta não onívora não é balanceada. É preciso comer de tudo um pouco.	9
3) Refeição sem carne é mais leve e não alimenta o suficiente/sustenta.	2
4) Alimentos sem carne não são tão saborosos.	2
5) Carne é um alimento fundamental que tem inúmeros benefícios/faz bem.	2
6) A carne corrige desequilíbrios energéticos e fisiológicos de forma mais rápida do que a correção por alimentações não carnívoras.	1
7) Alimentação não carnívora deve ser consumida em grandes quantidades para que satisfaça minha necessidade nutricional.	1
8) Carne ajuda a aumentar a imunidade/ alimentação sem carnes diminui a imunidade.	1
9) Cientificamente, é melhor comer carne.	1
10) Faz parte de nossa dieta/ é da natureza do homem comer carne.	1
11) Comer carne melhora a disposição física e mental.	1
12) Todos os alimentos fazem bem à saúde.	1
Total	31

Apenas um pressuposto informacional encontrado nas respostas dos onívoros diz respeito ao prazer associado ao consumo de carne, e os outros onze tipos identificados dizem respeito às crenças sobre os efeitos da alimentação com ou sem carne no organismo.

O único pressuposto encontrado entre participantes que não comem carne em dias específicos também fala sobre a relação entre consumo de carne e efeitos que ele pode gerar na saúde.

Tabela 6

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de "Não consumo em dias específicos"

	Pressuposto Informacional	Frequência
1)	Acredito que faz bem ao meu corpo passar alguns dias substituindo a proteína animal por vegetal.	1
Total		1

Entre os participantes de "não consumo de espécies específicas" (Tabela 7) houve maior diversidade de tipos de respostas. Quatro pressupostos diziam respeito a questões de saúde e três a informações sobre impactos ambientais. Os outros tipos falavam sobre a mudança gradual para transição dietética saudável, a interpretação de que a carne estraga rápido, e é mais cara, sobre seu consumo ser desnecessário, e relacionando o consumo com propriedades espirituais.

É digno de nota também que a questão da pesca predatória só foi mencionada em uma resposta. Os outros impactos ambientais ficam bastante focados no impacto do agronegócio, e mesmo a menção de efeitos na saúde se relacionam a carnes, mesmo quando analisando os fatores envolvidos na escolha dietética. Isso pode acontecer porque os peixes não mobilizam tanto respostas empáticas das pessoas (Ruby & Heine, 2012), ou pela dimensão de influência do agronegócio na cultura brasileira, conforme discutido na Introdução e no Capítulo 2.

Tabela 7

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de "Não consumo de espécies específicas"

	Pressuposto Informacional	Frequência
1)	Não precisamos comer carne para viver/para ter alimentação nutritiva.	2
2)	Carne vermelha é mais cara.	1
3)	Carnes possuem hormônios.	1
4)	Pesca predatória leva muitas espécies à extinção	1
5)	Carne vermelha é um dos principais motivos de poluição do ar.	1
6)	Carne vermelha estraga rápido, mesmo na geladeira.	1
7)	Cortar por categoria/tipo é melhor para me habituar e não adoecer	1
8)	Carne vermelha em excesso faz mal à saúde.	1
9)	Não é sustentável consumir carnes.	1
10)	Estudos científicos que mostram que alimentação à base de plantas pode prevenir e até reverter alguns tipos de doenças/Evita o envelhecimento celular, contribuindo para uma velhice mais lúcida.	1
11)	Carnes brancas são mais saudáveis	1
12)	Alimento proveniente do sofrimento de outro ser carrega uma energia pesada.	1
Total		13

Os ovolactovegetarianos (Tabela 8) apresentaram sete tipos de pressupostos informacionais sobre a relação do não consumo de carne e uma melhora na saúde ou qualidades negativas do consumo de carne (emitidos num total de 20 vezes), cinco tipos sobre os impactos da indústria no ambiente (relatadas doze vezes) e dois sobre o sofrimento animal na indústria e ser desnecessário comer carne. Os outros pressupostos incluíram a discussão sobre o status moral do animal e senciência e sobre as energias de sofrimento transmitidas pelo consumo.

Com exceção do sofrimento animal na indústria e a questão espiritual, os mesmos tipos de pressupostos apareceram entre os ovovegetarianos (Tabela 9), porém entre eles o tipo que apareceu com mais frequência foi aquele que fazia referência aos impactos ambientais negativos que a indústria gera. Isso não significa que eles não compartilhem esses pressupostos informacionais, pois é possível que não tenham sido emitidos por falta de perguntas específicas direcionadas para tanto. No entanto, considerando o conjunto de pressupostos oferecidos por todos os participantes da pesquisa, é provável que os tipos mais comuns tenham aparecido aqui.

Tabela 8

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de Ovolactovegetarianos

	Pressuposto Informacional	Frequência
1)	Todos os nutrientes de que preciso, consigo através de uma dieta à base de vegetais/ É mais saudável a dieta sem carnes/vegetariana estrita.	6
2)	Produção de carne move o desmatamento /danos aos solos/poluição.	5
3)	Especismo e a questão do status moral/ Senciência.	5
4)	Comer carne não é saudável.	4
5)	Produção de carne trata os animais de forma horrenda/cruel e dolorosa.	4
6)	Dieta do brasileiro é excessiva em derivados animais, e existem estudos que mostram que o consumo de alimentos com precedência animal não faz bem para nosso corpo.	3
7)	Alimentos produzidos com tanta dor carregam energias pesadas/infelizes.	3
8)	Pesquisas me mostraram os malefícios da indústria para o ambiente.	2
9)	Consumo e produção excessivos de animais intensifica o efeito estufa e o desmatamento.	2
10)	Produção de carne consome muita água.	2
11)	Certos legumes e vegetais são ótimos para a prevenção de algumas doenças e riscos à saúde.	2
12)	Carne vermelha causa câncer de intestino	2
13)	Injetam hormônios nos animais e eles ficam confinados, recebem alimentação inadequada (com corantes e outras coisas apenas para engordá-los). São alterados geneticamente para se adequarem às demandas do homem. São fertilizados por nós, e isso é uma invasão.	1
14)	Existem outras coisas deliciosas para comer.	1
15)	Podemos nos alimentar sem tirar a vida de um animal e lhe causar sofrimento.	1
16)	Dieta sem carne melhora o colesterol e o triglicérides.	1
17)	Cultura carnista é baseada em economia e lucro, não sobrevivência.	1
18)	Comidas vegetarianas e veganas são mais leves e não sobrecarregam meu organismo com a digestão.	1
19)	Dieta baseada apenas em carnes não é saudável	1
20)	Produção de carne leva a mau uso da vegetação.	1
Total		48

Tabela 9

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de Ovovegetarianos

	Pressuposto Informacional	Frequência
1)	Consumo de carne e leite e derivados aumenta a pegada ecológica/ Aumenta o gasto ambiental/ Gera danos ao ambiente	4
2)	Comer carnes e consumir leite e derivados é especismo.	2
3)	Não preciso comer carnes para me alimentar.	2
4)	Desmatamento é incentivado pela pecuária.	2
5)	Consumo de carnes e leite/derivados diminui a qualidade de vida e a longevidade.	1
6)	Carne tem hormônios.	1
Total		12

Entre os lactovegetarianos, apareceram três tipos de respostas sobre ser desnecessário comer carne, também presentes em outras dietas vegetarianas: pela

possibilidade de substituição por opções vegetais, por vivermos em um contexto que permite abrir mão do consumo de carne, e sobre a motivação para o consumo de carne. Considerando outras respostas do *survey*, essa motivação pode ser referência ao consumo como um luxo ou capricho, ou ao lucro como incentivador primário do consumo (como presente na Tabela 8). Além disso, aparecem a questão do impacto ambiental, sofrimento animal e efeito do consumo na saúde.

Tabela 10

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de Lactovegetarianos

	Pressuposto Informacional	Frequência
1)	Não precisamos de carne para sobreviver/ Posso substituir por outras coisas	4
2)	Agronegócio / Produção de carne desmata, abusa dos recursos hídricos, utiliza transgênicos e agrotóxicos	2
3)	Animais são torturados antes do/no abate e sofrem sua vida inteira ao longo do processo de produção.	2
4)	Seres humanos não precisam mais matar ou explorar animais para sobreviver.	1
5)	Animais sofrem como nós.	1
6)	Carne é mais prejudicial do que benéfica para a saúde.	1
7)	Amigos da veterinária confirmaram informações sobre a produção de ovos, mas desmentiram aqueles sobre a indústria do leite.	1
8)	Não matamos animais por necessidade.	1
9)	Evitar câncer	1
Total		15

O grupo dos vegetarianos estritos foi o que apresentou maior diversidade de tipos de pressupostos informacionais, bem como maior frequência de pressupostos informacionais emitidos. Portanto, mesmo que eles não tenham apresentado maior quantidade de fatores para sustentar sua dieta, foram o grupo com maior variedade de informações, considerando as dietas majoritárias.

Os principais tipos de pressupostos falavam sobre ambiente (seis tipos diferentes, com 16 relatos), ausência de necessidade para o consumo de carnes, ovos e leite e derivados (um tipo, 16 relatos) e saúde (sete tipos diferentes, com 11 relatos).

Outros tipos encontrados falavam sobre sofrimento animal na indústria, senciência, questões sociais, natureza biológica, avanço tecnológico da produção de vegetais, é mais ineficiente do ponto de vista energético e nutricional, carnes geram mais impactos, alimentam poucas pessoas, e podem ser substituídos por grãos.

Tabela 11

Pressupostos Informacionais Explicitados nas Respostas de Vegetarianos Estritos

	Pressuposto Informacional	Frequência
1)	Ninguém precisa morrer para que eu me alimente bem/ Desnecessário comer carne/ovos/leite	16
2)	Produção de carne é insustentável/ineficiente/gera muitos impactos ambientais negativos.	7
3)	Animais são sencientes e por isso merecem respeito.	6
4)	Produção de produtos lácteos/ovos faz parte da cadeia de impactos ambientais e maus tratos aos animais.	4
5)	Dieta vegana é mais saudável.	4
6)	Dieta não vegana contribui para a exploração de mão de obra humana.	3
7)	Consumo de carne está ligado a problemas sociais (aproveitamento da terra, fome, política).	3
8)	Produção de carne contribui para a crise hídrica.	2
9)	Estudos apontam como o consumo de produtos leite/ovos/carne pode ser prejudicial à saúde.	2
10)	É da natureza/biologia do homem comer apenas vegetais.	2
11)	Produção de carne/ovos/leite necessita de muitos recursos e sem gerar o mesmo retorno energético.	1
12)	Consumo massivo de carne gera muitos impactos ambientais.	1
13)	Pecuária extensiva degrada muito nosso planeta.	1
14)	Meu amor por qualquer animal é o mesmo, então não faz sentido escolher alguns para gostar e outros para comer.	1
15)	Contra especismo/ Todos os seres são importantes e têm direito a viver no planeta.	1
16)	Tive câncer na adolescência. Depois adquiri a convicção, baseada em estudo científico, de que uma alimentação baseada em proteína animal contribui para o desenvolvimento de câncer.	1
17)	O problema de hemoglobina baixa, que tive desde pequena, foi corrigido com a dieta vegana, tendo hoje valores superiores ao da época em que corrigia o problema com consumo de carne.	1
18)	Dieta vegana reduz o risco de doenças cardiovasculares.	1
19)	Avanços tecnológicos nos campos melhoram a saúde, alimentação e nutrição, além de facilitar a adoção de uma alimentação saborosa e prazerosa totalmente vegana.	1
20)	Consumo de leite e derivados está fortemente ligado ao desenvolvimento de intolerâncias e distúrbios alimentares.	1
21)	Carnes geram mais impactos, alimentam poucas pessoas, e podem ser substituídos por grãos.	1
22)	A demanda de recursos para a produção de carne bovina poderia alimentar uma quantidade bem maior de pessoas do que a carne em si.	1
23)	Agronegócio é a maior causa do efeito estufa (considerando toda a cadeia produtiva).	1
24)	Todos os nutrientes, proteínas, fibras de carnes, leites e ovos vêm das plantas.	1
25)	Dieta vegana gera menos CO2 e reduz o desmatamento.	1
Total		64

Rozin et al. (1997) também colocaram em sua pesquisa alguns itens como motivos para se evitar carnes, mas que nesta pesquisa são classificados como pressupostos informacionais (Tabela 12). A maior parte dos pressupostos informacionais que

obtiveram maior concordância entre os participantes também apareceram na amostra brasileira, com exceção do "nos rebaixarmos ao criar animais para alimentação". Como existiu a diferença de método explicada na seção 5.2, pode ser que participantes brasileiros concordariam com a afirmação caso tivessem que avalia-la, mas, de acordo com os resultados desta pesquisa, não é comum que brasileiros que evitam o consumo de carne se expressem dessa maneira.

Tabela 12

Pressupostos Informacionais em Rozin et al. (1997) para se evitar carnes.

Pressuposto Informacional	Proporção de Concordância
"Uma dieta contendo 'carne' não é tão saudável quanto uma dieta vegetariana."	76,7%
"Nós nos rebaixamos ao criar animais para alimentação, e matando-os."	49,5%
"Não é natural para pessoas comerem 'carne'; nós não somos carnívoros."	26,5%
"Carne é muito cara."	33,7%

Como o propósito deste trabalho não é analisar a validade de todos os pressupostos informacionais, e sim identificar aqueles que poderiam estar associados à escolha dietética, não será feita uma análise de cada pressuposto, porém, é possível, considerando a leitura dos mesmo e as referências bibliográficas utilizadas no Capítulo 2, afirmar que existe bastante controvérsia sobre alguns pressupostos informacionais.

Por exemplo, as respostas "Uma dieta precisa de alimentos de todos os grupos" e "Nosso organismo precisa de proteína" refletem crenças bastante difundidas em nossa sociedade acerca da necessidade nutricional do consumo de carne, como se ela provesse nutrientes exclusivos e essenciais e fosse a única fonte de proteínas acessível ao corpo humano. Se assim fosse, de certo todos os vegetarianos teriam deficiências nutricionais, e isso não se verifica na prática, considerando os posicionamentos da Associação Dietética Americana e Nutricionistas do Canadá (2003) e *Academy of Nutrition and Dietetics* (2016) aprovando essas dietas como seguras.

De todo modo, as informações levantadas pelos pressupostos informacionais têm o potencial de auxiliar na identificação de pontos de crença que podem dificultar a aceitação de determinados conceitos e a aprendizagem de outro ponto de vista ou forma

de agir, e, se abordados especificamente, pode ser que aumentem a efetividade de propostas de intervenção e educação. Essa possibilidade será mais discutida na seção 5.5.3 deste trabalho.

De acordo com as respostas fornecidas pelos participantes, é possível afirmar que, conforme hipotetizado, pressupostos informacionais diferentes embasam tipos de dieta diferentes, sendo uma fonte importante para a variação de posicionamentos entre os participantes (Wainryb, 1993), sendo as informações sobre saúde centrais para todas as dietas analisadas, e ambientais para todos exceto onívoros e não consumo em dias específicos.

5.4. Juízos e Justificativas para o Julgamento do Consumo de Carne

Conforme explicado na seção 4.5 Análise de Dados, aqui foram analisadas as respostas para as perguntas "Comer carne para você é?" e "Por quê?", com a primeira fornecendo os Juízos sobre o consumo de carne e a segunda, as Justificativas para esse juízo.

Tabela 13

Frequência de juízos sobre o consumo de carne (todos os participantes, n=657)

Juízo	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Certo	61	9,3	9,3	9,3
Nem certo, nem errado	241	36,7	36,7	46,0
Errado	355	54,0	54,0	100,0
Total	657	100,0	100,0	

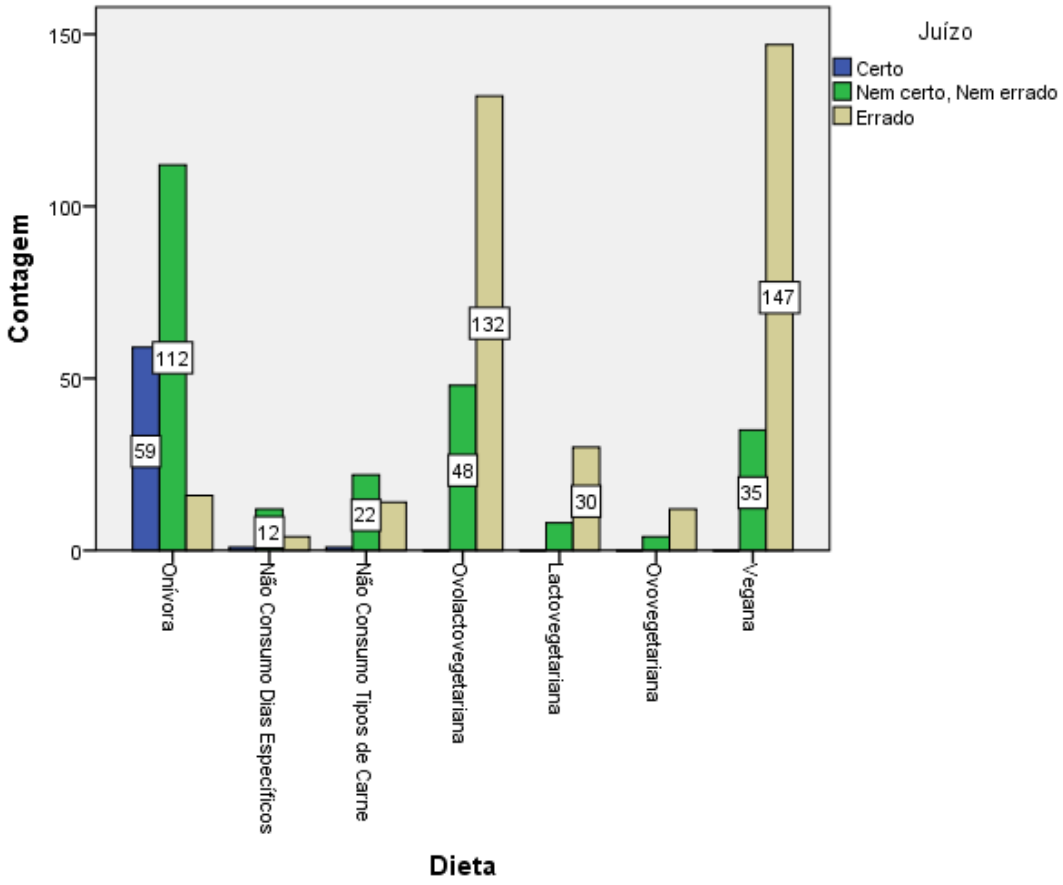
Considerando todos os participantes, conforme a Tabela 13, é possível perceber que poucos foram os participantes que consideraram o consumo de carne como certo. Quando divididas as respostas pelas dietas relatadas, é possível perceber que os onívoros foram os que forneceram a maior parte dessas respostas (96,72%), junto com um participante de não consumo em dias específicos e um de não consumo de tipos específicos.

Ainda assim, a maior proporção de respostas das dietas que consomem carne (onívoros, dias específicos e tipos de carne) ficou na categoria “Nem certo, nem errado”, resposta característica do domínio pessoal, por decidirem sobre assuntos compreendidos como privados e com implicações apenas para o agente da ação (Nucci, 2014).

Essa resposta também aparece entre os vegetarianos, com o padrão de juízo “nem certo, nem errado” representando 22,93% das respostas de participantes ovolactovegetarianos e vegetarianos estritos consideradas conjuntamente, 25% das respostas de ovovegetarianos e 21,05% de lactovegetarianos. Todas as outras respostas classificaram a ação como “errada”.

Gráfico 9

Juízos de acordo com a Dieta do Participante



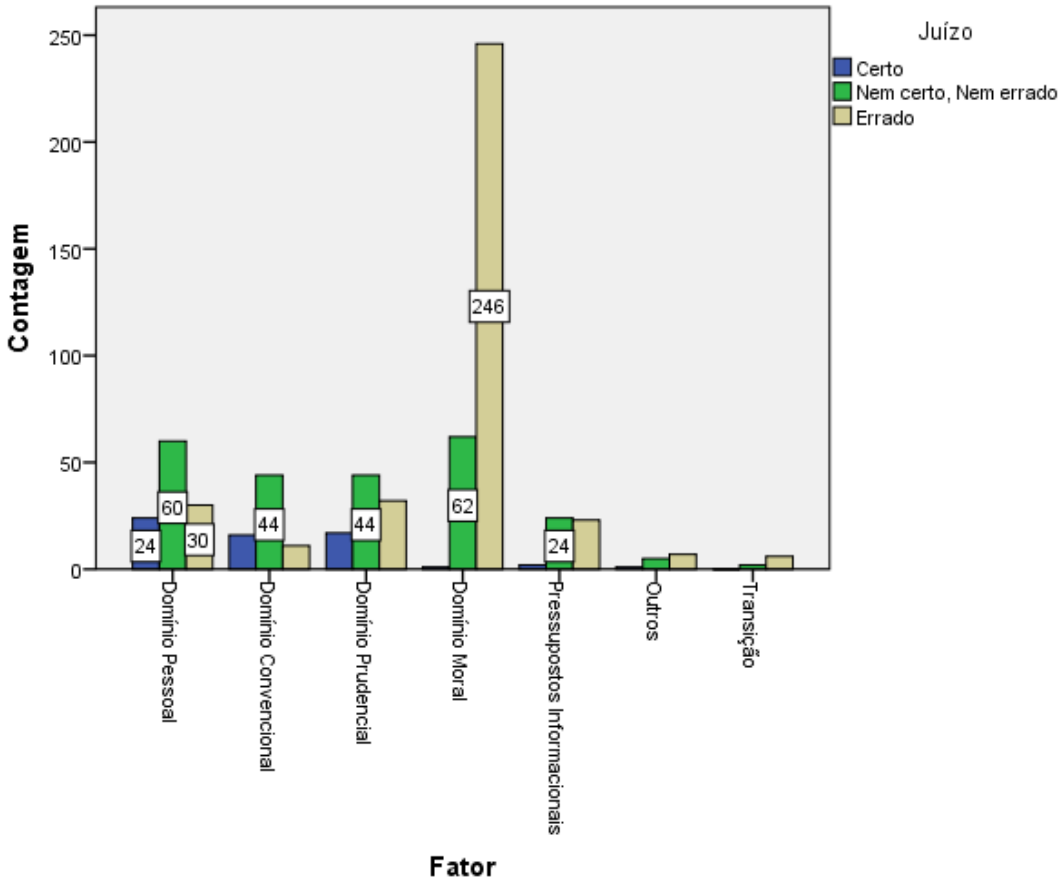
Conforme discutido anteriormente, dentre as dietas majoritárias, a dieta que apresentou maior relação entre total de fatores e número de participantes foi a dieta ovolactovegetariana (443 fatores/180 participantes), enquanto a dieta com maior

diversidade de pressupostos informacionais relatados foi a vegetariana estrita. Observando o Gráfico 9 é possível perceber que foram essas as dietas com maior quantidade de avaliações do consumo de carne como “errado”. Esses dados vão ao encontro da proposição de Rozin et al. (1997) de que a intensificação de posicionamento de vegetarianos éticos estritos pode estar relacionada com o fato deles apresentarem maior número de motivações que sustentam sua dieta, o que facilita o processo de moralização de uma ação (Rozin, 1999). Isso parece ser aplicado também para as outras dietas vegetarianas, apesar de as amostras dos lactovegetarianos e ovovegetarianos não estarem em quantidade expressiva.

No Gráfico 10 são apresentadas as relações do juízo sobre o consumo de carne com o fator relatado envolvido na dieta atual. Houve coerência no sentido de fatores morais também apresentarem maior quantidade de avaliações como “erradas”, enquanto prudencial e convencional obtiveram maioria de juízos em “nem certo, nem errado”.

Gráfico 10

Juízos de acordo com o fator que influencia a dieta atual



Na Tabela 14 são apresentadas as justificativas do juízo sobre o consumo de carne, considerando o total de participantes da pesquisa.

Tabela 14

Frequência de justificativas sobre o consumo de carne (todos os participantes, n = 657)

Justificativa	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Domínio Pessoal	48	7,3	7,3
Domínio Convencional	21	3,2	3,2
Domínio Prudencial	48	7,3	7,3
Domínio Moral	154	23,4	23,4
Compreensão da Realidade	111	16,9	16,9
Outros	20	3,0	3,0
Subordinação	27	4,1	4,1
Coordenação	116	17,7	17,7
Conflito	66	10,0	10,0
Tolerância	46	7,0	7,0
Total	657	100,0	100,0

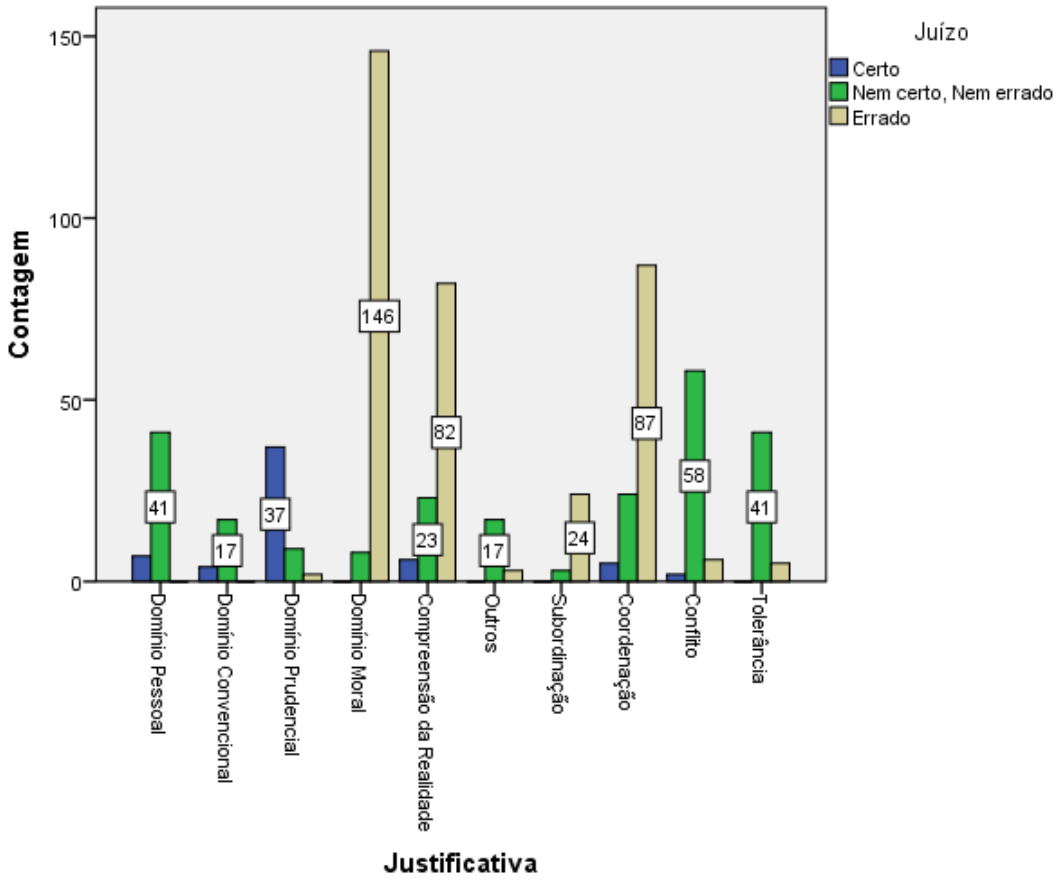
Os dois principais argumentos de respostas dentro de "Compreensões da realidade" foram: argumentos de classificação dos animais como alimentos ou não ("Carne não é alimento"/ "É um alimento") e da necessidade ou não de utilizar-se de animais para a alimentação ("Porque não precisamos comer"/ "É necessário que um animal seja morto para isso"). A questão da necessidade apareceu com frequência também na análise dos pressupostos informacionais, e está relacionada, provavelmente, a outros pressupostos informacionais como dietas vegetarianas e seus efeitos na saúde, e crenças sobre a origem evolutiva da espécie. Como o método não permitia interrogar o participante a partir da sua resposta, e a questão da necessidade pode perpassar outras áreas, decidiu-se mantê-lo como uma forma de compreensão da realidade.

A categoria de Compreensão da Realidade, conforme a Tabela 14 mostra, responde por 16,9% das respostas, ficando atrás apenas do Domínio moral e das respostas de Coordenação. Essas três categorias mais Subordinação foram aquelas que apresentaram maior proporção de juízo do consumo de carne como errado. Isso porque 76,72% das respostas de coordenação foram de vegetarianos e envolviam a coordenação

de elementos prudenciais e morais, e 92,59% das respostas de subordinação foram feitas por vegetarianos e levantavam os elementos do prazer associado ao consumo, mas os desconsiderava como menos legítimos frente às preocupações morais. Por isso também o pico de respostas de juízo errado na coordenação e subordinação no Gráfico 11. As duas outras respostas de subordinação foram de onívoros, e reconheciam o sofrimento animal, mas o desconsideravam para seu prazer de consumo.

Gráfico 11

Juízos de acordo com a Justificativa apresentada por todos os participantes



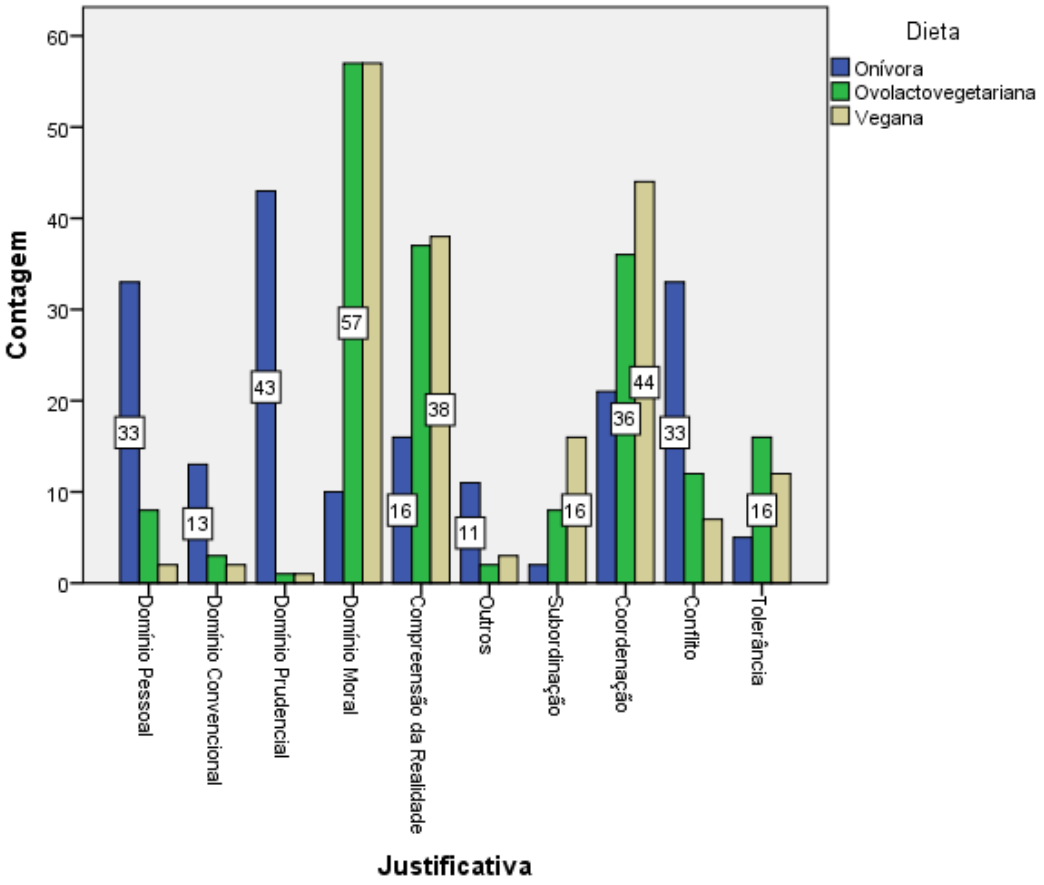
No Gráfico 10, existiu número considerável de participantes que afirmam ser certo ou errado o consumo, mas que apresentaram fatores pessoais para a decisão sobre sua própria dieta. Analisando o Gráfico 11, pode-se levantar a hipótese de que a escolha da própria dieta para parte dos participantes é pessoal, porém, o consumo de carne em si é certo, com base em considerações prudenciais.

Respostas que apresentaram justificativas puramente morais, concentradas no dano ao outro (ambiente, animais) tendiam a julgar como “errado” o consumo de carne.

Também houve menos justificativas de Tolerância quando o juízo da pessoa era “errado”. Esse achado está em concordância com os resultados de Wainryb, Shaw & Maianu (1998), em que havia menos tolerância de uma ação pelos participantes que focavam em danos ao próximo. Outro motivo encontrado nessa pesquisa para a intolerância dos atos analisados estava na ausência de validade factual da crença que embasava o ato, o que provavelmente ocorreu entre os participantes desta pesquisa, visto que justificativas de compreensão da realidade estavam associadas, em sua maioria, ao juízos de que o consumo de carne é “errado”.

Gráfico 12

Frequência de justificativas sobre o consumo de carne para as dietas majoritárias (n = 549)



Como visto no Gráfico 10, juízos de “Nem certo, nem errado” apresentava número expressivo mesmo para aqueles que deram fatores morais para sua dieta. Já no Gráfico 12 é possível perceber que justificativas de tolerância foram mais citadas por vegetarianos. Entre os participantes ovolactovegetarianos e vegetarianos estritos, 7,73%

das respostas de justificativas foram classificadas nessa categoria, quando era de se esperar que apresentassem justificativas de domínio moral.

Considerando as informações na Tabela 16, é possível perceber que 24 justificativas sobre o juízo do consumo se baseavam em argumentos de tolerância, 17 falavam sobre conflito, e seis eram de domínio pessoal, todas categorias associadas teoricamente a esses juízos “neutros”.

Indivíduos julgam atos que eles percebem como danosos ou injustos como aceitáveis se eles parecem baseados em crenças fatuais divergentes. A compreensão de que crenças são questões de interpretação e que indivíduos podem interpretar fatos de forma diferente levam à tolerância de outras pessoas e de seus comportamentos, enquanto a percepção de consequências danosas ou injustas para terceiros foi o motivo mais comum para julgamentos de não tolerância (Wainryb, Shaw & Maianu, 1998). Neste estudo, o posicionamento de vegetarianos vai ao encontro dessa interpretação, pois muitos vegetarianos apresentavam seu não consumo como aplicáveis a si, mas não aos outros, ressaltando a questão da construção (política, de valores, de opinião) de cada um.

Esse descompasso entre uma justificativa moral e a não universalização do julgamento não é compatível com a definição tradicional de domínio moral. Nos participantes da pesquisa de Hussar e Harris (2009), existe tolerância por parte das crianças vegetarianas do consumo de carne dos outros, mantendo seu julgamento moral para si, agindo de forma coerente com ele, mas não impondo essa decisão aos outros, e esse resultado é encontrado nessa parcela de respondentes brasileiros e mais velhos.

A partir dos seus resultados, Hussar e Harris (2009) propuseram ampliar a definição do domínio moral. Ao invés de definir transgressões morais como universalmente erradas, os autores propõem apresentar duas opções de critério para o domínio moral: errado para todos, ou errado para si por causa de um compromisso moral assumido consigo, dentro do domínio moral do *self*.

Tabela 15

Frequência de Justificativas sobre o consumo de carne para as Dietas Minoritárias (n = 108)

		Dieta				Total
		Não Consumo Dias Específicos	Não Consumo Tipos de Carne	Lactovegetariana	Ovovegetariana	
Justificativa	Domínio Pessoal	1	3	1	0	5
	Domínio Convencional	1	1	0	1	3
	Domínio Prudencial	1	2	0	0	3
	Domínio Moral	2	8	13	7	30
	Compreensão da Realidade	2	6	9	3	20
	Outros	0	3	0	1	4
	Subordinação	0	0	1	0	1
	Coordenação	2	4	7	2	15
	Conflito	4	7	2	1	14
	Tolerância	4	3	5	1	13
Total		17	37	38	16	108

Considerando apenas as dietas minoritárias (Tabela 15), percebe-se que a proporção de respostas do domínio moral aumenta conforme a restrição da dieta: 11,76% para não consumo em dias específicos, 21,62% para não consumo de certos tipos de carnes, 34,21% para lactovegetarianos e 43,75% para ovovegetarianos. Além disso, as respostas ficaram bastante concentradas nas categorias Domínio Moral (27,78%) e Compreensão da realidade (18,52%), mostrando a importância dos pressupostos informacionais para essas dietas.

Tabela 16

Frequência de Justificativas sobre o consumo de carne com relação aos Fatores da dieta adotada para todos os participantes (n = 657)

		Fator							Total
		Domínio Pessoal	Domínio Convencional	Domínio Prudencial	Domínio Moral	Pressupostos Informacionais	Outros	Transição	
Justificativa	Domínio Pessoal	21	8	9	6	4	0	0	48
	Domínio Convencional	5	5	8	1	1	1	0	21
	Domínio Prudencial	15	13	15	2	1	2	0	48
	Domínio Moral	15	4	11	109	11	1	3	154
	Compreensão da Realidade	13	9	11	68	9	1	0	111
	Outros	8	3	2	4	2	1	0	20
	Subordinação	2	1	2	15	4	3	0	27
	Coordenação	17	11	15	63	5	3	2	116
	Conflito	11	14	14	17	7	1	2	66
	Tolerância	7	3	6	24	5	0	1	46
Total		114	71	93	309	49	13	8	657

Além disso, quando se compara o fator declarado para a escolha da dieta e a justificativa sobre o consumo (Tabela 16), percebe-se que há maior consistência de associação de fator e justificativa nos domínios moral e pessoal, ficando os outros mais difundidos entre domínios.

Considerando as justificativas de conflito apenas entre as dietas majoritárias, como mostra o Gráfico 12, a maioria dos respondentes pertence à dieta onívora, enquanto para as dietas minoritárias a frequência é maior entre os consumidores de carne (não consumo em dias específicos e não consumo de espécies específicas). A Tabela 16 mostra que não existe uma associação mais saliente entre essa resposta e um fator para a dieta atual específico. Além disso, quando se compara a justificativa de conflito e o juízo que o participante fez, é possível perceber que 87,88% das respostas estavam em “nem certo, nem errado”.

A categoria conflito expressava uma ambivalência na resposta, onde um elemento a favor do consumo era apresentado, mas junto com outro contra. Para onívoros, o conflito às vezes se dava pela contradição entre a empatia pelos animais e a dificuldade de excluir o alimento de sua dieta, como expresso na resposta: "Tenho dó dos animais. Porém difícil deixar de comer carne". Outras vezes o conflito estava associado à procedência da carne, com a qualidade com que ela chega para o consumidor:

> "O ser humano pode viver bem com dietas que inclua produtos de origem animal ou não. Não é incorreto comer carne mas seria preferível que não fosse excessiva e que a origem do alimento fosse conhecida."

Nos vegetarianos, o conflito surgia onde o consumo de carne era percebido como aceitável, seguido por uma situação onde não era, conforme os exemplos: "Existem várias situações, grupos humanos, lugares, pobreza etc... esquimós por [exemplo] devem sim comer carne. A indústria da matança é o problema." e "Por que outros animais fazem isso, porem acho que humanos fazem da maneira errada e estão destruindo o mundo". A percepção de vulnerabilidades como mitigadoras ou agravantes do julgamento aparece em outras pesquisas da Teoria dos Domínios Sociais (Smetana, 2006), e aqui vegetarianos utilizavam essa percepção para o seu julgamento, como sintetiza o participante, expressando seus agravantes e mitigadores:

> "Existe quem não tem informação nem condições sociais, como renda, educação e saúde de qualidade. Estes não devemos julgar. O resto está preso numa cultura carnista e extremamente preguiçosa."

Provavelmente essa ambivalência levou à neutralidade de julgamento dos participantes, sujeitando a problemática do consumo de carne às condições contextuais do consumo, ou refletindo conflitos internos com relação ao consumo.

É possível também analisar o tipo de justificativa dos participantes como de coordenação de domínio ou simples (chamadas *straight foward* nos estudos da Teoria dos Domínios Sociais). Conforme as capacidades cognitivas são desenvolvidas, as pessoas adquirem maior capacidade de considerar elementos de domínios diferentes em suas avaliações dos contextos (Nucci, 2014), caracterizando respostas de coordenação de domínio. Aqui elas correspondem àquelas classificadas como subordinação, coordenação, conflito e tolerância. Tolerância foi considerada como resposta de coordenação de domínio, porque o participante equilibrou considerações sobre seus

próprios valores e o direito do outro em decidir e tomar uma decisão por si só, articulando contextos e situações.

Para as dietas minoritárias, as respostas de coordenação de domínio responderam por 39,81% das justificativas, enquanto as simples (domínios pessoal, prudencial, convencional e moral) responderam por 37,96%. Para as dietas majoritárias, a proporção fica em 38,62% e 41,89% respectivamente. Não existe diferença expressiva entre os valores, no entanto, o grande responsável por aumentar a proporção das respostas simples foi o domínio moral, que, quando desconsiderado, reduz a proporção para 10,19% nas dietas minoritárias, e 19,31% nas majoritárias.

É interessante que, mesmo sem o instrumento ressaltar elementos ou fornecer considerações contextuais em suas perguntas, a proporção de respostas multifacetadas tenha sido tão expressiva. Isso se deu, provavelmente pela complexidade do tema estudado, e pela familiaridade dos participantes que conseguiam por si só levantar os elementos relevantes para avaliar a situação investigada.

Considerando o total dos resultados, a convencionalidade não apareceu de forma expressiva entre as justificativas, mesmo tendo aparecido como fator para o consumo de carne de onívoros. Portanto, a partir dos resultados encontrados, pode-se interpretar que a convencionalidade aparece como um fator percebido pelos participantes para a definição de sua dieta, porém a decisão sobre o consumo de carne é atribuída ao domínio pessoal com maior peso por quem consome carnes, mesmo que o fenômeno seja multifacetado e permeado pela dimensão da tradição e da convencionalidade.

Relembrando a hipótese proposta nesta pesquisa que onívoros apresentariam fatores de escolha dietética e julgamentos sobre o consumo de carne mais focados em critérios de convenção social e preferências pessoais (Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby et al., 2013; De Backer & Hudders, 2015), ela foi verificada nos resultados, porém, para os julgamentos, o critério de avaliação pelos participantes é muito mais de domínio pessoal do que convencional.

Já a hipótese de que vegetarianos apresentariam fatores de escolha dietética e julgamentos sobre o consumo de carne mais focados em critérios morais (Rozin, Markwith & Stoess, 1997; Jabs, Devine & Sobal, 1998; Worsley & Skrzypiec, 1998; Ruby, 2012; Ruby *et al*., 2013; De Backer & Hudders, 2015) foi verificada sem outras

observações, aproximando o perfil brasileiro dos vegetarianos ao das pesquisas estrangeiras.

5.5. Variáveis Específicas da Temática

Aqui serão explorados outros aspectos que parecem envolvidos no fenômeno do vegetarianismo, de modo mais simples, com a finalidade única de complementar os outros resultados encontrados.

5.5.1. Autoridade Religiosa

Desconsiderando os ateus e pessoas que declararam não ter religião, a distribuição de participantes fica de acordo com a Tabela 17.

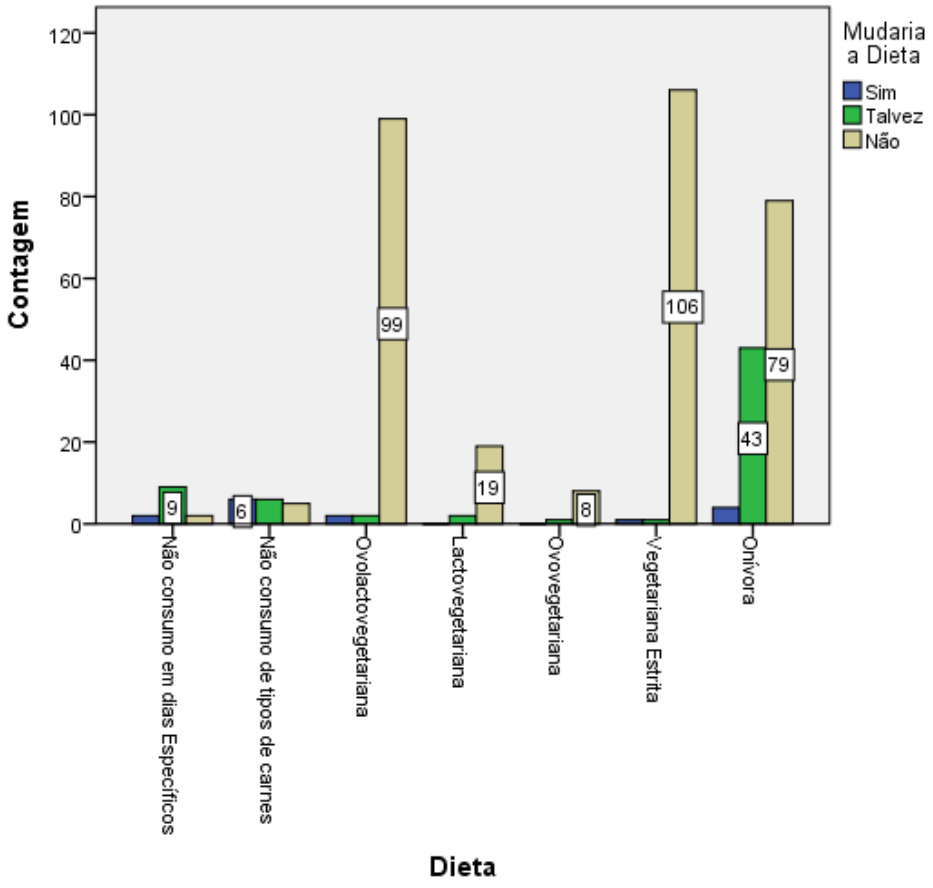
Tabela 17
Distribuição dos Participantes de acordo com a Dieta, sem Ateus e participantes sem Religião

Dieta	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Não consumo em dias Específicos	13	3,3	3,3	3,3
Não consumo de tipos de carnes	17	4,3	4,3	7,6
Ovolactovegetariana	103	25,9	25,9	33,5
Lactovegetariana	21	5,3	5,3	38,8
Ovovegetariana	9	2,3	2,3	41,1
Vegetariana Estrita	108	27,2	27,2	68,3
Onívora	126	31,7	31,7	100,0
Total	397	100,0	100,0	

A consideração sobre a mudança de dieta porque uma figura de referência da sua religião lhe disse que o consumo (ou não consumo, para os onívoros) é uma forma de purificação do corpo e do espírito ficou distribuída entre os grupos dietéticos conforme o Gráfico 13.

Gráfico 13

Influência da Autoridade Religiosa e Crença de Purificação no Consumo de Carne



É bastante notável que oito de nove ovovegetarianos (88,90%), dezenove de vinte e um (90,50%) lactovegetarianos, 99 de 103 (96,12%) ovolactovegetarianos e 106 dos 108 (98,15%) dos vegetarianos estritos não mudariam suas dietas por causa da autoridade religiosa.

No grupo dos consumidores de carne, 79 dos 126 (62,70%) participantes onívoros não mudaria a dieta pela influência da autoridade religiosa ou por motivos de purificação do corpo, com 43 (34,13%) afirmando que talvez não consumiriam mais carnes com essa informação. Nove dos treze participantes (69,23%) de não consumo em dias específicos afirmam talvez mudar a dieta; seis dos participantes que não consomem tipos específicos de carne afirmam que mudariam de dieta, e cinco talvez mudariam.

É possível levantar a hipótese de que os consumidores de carne são mais suscetíveis à mudança dietética pela influência da autoridade religiosa ou por motivos espirituais. Esses dados estão de acordo com a Teoria dos Domínios Sociais. Como discutido no Capítulo 3, um dos critérios para o domínio moral é a incontingência à

autoridade (Smetana, 2013), e, como as dietas vegetarianas desta amostra estão fortemente embasadas em justificativas morais, as respostas condizem com a teoria.

Três possibilidades de interpretação para os resultados de não alteração da dieta foram levantadas: 1) a crença de que purifica o corpo e o espírito não tem relevância para a pessoa, 2) a autoridade não é capaz de convencer o participante sobre a crença, sendo uma questão de poder de convencimento da autoridade, ou 3) tanto a autoridade não possui força de convencimento como a crença de pureza não importa.

Respondendo a uma pergunta aberta do questionário, um participante ovovegetariano justificou sua decisão de não mudar sua dieta por influência da figura de autoridade:

> "Não acho errado [comer carne], mas espiritualmente indica uma dependência de matéria grosseira, de tal forma que, evoluindo enquanto espírito, naturalmente se abdicaria da carne. Portanto, pode ser até necessário, mas eventualmente deixa de ser. Aproveito para responder à questão seguinte: estudo diversos ramos de saberes e práticas espirituais, de tal forma que dificilmente uma figura de referência na umbanda conseguiria me convencer do contrário."

Como o participante construiu o conceito de que comer carne indica uma dependência de matéria grosseira a partir de diversas fontes, a manifestação de apenas um líder religioso, mesmo que influente, não teria peso suficiente para mudar essa concepção de mundo. Assim, pode ser que as informações defendidas pelos participantes vegetarianos, como no exemplo colocado acima, sejam baseadas em diversas fontes, como sugerem também as variedades de fatores e pressupostos informacionais encontrados nessas dietas.

5.5.2. Flexibilidade do Consumo de Carne

A Tabela 17 foi elaborada com base na pergunta "*Quão difícil seria para você ficar um dia, toda semana, sem consumir carne (por exemplo, não comer carne todas as quartas-feiras)?*", respondida apenas por participantes consumidores de carne, com exceção daqueles que já não consomem carnes em um dia da semana. A resposta avalia a dificuldade de corte do consumo em um dia, e, portanto, a possibilidade de flexibilização e de redução consciente do consumo de carne.

Tabela 17

Dificuldade relatada em não consumir carne um dia por semana

		Flexibilidade										Total
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Dieta	Não consumo de certos tipos de carnes	35	0	2	0	0	0	0	0	0	0	37
	Onívoros	105	20	14	11	13	4	7	5	3	5	187
Total		140	20	16	11	13	4	7	5	3	5	224

Na escala, um significa “Nada difícil” e 10 “Muito difícil”. Dentre os onívoros, 56,15% respondem que não seria Nada Difícil, e 80,21% das respostas ficam abaixo de 5, o ponto neutro da escala. Já para os não consumidores de certos tipos de carnes, todas as respostas ficaram abaixo do ponto neutro, com 94,6% das respostas assinaladas no ponto 1 da escala.

Esse resultado sugere que campanhas como a “Segunda Sem Carne”, incentivada no Brasil pela Sociedade Vegetariana Brasileira, podem realmente ser uma boa forma de incentivo à redução de consumo de carne da população em geral. Em 2017, a campanha conseguiu gerar os impactos positivos estimados na Imagem 1.

Apesar de a pergunta do questionário ser pontual e simples, as respostas a ela sugerem que existe grande possibilidade de pessoas aderirem às campanhas de redução de consumo de carne, porque existe uma avaliação de que a dificuldade é baixa, provavelmente por ser “apenas um dia por semana”, então, mesmo pessoas resistentes às dietas vegetarianas, se conscientizadas dos impactos que suas escolhas dietéticas podem gerar, seriam capazes de se organizar para o não consumo sem encontrar os obstáculos psicológicos e práticos de uma transição completa.

Imagem 1

Impactos positivos estimados gerados pela campanha "Segunda Sem Carne" em 2017 (SVB, 2017).

Nesta amostra, 13% dos participantes onívoros relataram que sentiriam dificuldade de não consumir em um dia inteiro, com cinco participantes afirmando Muita Dificuldade, mas, talvez, conseguissem adaptar sua alimentação para não consumir carnes em apenas uma refeição, ou diminuir as porções, o que, dependendo do consumo habitual da pessoa, pode significar uma redução significante.

5.5.3. Questões Específicas para Vegetarianos

Para estas análises, foram considerados apenas os participantes vegetarianos, apresentados na Tabela 18.

Tabela 18

Número de participantes vegetarianos, de acordo com a dieta

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Ovolactovegetariana	180	43,3	43,3	43,3
Lactovegetariana	38	9,1	9,1	52,4
Ovovegetariana	16	3,8	3,8	56,3
Vegetariana Estrita	182	43,8	43,8	100,0
Total	416	100,0	100,0	

Preocupação Ambiental

Aqui serão analisadas as respostas à pergunta: "Se fosse comprovado cientificamente que uma dieta carnívora gera menos danos ambientais do que uma dieta vegetariana/vegana, você mudaria de dieta?".

Conforme mostra o Gráfico 14, os participantes com maiores chances de mudarem sua dieta caso ficasse comprovado que o consumo de carne gera menos impactos ambientais foram os ovolactovegetarianos, com 23,33% afirmando que talvez mudariam e seis (3,33%) afirmando que sim.

Sua suscetibilidade pode estar relacionada ao fator que levou o participante a adotar sua dieta, se por motivos prudenciais, com a causa animal ou ambiental. Mas, quando comparados aos valores dos fatores que sustentam a dieta apresentados em 5.2 com as respostas do Gráfico 14, quinze participantes ovolactovegetarianos que afirmavam defender a causa animal não estão entre os que assinalaram "não" à mudança de dieta, enquanto 30 dos que afirmavam ser contra os impactos ambientais não estão entre os que afirmam "sim" e "talvez" mudar de dieta[22].

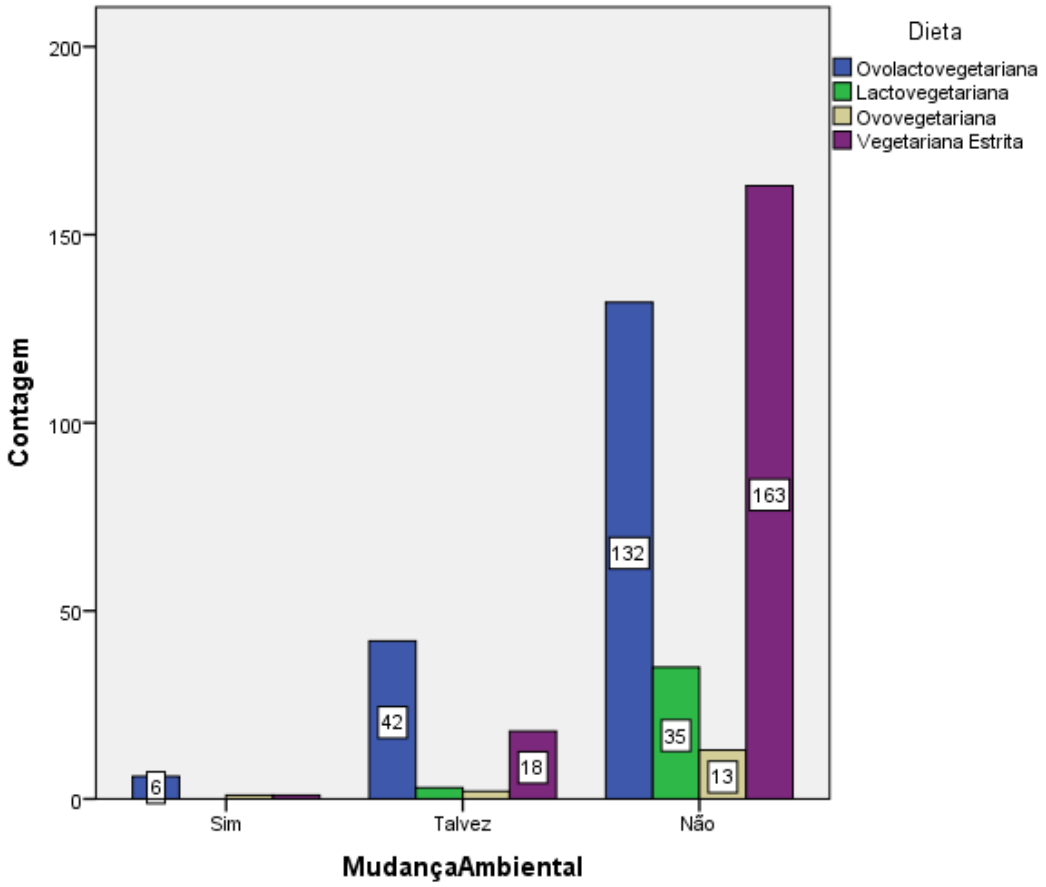
[22] No levantamento dos fatores realizados em 5.2, foram contabilizados todos os fatores dados pelos participantes. Entre os ovolactovegetarianos, a preocupação com a causa animal apareceu 147 vezes,

Isso sugere que existem outros fatores que permeiam a decisão dietética, como atribuição de peso para as causas defendidas, por exemplo, como foi o caso entre os participantes desta pesquisa. Muitos relataram mais do que um motivo para sua dieta, mas, se for preciso escolher entre elas, a que é mais importante para o participante será a defendida. Na situação proposta, mudar de dieta por causa do ambiente significaria ir contra a causa animal, nos moldes como a produção é feita hoje.

De toda a forma, a grande maioria dos participantes não mudaria de dieta por causa dessa informação, provavelmente, porque, conforme discutido na seção 5.2, o principal fator para os vegetarianos desta amostra é a causa animal.

Gráfico 14

Mudança de dieta por motivos ambientais



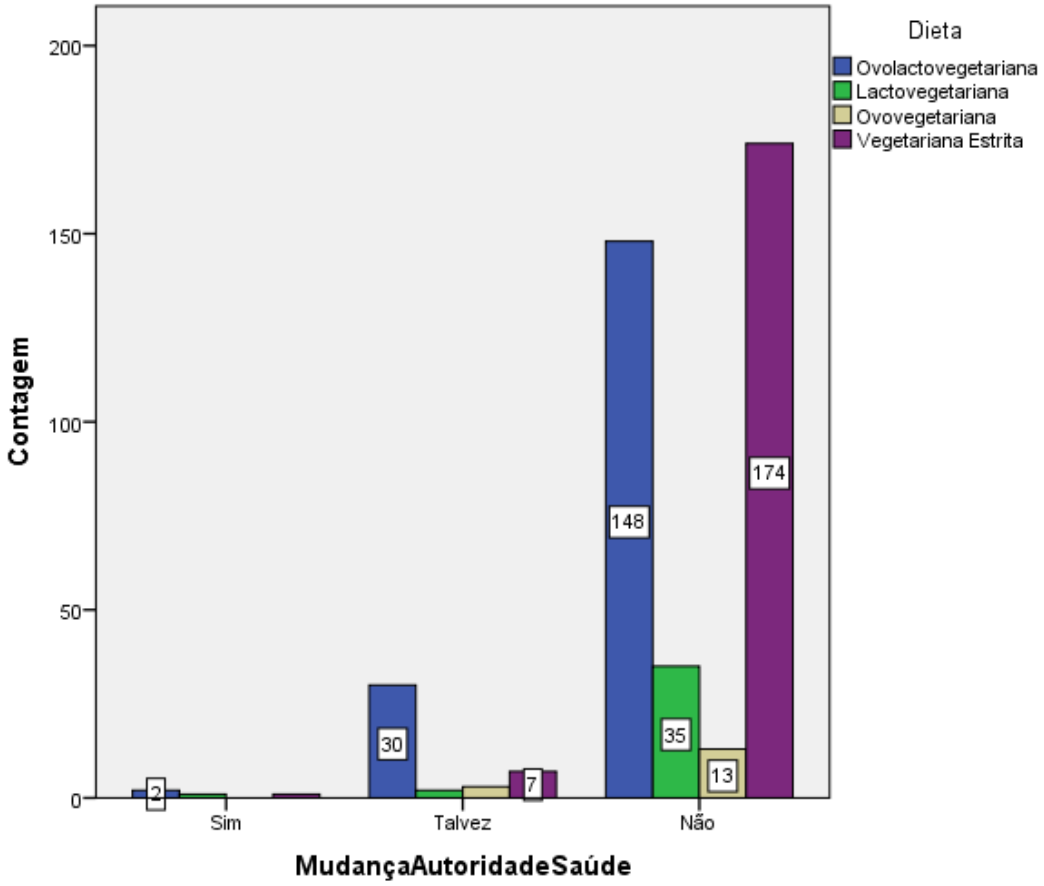
enquanto a ambiental surgiu 78 vezes. Comparando esses valores com aqueles que não mudariam de dieta implica que 15 pessoas que relataram a preocupação animal considerariam mudar de dieta caso os impactos ambientais fossem maiores na dieta vegetariana.

Preocupação com Saúde

Aqui serão analisadas as respostas para a pergunta “Se profissionais da saúde (por exemplo, médicos e nutricionistas) lhe prescrevessem a inclusão imediata de consumo de carnes, você seguiria a recomendação? *”.

Gráfico 15

Inclusão de carne segundo orientação de profissional da saúde



Pelo Gráfico 15, é possível perceber o mesmo movimento de mudanças mais visíveis entre os ovolactovegetarianos, porém com uma adesão menor do que a da questão anterior. Ovolactovegetarianos, apesar de mais suscetíveis à revisão de sua dieta, trinta participantes que fizeram referência a preocupações com a saúde como fator para sua dieta atual não considerariam a mudança.

Neste caso, no entanto, a condição de mudança está atrelada à recomendação de “profissionais da saúde”, e não à comprovação científica do fato, sendo possível que a

adesão fica dependente da legitimidade da autoridade, que, caso não percebida como competente, pode ter sua sugestão invalidada.

De fato, existem na academia debates sobre a capacidade de médicos fazerem indicações nutricionais e de uma deficiência de conhecimentos nutricionais na formação médica básica (Devries et al., 2014; Vetter et al., 2008; Temple, 1999), e, no contexto brasileiro, a falta de conhecimento sobre dietas vegetarianas pode estar presente inclusive entre nutricionistas, a depender de sua formação e da estrutura curricular de sua universidade (Alves e De Negri, 2012). Esse pode ser um ponto de não adesão, além daquele citado na Preocupação Ambiental.

Consumo de Carne de Animais que não foram abatidos e que não Sofreram Maus-tratos

As respostas para a pergunta "Se todas as carnes que chegam aos mercados fossem de animais criados livremente, e mortos por causas naturais, o consumo dessa carne seria: *" ficaram distribuídas de acordo com o Gráfico 16.

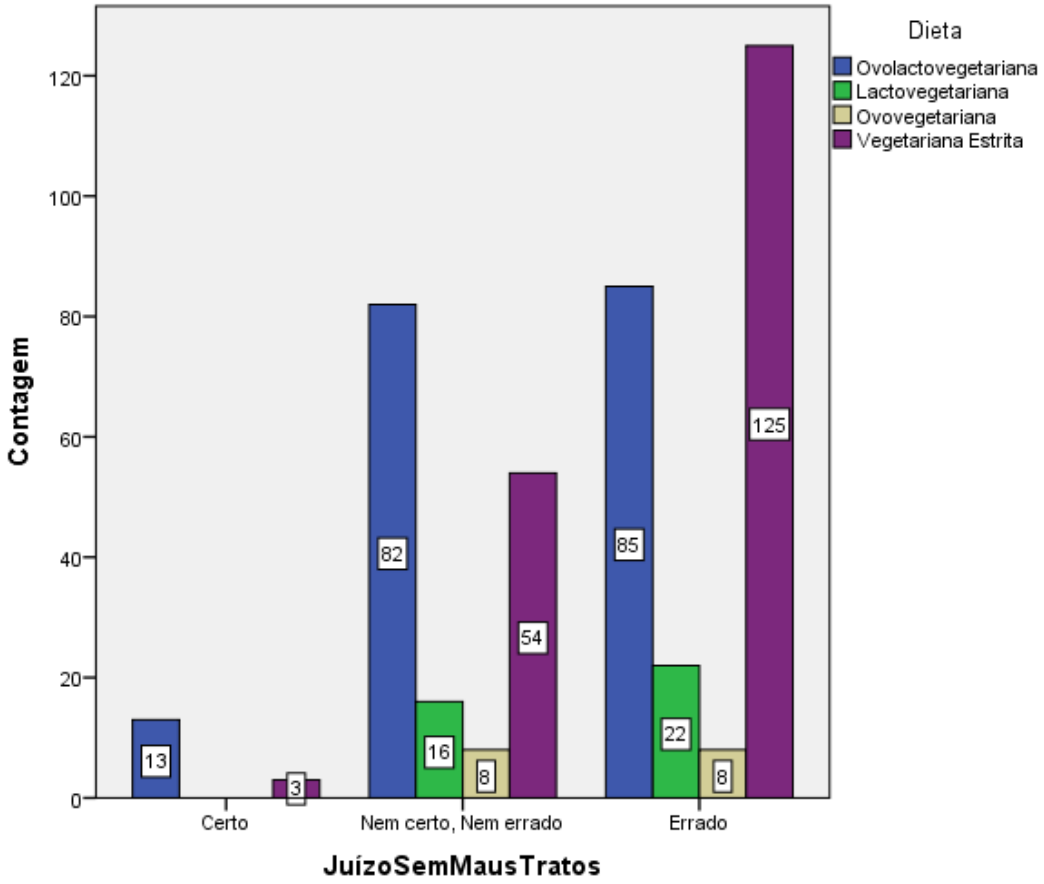
Nesta situação, 26,11% dos ovolactovegetarianos e 12,09% dos vegetarianos estritos retiram seu juízo sobre o consumo de carne como "errado", e surgem respostas de vegetarianos que considerariam o consumo de carne nessas condições como "certo", quando antes o número de respostas nessa categoria era zero.

Considerando o que foi discutido anteriormente, provavelmente são participantes que apresentavam problemas específicos com o modo de produção da carne, leite e derivados, e não com o consumo de carne em si.

A hierarquização das causas defendidas pelo participante ainda pode ser responsável pela manutenção do julgamento sobre o consumo de carne, caso preocupações com a saúde, ambientais e outras sejam mais importantes para o indivíduo.

Gráfico 16

Juízo sobre o consumo de carne de animais que não foram abatidos e que não sofreram maus-tratos



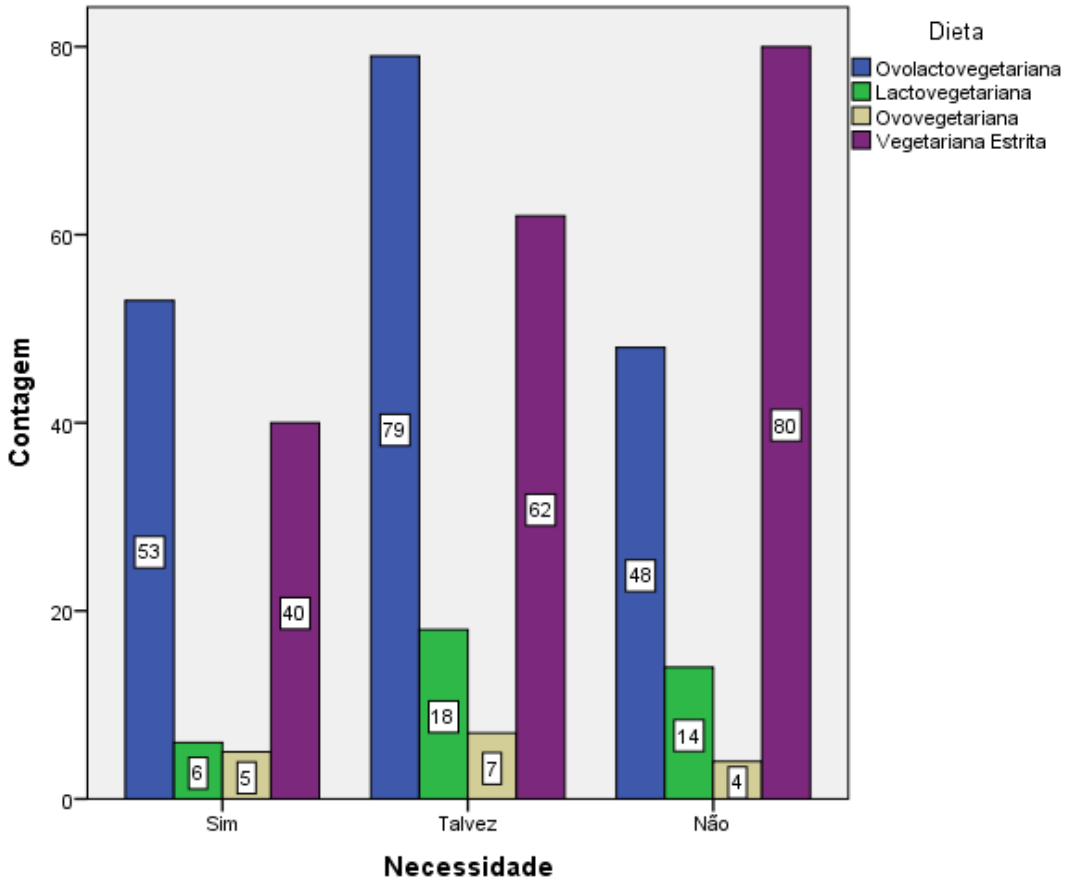
Percepção da Necessidade do Consumo de Carne

As respostas de vegetarianos sobre a pergunta "Se você estivesse perdido em uma ilha deserta, onde os únicos alimentos possíveis fossem peixes e pequenos animais, você abandonaria naquele momento sua dieta vegetariana/vegana?" estão contidas no Gráfico 17.

Considerando a importância que o pressuposto informacional de que é desnecessário consumir carne simbolizou como fator para a manutenção da dieta, para os juízos e julgamentos sobre o consumo de carne, apresentar uma situação extrema onde não é possível obter outra fonte de alimento, era esperado o resultado encontrado de maior aceitação do consumo, sendo essa a condição que parece ter mobilizado maior mudança de posicionamento dentre as situações analisadas nesta seção.

Gráfico 17

Aceitar alimentar-se de animais em situação de necessidade



A informação "o consumo de carne é necessário" pode alterar o julgamento dos participantes no sentido de mudar a percepção de culpabilidade dos sujeitos que consomem, conforme coloca Nucci (2000). Assim, o sentimento de culpa relatado por muitos participantes não existiria nesse contexto, o que facilitaria o consumo.

Além disso, essa mudança pode ser facilitada e mais aceitável porque a mudança de dieta se daria apenas "naquele momento", o que pode flexibilizar o consumo dos vegetarianos.

Os resultados dessa pergunta, no entanto, também demonstram, mesmo que de forma superficial, o que Wainryb (1993) fala sobre os pressupostos informacionais terem influência no juízo moral, mas não serem causa determinante do valor moral. Mesmo colocando uma situação de indisponibilidade alimentar, no julgamento de 44% dos vegetarianos estritos, 27% ovolactovegetarianos, 37% lactovegetarianos e quatro participantes ovovegetarianos o consumo ainda não seria aceito.

5.6. Síntese

Os resultados desta pesquisa sugerem que o fenômeno vegetariano brasileiro possui pontos em comum com o fenômeno investigado no exterior. Vegetarianos brasileiros apresentam como principais fatores para a manutenção de suas dietas preocupações com a causa animal, com os impactos da alimentação na saúde e com causas ambientais, ao passo que onívoros apresentam fatores voltados a hábitos, preferências pessoais e saúde.

Quanto aos pressupostos informacionais, os resultados desta pesquisa sugerem que é muito importante para a disseminação do movimento vegetariano a identificação e desmistificação de pressupostos informacionais que sustentam o consumo de carne. A percepção da necessidade biológica e nutricional para o consumo parece ser o principal sustentador dessa decisão, bem como a própria divulgação dos motivadores para o não consumo de carnes. Fatores hedonistas são mais difíceis de serem trabalhados apenas cognitivamente, no entanto, é possível que a própria pessoa se autorregule caso seja convencida dos motivos que sustentam o vegetarianismo.

Além da educação, investir na disponibilidade de opções vegetarianas aparece como outro elemento central, pois a disponibilidade de alimentos com carne foi um fator bastante relevante para a manutenção da dieta atual dos participantes consumidores de carne, além do pressuposto informacional de que manter essa dieta é mais barato. Alimentos vegetarianos acessíveis, tanto do ponto de vista físico como econômico são necessários para a ampliação do movimento.

Parece necessário também divulgar receitas vegetarianas práticas, disseminar práticas de educação alimentar e sobre o sofrimento animal, e impactos da indústria, especialmente de ovos e leite, que pareceram menos conhecidos entre os participantes.

É importante considerar, no entanto, que, mesmo quando crianças compreendem e aplicam conceitos morais, outras considerações não morais podem estar muito salientes e serem muito importantes em dado contexto, o que torna a decisão moral mais difícil. Nesta amostra, exemplos disso estavam no apontamento da restrição de opção dietética por estar sujeito à dieta da família, o que significa que apenas a mudança dos pressupostos informacionais pode não transformar a ação do participante. Além disso, os contextos de desenvolvimento também influenciam a inibição ou a facilitação dos princípios morais (Killen & Smetana, 2015).

No âmbito dos juízos e justificativas para o consumo de carne, as hipóteses também foram corroboradas, pois vegetarianos apresentavam mais julgamentos da ação como “errada”, enquanto consumidores de carne ficavam em “certo” e “nem certo, nem errado”. No entanto, as justificativas para esse juízo fornecidas pelos consumidores de carne focavam mais em aspectos do domínio pessoal do que convencional.

O objeto de estudo escolhido para este trabalho era reconhecidamente pela literatura considerado um tema de significativa complexidade, envolvendo fatores do âmbito individual e social, com aspectos cognitivos, afetivos, políticos, econômicos e ideológicos. Tal complexidade se refletiu também na grande quantidade de respostas de coordenação de domínio fornecidas pelos participantes, mesmo com um instrumento que não buscava gerar essa coordenação.

Ademais, esta pesquisa coloca uma situação de ausência de consenso social entre diferentes grupos sociais sobre um tema, e acaba fornecendo mais achados quanto à tolerância de ações de outros grupos, conforme sugerido por Wainryb et al. (1998). Também foi possível perceber que a base teórica da Teoria dos Domínios Sociais pode ser utilizada para estudar o fenômeno do vegetarianismo e pode auxiliar na identificação de como diferentes grupos ou subgrupos culturais chegam a diferentes leituras de questões sociais como neutras ou carregadas de significado moral, como sugere Nucci (2000).

É possível que a tolerância encontrada entre os participantes vegetarianos seja, entretanto, uma consequência do estágio de moralização proposto e discutido por Rozin (1999). Este autor oferece como exemplo do processo de moralização o caso do cigarro, o qual em seu início era uma questão de mera preferência, para depois se transformar em uma violação moral, quando efeitos negativos à saúde foram identificados em fumantes passivos. A partir do momento em que a ação gera dano aos outros, instituições governamentais podem passar a regular o comportamento, outras instituições podem promover apoio às mudanças sociais necessárias, afetando a dimensão convencional do fenômeno, e surge também o direito de censura individual do comportamento do outro, por sentir-se lesado pessoalmente (Rozin, 1999).

Para o caso do vegetarianismo, conforme mais pesquisas científicas são realizadas no sentido de comprovar sofrimento animal, impactos ambientais e efeitos para a saúde relacionados ao consumo de carne, mais pessoas podem começar a moralizar o consumo

de carne. Conforme Wainryb et al. (1998), quando as ações geram efeitos negativos para os outros, e a pessoa que avalia a situação foca nesses efeitos, ela tende a ser menos tolerante. No caso do vegetarianismo, a própria decisão de comer carne, hoje compreendida pela maioria como pessoal, interfere diretamente na causa de bem-estar animal, e está associada para muitos à degradação ambiental, a qual afeta a todos os seres, inclusive o vegetariano.

Assim, conforme as considerações de Rozin (1999), o vegetarianismo está muito sujeito ao processo de moralização, por apresentar diversos motivadores, muitos dos quais estão relacionados a consequências negativas para além do sujeito que consome carne, e essa moralização pode levar à uma redução futura das respostas de tolerância e mudanças de juízos de "nem certo, nem errado" para "errado".

Já a análise das questões específicas ressaltou a importância de campanhas de redução do consumo de carne, sendo uma possibilidade mais acessível àqueles que são refratários à ideia de adotar de fato uma dieta vegetariana. Levantou também hipótese de que, mesmo que um participante relate mais do que um fator para a manutenção da sua dieta, elas não possuem o mesmo peso de consideração, podendo haver uma hierarquia entre eles. A percepção de ausência de sofrimento animal na produção do alimento, produz mudança de juízo em alguns participantes, mas não em todos, o que precisa ser investigado com mais profundidade. E, finalmente, entre as dietas vegetarianas, os ovolactovegetarianos parecem ser os mais suscetíveis de mudança pelos motivos analisados.

6. Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa corroboram as hipóteses formuladas, o que alinha o comportamento do vegetarianismo brasileiro ao vegetarianismo estrangeiro discutido no Capítulo 2. Mas, para além disso, os resultados dessa pesquisa deixam claro que o comportamento alimentar é um fenômeno extremamente complexo. A tomada de decisão alimentar é difícil pois, conforme Katz (2018), ela consiste em um leque infinito de decisões sobre isso ou aquilo, agora ou depois, mais ou menos, nesta ou naquela combinação, todos os dias, ao contrário de outros hábitos como o sono que se resume, normalmente, às questões de quantidade e momento. A mudança alimentar exige adaptações no cotidiano e, para a dieta vegetariana estrita especificamente, adquirir conhecimentos culinários que muitos não possuem. Tudo isso demanda tempo e disposição, conscientização e custos para o indivíduo que, cabe a cada um ponderar.

Considerando essa complexidade, a pesquisa não visa, nem pode ou deve, classificar os participantes como mais ou menos morais, ou implicar que são mais ou menos "desenvolvidos cognitivamente". As repostas e a pesquisa contribuem apenas ao fornecer para o campo de estudos sobre vegetarianismo e da Teoria dos Domínios Sociais exemplos de respostas para situações complexas, levantar outras variáveis implicadas no processo de tomada de decisão dietética, organizar exemplos de formas de coordenação de elementos contextuais utilizados para a avaliação da realidade. Apresenta resultados que revela como indivíduos são capazes de perceber diferentes aspectos da situação e atribuir pesos diferentes a eles. Cabe às pesquisas futuras investigarem as variáveis que podem influenciar diferenças individuais, como medidas de empatia, altruísmo, ou valores político-ideológicos.

Seria interessante que estudos futuros também colocassem elementos por trás do consumo, adicionando informações sobre a circunstância do consumo de carne. Em estudos da Teoria dos Domínios Sociais, conforme algumas situações do contexto são mudadas, o julgamento dos participantes sobre a situação muda também. Nesta pesquisa, muitos participantes colocaram o consumo de carne como sendo "nem certo, nem errado", porque "muitas pessoas não têm condições de assumir uma dieta vegetariana". Será que o julgamento e justificativas continuariam os mesmos caso fosse perguntado em seguida "e considerando que a pessoa possua as condições materiais para adotar uma dieta vegetariana?".

Pesquisas futuras poderiam investigar também quais são exatamente as dificuldades e quais os facilitadores percebidos pelos participantes para adotar uma dieta vegetariana. Os resultados desta pesquisa sugerem como dificuldades **práticas** a organização da alimentação, falta de tempo, não conhecer pratos vegetarianos, não haver opções vegetarianas nos lugares; **psicológicas,** relacionadas ao bem-estar e prazer, e **mistas** como é o não apoio de familiares para a mudança dietética.

A partir desses dados seria possível pensar em estratégias e ações mais eficientes, por exemplo, investir em inovação e difusão de receitas fáceis, saborosas e baratas para o dia a dia, ou focar na divulgação do vegetarianismo não apenas no sentido de convencimento do espectador, mas também na simples compreensão do movimento para facilitar a convivência entre consumidores de carne e vegetarianos, convivência que pode ser conflituosa, visto as diferentes atribuições de significados de um hábito tão presente na cultura brasileira.

Outra sugestão para pesquisas futuras é investigar quais os determinantes que levam à desconsideração das informações apresentadas que são contrárias aos pressupostos informacionais defendidos pelos participantes (5.5). É possível que a força da autoridade não seja suficiente para convencer o participante do contrário, e saber os processos que interferem na aceitação ou não da informação são importantes também para definir o potencial de utilizar intervenções educacionais focadas em pressupostos informacionais.

É possível que existam diferenças entre as regiões brasileiras na existência de pressupostos informacionais ou de justificativas sobre o consumo de carnes, mas que não puderam ser avaliadas nessa pesquisa, pois a amostra apresentava maioria do sexo feminino, de uma região do país e com nível de escolaridade elevado. Como o objetivo da pesquisa era exploratório descritivo, não foram feitas análises de relação entre as variáveis socioeconômicas e demográficas, apesar de os dados permitirem. Essas análises serão realizadas em futuras oportunidades.

De toda a forma, o método aqui adotado contribuiu para atingir os objetivos propostos, mas pesquisas futuras poderiam se beneficiar de uma amostra mais balanceada com relação a essas variáveis, com potencial para revelar outros aspectos do fenômeno no Brasil e para definir se essa diferença de grupos se deu ao acaso, ou se está associada ao fenômeno em si (i.e. ser mulher, possuir mais anos de estudo formal e ser do estado de

São Paulo podem se relacionar com o desejo de participar de pesquisas, ou relacionar-se ao maior interesse pelo tema).

Um limite claro da presente pesquisa está no fato de investigar julgamentos morais e não ações morais, assim é possível que haja discrepância entre o relato dos participantes e suas ações. Essa diferença, no entanto, não diminui a importância de pesquisas investigativas sobre avaliações de situações hipotéticas, considerando a relação entre prática e a avaliação que se faz dela, fundamentada inclusive pelos resultados encontrados aqui, mesmo que essa relação não seja linear.

Outra limitação do trabalho foi o instrumento longo que gerou grande dificuldade para a análise dos dados, dificuldade ampliada, em parte, pela escassez de pesquisas que investigassem pressupostos informacionais em um tema tão multifacetado como é o vegetarianismo, e considerando a quantidade de dimensões trabalhadas aqui. Geralmente as pesquisas dentro da Teoria dos Domínios Sociais utilizam-se de instrumentos mais curtos, focados em um aspecto do problema de estudo.

Com base nos resultados dessa pesquisa, pode-se pensar em programas de educação que trabalhem diretamente as crenças específicas do grupo, e que sustentam o julgamento moral do indivíduo sobre determinada situação. A Teoria dos Domínios pode auxiliar o indivíduo a identificar quais aspectos estão salientes em uma situação, para si e para o próximo, considerando as características do domínio ao qual estão sujeitos e a coordenar essas questões.

A pesquisa também amplia os achados de Hussar e Harris (2009; 2018) e amparam o posicionamento a favor da ampliação do domínio moral, para incluir como critérios o "errado para todos", e o "errado para si" por causa de um compromisso moral assumido consigo, dentro do domínio moral do *self*. Além disso, encontra também os posicionamentos de tolerância embasados no entendimento de que crenças são questões de interpretação e que o fato de indivíduos poderem interpretar fatos de forma diferente leva à tolerância, ao passo que a concentração no dano ao outro está associada a menor tolerância (Wainryb et al., 1998)

Apesar dos diversos benefícios que o vegetarianismo pode proporcionar para si, para os animais e para o ambiente, é importante ter em mente que apenas o vegetarianismo não solucionará todos esses problemas. A realidade é complexa e dificilmente o homem encontrará uma panaceia, por mais que a busque constantemente. No entanto, é

importante lembrar que as soluções para essas causas pedem, às vezes, sacrifícios individuais, mas também o trabalho interdisciplinar e ações nas esferas sociopolíticas.

De todo o modo, a proposta de Jamieson (2010) de uma relação ética da humanidade com ambiente foi levantada por muitos participantes vegetarianos como um fator para sua escolha dietética, acreditando também no poder da dimensão de ação individual como meio para a mitigação dos impactos ambientais negativos e sinalização aos tomadores de decisão sobre seu posicionamento perante mudanças políticas e legislativas para a proteção ambiental, utilizando seu poder de consumo a favor de suas causas, conforme coloca Dowbor (2007). Por meio do consumo responsável apenas é que transformações sociais positivas serão geradas.

Referências

Academy of Nutrition and Dietetics. (2016). Position of the Academy of Nutrition and Dietetics: Vegetarian Diets. *Journal Of The Academy Of Nutrition And Dietetics*, 116, pp. 1970-1980.

Alho, C. J. R. Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica. *Estudos Avançados*, 26(74), 151-165.

Alves, L. G., & De Negri, S. T. (2012). Abordagem do vegetarianismo na formação do nutricionista. In: XXII Congresso Brasileiro de Nutrição e III Ibero-Americano de Nutrição, Olinda-PE. Anais do XXII Congresso Brasileiro de Nutrição e III Ibero-Americano de Nutrição. São Paulo, SP: *Revista da Associação Brasileira de Nutrição*, 4, 1808-11.

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo.* (Reto, L. A.; Pinheiro, A. Trad.). São Paulo: Edições, p. 70.

Barifouse, R. (2014, março 22). Maior crise hídrica de São Paulo expõe lentidão do governo e sistema frágil. *BBC*, Brasil. Disponível em: < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140321_seca_saopaulo_rb>. Acesso em: 25/04/2018.

BPBES - Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos. (2018). *Sumário para tomadores de decisão do relatório de avaliação da Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos*. Campinas, SP: Edição do autor.

Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Saúde Suplementar. (2018). Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico Brasil 2017. Saúde Suplementar. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2017_saude_suplementar.pdf>. Acesso em: 12/02/19.

Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos DeGrazia, D. (2009). Moral vegetarianism from a very broad basis. *Journal of Moral Philosophy*, 6, pp. 143-165.

Correia, D. M. S., Mesquita, E. T., Singh, M., Puigbonet, M. E., Rosa, M. L. G. (2016). Desafios para o cuidado da insuficiência cardíaca: pesquisa exploratória com enfermeiras em Ontario. *Journal of Research: Fundamental Care Online*, 8(4), 5150-5155. Disponível em: < http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/issue/view/229>. Acesso em: 23/01/2019.

De Backer, C. J. S., & Hudders, L. (2015). Meat morals: relationship between meat consumption consumers attitudes towards human and animal welfare and moral behavior. *Meat Science*, 99, pp. 68-74.

Devries, S., Dalen, J. E., Eisenberg, D. M., Maizes, V., Ornish, D., Prasad, A., Sierpina, V., Weil, A. T., Willett, W. (2014). A Deficiency of Nutrition Education in Medical Training. *The American Journal of Medicine*, 127(9), 804-6.

Dos Passos, E. M., Ribeiro, G. T., Poderoso, J. C. M., Costa, C. C., & Gomes, L. J. (2011). Os insetos na concepção dos alunos e professores de ciências de diferentes realidades no município de Itabaiana-SE. *Educação Ambiental em Ação*, 36. Disponível em: < http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1041>.

Dowbor, L. Consumo inteligente. In: Antas Junior, R. (org.). (2007). *Desafios do consumo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Engel Jr, M. (2016). Vegetarianism. *Encyclopedia of Global Bioethics.* Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ENGV-3>. Acesso em: 10/07/2018.

FAO - Food And Agriculture Organization of the United Nations. (2006). *Livestock's long shadow: environmental issues and options*. Roma, Itália, pp. 390.

Freitas, M. C. S., Pena, P. G. L., Fontes, G. A. V., & Silva, D.O. Hábitos alimentares e os sentidos do comer. In: Diez-Garcia, R. W.; Cervato-Mancuso, A. M. (2012). *Mudanças alimentares e educação nutricional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 35-42.

Gingo, M., Roded, A. D., & Turiel, E. (2017). Authority, Autonomy and Deception: evaluating the legitimacy of parental authoritu and adolescent deceit. *Journal of Research on Adolescence*, 27(4), 862-877.

Girardi, G. (19 de março de 2018). ONU estima 5 bilhões vivendo em risco de escassez hídrica até 2050. *Estadão*, São Paulo. Disponível em: https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,onu-estima-5-bilhoes-vivendo-em-risco-de-escassez-hidrica-ate-2050,70002232901>. Acesso em: 13/07/2018.

Greenpeace, Imaflora, Imazon, Instituto Centro de Vida, Instituto Socioambiental, IPAM, The Nature Conservancy, & WWF. (2017). *Desmatamento zero na Amazônia: como e por que chegar lá*. Disponível em: < http://imazon.org.br/publicacoes/desmatamento-zero-na-amazonia-como-e-por-que-chegar-la/>. Acesso em: 20/12/2017.

Haidt, J. (2012). *The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion*. United States: Pantheon Books.

Haidt, J., Koller, S. H., & Dias, M. G. (1993). Affect, culture, and morality, or is it wrong to eat your dog?. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(4), pp. 613-628.

Heinze, J. E., & Horn, S. S. (2014). Do adolescents' evaluations of exclusion differ based on gender expression and sexual orientation?. *Journal of Social Issues*, 70 (1), 63-80.

Hussar, K. M., & Harris, P. L. (2009). Children Who Choose Not to Eat Meat: A Study of Early Moral Decision-making. *Social Development*, 19, 3, 627-641.

Hussar, K. M., & Harris, P. L. (2018). Vegetarian and Nonvegetarian Children's Judgment of Harm to Animals and Humans. *Ecopsychology*, 10(1), 36-43.

IBGE. (2019). Brasil em síntese. Educação: anos de estudo. Disponível em: < https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/anos-de-estudo.html>. Acesso em: 18/02/2019.

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. (2012). *Dia Mundial do Vegetarianismo: 8% da população brasileira afirma ser adepta do estilo*. Disponível em: < http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/dia-mundial-do-vegetarianismo-8-da-populacao-brasileira-afirma-ser-adepta-do-estilo/>. Acesso em: 20/12/2017.

IBOPE. (2018). *14% da população se declara vegetariana*. Disponível em: < http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/14-da-populacao-se-declara-vegetariana//>. Acesso em: 04/01/2019.

Instituto CP2. (2012). *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável*. Disponível em: < http://www.mma.gov.br/images/noticias_arquivos/pdf/sumario%20executivo_pesquisabrasileiro_principais%20resultados_2012.pdf>. Acesso em: 07/05/2018.

IPBES - Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos. (2018a). *Media Release: Worsening Worldwide Land Degradation Now 'Critical', Undermining Well-Being of 3.2 Billion People*. Disponível em: <https://www.ipbes.net/news/media-release-worsening-worldwide-land-degradation-now-%E2%80%98critical%E2%80%99-undermining-well-being-32>. Acesso em: 24/04/2018.

IPBES. (2018b). *Summary for policymakers of the regional assessment report on biodiversity and Ecosystem services for the Americas of the Intergovernmental Science - Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*. Rice, J., Seixas, C.S., Zaccagnini, M.E., Bedoya, M., Gaitán, Valderrama N., Anderson, C.B., Arroyo, M.T.K., Bustamante, M., Cavender, Bares, J., Díaz de León, A., Fennessy, S., García Marquez, J.R., Garcia, K., Helmer, E.H., Herrera, B., Klatt, B., Ometo, J.P., Rodriguez Osuna, V., Scarano, F.R., Schill, S., & Farinaci, J. S. (eds.). Germany: IPBES secretariat. 1-34.

IPCC - Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas. (2014). *Climate Change 2014: Synthesis Report*. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, R.K. Pachauri and L.A. Meyer (eds.)]. IPCC: Geneva, Switzerland. p. 151.

Jabs, J., Devine, C.M., & Sobal, J. (1998). Model of the process of adopting vegetarian diets: health vegetarians and ethical vegetarians. *Journal of Nutrition Education*, 30(4), pp. 196-203.

Jamieson, D. (2010). *Ética & meio ambiente*: *uma introdução.* Editora Senac: São Paulo. p. 334.

Kanda, D., & Rozário, M. (2017, abril 12). Mercado vegetariano: confira as principais mudanças do ramo no Brasil. IG, *Brasil Econômico*. Disponível em: < http://economia.ig.com.br/2017-04-12/mercado-vegetariano.html>. Acesso em: 20/12/2017.

Katz, D. L. (2018). The truth about food. Why pandas eat bamboo, and people get bamboozled. New York. pp. 752.

Killen, M., & Smetana, J.G. (2015). Origins and development of morality. In: Lamb, M. E. (Ed.). *Handbook of child psychology and developmental science*, 3, 7th edition. NY: Wiley-Blackwell. pp. 701-749.

Kohlberg, L. (1984). Moral stages and moralization: The cognitive developmental approach. In: Kohlberg, L. (Ed.). *The psychology of moral development: The nature and validity of moral stages* (Cap. 2, pp. 170-205). San Francisco: Harper & Row.

Lovejoy, T. E., & Nobre, C. (2018). Amazon Tipping Point. In: *Science Advances*, 4(2), (p. 2). Washington, DC: American Association for the Advancement of Science. Disponível em: http://advances.sciencemag.org/content/4/2/eaat2340/tab-pdf. Acesso em: 20/04/2018.

Metzger, A., Babskie, E., Olson, R., & Romm, K. (2016). A Social Domain Approach to Informant Discrepancies in Parental Solicitation and Family Rules. *J Youth Adolescence*, 45, 2138-2150.

Moreno, A. C. (2013). *Calouro da USP desafia preconceito e veste saia para ir à faculdade: Vitor Pereira, de 20 anos, aderiu ao hábito já cultivado por outros alunos. Jovem recebeu comentários ofensivos em rede social.* São Paulo, G1, Educação. Recuperado em 9 de abril, 2018, de http://glo.bo/16Da86G .

Nucci, L. (1981). Conceptions of Personal Issues: A Domain Distinct from Moral or Societal Concepts. *Child Development*, 52(1), pp. 114-121.

Nucci, L. (2000). Psicologia moral e educação: para além de crianças “boazinhas”. *Educação e Pesquisa*, 6(2), pp. 71-89.

Nucci, L. The personal and the Moral. In: Killen, M. & Smetana, J. G. (Eds.). (2014). *Handbook of moral development* (2nd Edition). New York, NY: Psychology Press.

Nucci, L., & Turiel, E. (1993). God's word, religious rules, and their relation to Christian and Jewish children's concepts of morality. *Child Development*, 64(5), pp. 1475-1491.

Nucci, L., & Turiel, E. (2009). Capturing the complexity of moral development and education. *Mind, Brain and Education*, 3(3), pp. 151-159.

PAHO – Pan American Health Organization. (2017). Health in the Americas+, 2017 edition. Summary: Regional outlook and Country Profiles. Washington, DC.: PAHO. pp. 244.

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança.* São Paulo: Summus Editorial. p. 34.

Pontes, N., & Welle, D. (2017, agosto 24) A máquina que move o desmatamento da Amazônia. G1, *Natureza*. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/a-maquina-que-move-o-desmatamento-da-amazonia.ghtml>. Acesso em: 20/12/2017.

Post, D., & Meng, Y. (2018). Does schooling foster environmental values and action? A cross-national study of priorities and behaviors. *International Journal of Educational Development*, 60, pp. 10-18.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2nd Ed.). Novo Hamburgo, Feevale.

Rezende, L. F. M. de, Arnold, M., Rabacow, F. M., Levy, R. B., Claro, R. M., Giovannucci, E., & Eluf-Neto,J. (2018). The increasing burden of cancer attributable to high body mass index in Brazil. *Cancer Epidemiology*, 54, 63-70.

Rimal, A. P. (2002). Factors affecting meat preferences among American consumers. *Family Economics and Nutrition* Review, 14(2), pp. 36-43.

Rothgerber, H. (2014a). Efforts to overcome vegetarian-induced dissonance among meat eaters. *Appetite*, 79, pp.32-41.

Rothgerber, H. (2014b). A comparison of attitudes toward meat and animals among strict and semi-vegetarians. *Appetite*, 72, pp. 98-105.

Rothgerber, H., & Mican, F. (2014). Childhood pet ownership, attachment to pets, and subsequent meatavoidance. The mediating role of empathy toward animals. *Appetite, 79*, pp. 11-17.

Rozin, P. (1976). The selection of foods by rats, humans, and other animals. In: Rosenblatt, J., Hinde, R. A., Beerand, C., Shaw, C. E. (eds.). *Advances in the study of behavior*, 6, pp. 21-76.

Rozin, P. (1999). The process of moralization. *Psychological Science*, 10(3), pp. 218-221.

Rozin, P., Markwith, M., & Stoess, C. (1997). Moralization and becoming a vegetarian: the transformation of preferences into values and the recruitment of disgust. *Psychological sciences*, 8 (2), pp. 67-73.

Ruby, M. B. (2012). Vegetarianism - A blossoming field of study. *Appetite*, 58, pp. 141-150.

Ruby, M. B., & Heine, S. J. (2011). Meat, morals and masculinity. *Appetite*, 56, pp. 447-450.

Ruby, M. B., & Heine, S. J. (2012). Too close to home. Factors predicting meat avoidance. *Appetite*, 59, pp. 47-52.

Ruby, M. B., & Heine, S. J. (2011). Meat, morals and masculinity. *Appetite*, 56, pp. 447-450.

Ruby, M. B., Heine, S. J., Kamble, S., Cheng, T. K., & Waddar, M. (2013). Compassion and contamination. Cultural differences in vegetarianism. *Appetite*, 71, pp. 340-348.

Silva, T. F. da P., & Costa Neto, E. M. (2004). Percepção de insetos por moradores da comunidade Olhos d'Água, município de Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia, Brasil. *Boletín de la S.E.A* , 35, pp. 261-8.

Slywitch, E. (2018). *Tudo o que você precisa saber sobre Nutrição Vegetariana* (2ª Edição). Sociedade Vegetariana Brasileira. Disponível em: < https://www.svb.org.br/publicacoes/livros>. Acesso em: 21/01/2019.

Smetana, J. G. (1999). The role of parents in moral development: A social domain analysis. *Journal of Moral Education*, 28(3), pp. 311-321.

Smetana, J. G. Moral development: the social domain theory view. In: Zelazo, P. D. (Ed.). (2013). *The Oxford Handbook of Developmental Psychology*. v.1. Body and mind. New York: Oxford University Press. pp. 832-863.

Smetana, J. G., Ahmad, I., & Wray-Lake, L. (2015). Iraqi, Syrian, and Palestinian refugee adolescents' beliefs about parental authority legitimacy and its correlates. *Child Development*, 86(6), pp. 2017-2033.

Smetana, J. G., & Asquith, P. (1994). Adolescents' and Parents' conceptions of parental authority and personal autonomy. *Child Development*, 65, pp. 1147-1162.

Smetana, J. G. Social domain theory: consistencies and variations in children's moral and social judgments. In: Killen, M. & Smetana, J. G. (Eds.). (2006). *Handbook of moral development*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

Smetana, J. G., Jambon, M., & Ball, C. The social domain approach to children's moral and social judgments. In: Killen, M., & Smetana, J. G. (Eds.). (2014). *Handbook of moral development* (pp. 23-45). New York, NY: Psychology Press.

Springman, M., Clark, M., Mason-D'Croz, D., Wiebe, K., Bodirsky, B. L., Lassaletta, L., Vries, W. de, Vermeulen, S. J., Herrero, M., Carlson, K. M., Jonell, M., Troell, M., DeClerk, F., Gordon, L. J., Zurayk, R., Scarborough, P., Rayner, M., Loken, B., Fanzo, J., Godfray, H. C. J., Tilman, D., Rockström, J., & Willett, W. (2018). Options for keeping the food system within environmental limits. *Nature*, 562, 519-25.

SVB – Sociedade Vegetariana Brasileira. (2017). *Segunda Sem Carne do Brasil é a maior do mundo*. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2456-segunda-sem-carne-do-brasil-e-a-maior-do-mundo>. Acesso em: 20/02/2019.

Tantamango-Bartley, Y., Jaceldo-Siegl, K., Fan, J., & Fraser, G. (2013). Vegetarian Diets and the Incidence of Cancer in a Low-risk Population. *Cancer Epidemiology, Biomarkers & Prevention*. 22(2), pp. 286-294.

Temple, N. J. (1999). Survey of Nutrition Knowledge of Canadian Physicians. *Journal of the American College of Nutrition*, 18(1), 26-9.

Tomazela, J. M. (2018, dezembro 05). Morte de cachorro agredido por funcionário gera revolta contra o Carrefour. *Estadão*, Disponível em: https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,morte-de-cachorro-agredido-por-funcionario-gera-revolta-contra-o-carrefour,70002633223. Acesso em: 11/01/2019.

Turiel, E. (1983). *The development of social knowledge: morality and convention*. Cambridge: Cambridge University Press.

Turiel, E. (1989). Dominios y categorías en el desarrollo cognitivo y social. In: Turiel, E., Arana, I. E., & Iglesias, J. L. L. (Coord.). *El mundo social en la mente infantil.* Espanha: Alianza Editorial. pp. 37-70.

Turiel, E., & Wainryb, C. (2000). Social life in cultures: judgments, conflict, and subversion. *Child Development*, 71(1), pp. 250-256.

UN-Water - Programa das Nações Unidas para a Avaliação Mundial dos Recursos Hídricos. (2016). *Relatório Mundial das Nações Unidas sobre Desenvolvimento dos Recursos Hídricos: água e emprego, fatos e números*. pp. 12.

Vallejo, J. R., & González, J. A. (2015). Los anfibios en la medicina popular española, la farmacopea de Plinio y el Dioscórides. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 22(4), pp. 1283-319. Disponível em: < https://goo.gl/gPK6bt>.

Vetter, M. L., Herring, S. J., Sood, M., Shah, N. R., Kalet, A. L. (2008). What Do Resident Physicians Know about Nutrition? An Evaluation of Attitudes, Self-Perceived Proficiency and Knowledge. *The Journal of the American College of Nutrition*, 27(2), 287-98.

Villanueva, X., Villarroel, J. D., & Antón, A. (2018). Environmental Awareness and Its relationship with the concept of the Living Being: A Longitudinal Study. *Sustainability*, 10(7), pp. 1-10.

Villarroel, J. D. (2013). Environmental judgement in early childhood and its relationship with the understanding of the concept of living beings. *SpringerPlus*, 2(87), pp. 1-13.

Wainryb, C. (1991). Understanding differences in moral judgements: the role of informational assumptions. *Child Development*, 62, pp. 840-51.

Wainryb, C., Shaw, L., Maianu, C. (1998). Tolerance and intolerance: Children's and adolescents' judgments of dissenting beliefs, speech, persons, and conduct. *Child Development*, 69(6), 1541-1555.

Wainryb, C., & Turiel, E. (1993). Conceptual and informational features in moral decision making. *Educational Psychologist*, 28(3), pp. 205-18.

World Health Organization. (1 de junho de 2018a). Noncommunicable diseases. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/noncommunicable-diseases >. Acesso em: 12/02/2019.

World Health Organization. (2018b). The European Health Report 2018. More than numbers, evidence for all. Highlights. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/publications/key-publications>. Acesso em: 12/02/2019.

Worsley, A., & Skrzypiec, G. (1998). Teenage vegetarianism: prevalence, social and cognitive contexts. *Appetite*, 30, pp. 151-170.

WWF-Brasil, & SOS Pantanal. (2015). *Monitoramento das alterações da cobertura vegetal e uso do Solo na Bacia do Alto Paraguai – Porção Brasileira – Período de Análise: 2012 a 2014*. p. 66. Disponível em:< https://www.sospantanal.org.br/atlas>. Acesso em: 20/12/2017.

Apêndice A

Questionário Dietético

Olá! Você está convidado a participar da pesquisa "Juízo Moral e Pressupostos Informacionais: a questão do consumo de carne". O objetivo deste questionário é identificar os fatores mais frequentemente envolvidos na escolha dietética dos brasileiros, no que diz respeito, principalmente, ao consumo de carnes. Para responder ao questionário você não precisa se identificar, e não existem respostas certas ou erradas para as perguntas. Sua participação é livre, voluntária, e muito importante! É possível que você sinta algum desconforto ao responder às perguntas, e, caso isso ocorra, entre em contato com o e-mail questionario.dietetico@gmail.com. O tempo de resposta pode variar entre 10 e 35 minutos, aproximadamente, dependendo do quanto você tem a dizer sobre os importantes temas abordados! Muito obrigada! *[23]

( ) Eu aceito participar da pesquisa!

Questionário Socioeconômico

1) Qual a sua nacionalidade? *
( ) Brasileira
( ) Other: _____

2) Onde mora? (País, estado, cidade)*

3) Qual seu sexo? *
( ) Feminino
( ) Masculino

4) Qual a sua idade?*

2) Qual o seu nível de escolaridade? *
3)
( ) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário).
( ) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).
( ) Ensino Médio Incompleto.
( ) Ensino Médio Completo.
( ) Ensino Superior Incompleto.
( ) Ensino Superior Completo.
( ) Pós-Graduação.

6) Somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? *
( ) Nenhuma renda.
( ) Até 1 salário mínimo (R$ 937,00).

[23] O asterisco identifica as perguntas que deveriam ser respondidas obrigatoriamente. Respostas que não assinalaram não foram computadas.

( ) De 1,01 a 3 salários mínimos (de R$ 937,01 até R$ 2.811,00).
( ) De 3,01 a 6 salários mínimos (de R$ 2.811,01 até R$ 5.622,00).
( ) De 6,01 a 9 salários mínimos (de R$ 5.622,01 até R$ 8.433,00).
( ) De 9,01 a 12 salários mínimos (de R$ 8.433,01 até R$ 11.244,00).
( ) De 12,01 a 15 salários mínimos (de R$ 11.244,01 até R$ 14.055,00).
( ) Mais de 15,01 salários mínimos (mais de R$ 14.055,01).

7) Qual a sua religião? *
( ) Ateu.
( ) Sem religião.
( ) Católica.
( ) Protestante ou Evangélica.
( ) Adventista.
( ) Judaica.
( ) Islâmica.
( ) Espírita.
( ) Umbandista.
( ) Candomblé.
( ) Budista.
( ) Hare Krishna.
( ) Other: _____

Questionário Dietético

8) Assinale a opção que mais se aproxima de sua dieta típica: *[24]
( ) Onívora (come alimentos de origem animal e vegetal).
( ) Não consumo de carnes apenas em dias específicos da semana (por exemplo, segundas sem carne).
( ) Não consumo de certos tipos de carnes (por exemplo, alimenta-se de peixe, mas não de carne bovina).
( ) Ovolactovegetariana (come alimentos de origem vegetal, leite e derivados, e ovos, mas não consome carnes de boi, peixe e aves).
( ) Lactovegetariana (come alimentos de origem vegetal, leite e derivados, mas não consome ovos e carnes).
( ) Ovovegetariana (come alimentos de origem vegetal, ovos, mas não consome carnes de boi, peixe, aves, nem leite e derivados).
( ) Vegana (não consome qualquer produto que tenha precedência animal).

9) Quais os motivos que o/a levam a adotar sua dieta atual? *
Elenque o maior número de motivos que conseguir.

Juízo e o Consumo de Carne (não vegetarianos)[25]

1.a.) Comer carne para você é: *
_____

[25] Responderam esta seção do questionário aqueles que assinalaram as opções dietéticas da questão 8: onívora; não consumo de carnes apenas em dias específicos da semana, e não consumo de certos tipos de carnes.

( ) Certo.
( ) Errado.
( ) Nem certo, nem errado.

1.b.) Por quê?

2) Se uma figura de referência da sua religião lhe dissesse que não consumir carne é uma forma de purificação do corpo e do espírito, você cortaria o alimento da sua dieta?*
( ) Sim.
( ) Talvez.
( ) Não.
( ) Sou ateu/não tenho religião.

3) Ao ir a um evento social, quão importante é para você que sejam oferecidos alimentos com opções carnívoras?*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante											Muito Importante

4) Quão difícil seria para você ficar um dia, toda semana, sem consumir carne (por exemplo, não comer carne todas as quartas-feiras)? *

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Difícil											Muito Difícil

Juízo e o Consumo de Carne (vegetarianos)[26]

1) Comer carne para você é: *
( ) Certo.
( ) Errado.
( ) Nem certo, nem errado.

1.b.) Por quê? *

2) Se uma figura de referência da sua religião lhe dissesse que consumir carne é uma forma de purificação do corpo e do espírito, você adicionaria o alimento a sua dieta? *
( ) Sim
( ) Talvez
( ) Não

[26] Responderam esta seção do questionário aqueles que assinalaram as opções dietéticas: ovolactovegetariana; lactovegetariana; ovovegetariana; vegana.

( ) Sou ateu/não tenho religião.

3.) Se profissionais da saúde (por exemplo, médicos e nutricionistas) lhe prescrevessem a inclusão imediata de consumo de carnes, você seguiria a recomendação? *

( ) Sim
( ) Talvez
( ) Não

4.) Se fosse comprovado cientificamente que uma dieta carnívora gera menos danos ambientais do que uma dieta vegetariana/vegana, você mudaria de dieta? *
( ) Sim
( ) Não
( ) Talvez

5.) Se todas as carnes que chegam aos mercados fossem de animais criados livremente, e mortos por causas naturais, o consumo dessa carne seria: *
( ) Certo.
( ) Errado.
( ) Nem certo, nem errado.

6.) Se você estivesse perdido em uma ilha deserta, onde os únicos alimentos possíveis fossem peixes e pequenos animais, você abandonaria naquele momento sua dieta vegetariana/vegana? *

( ) Sim
( ) Não
( ) Talvez

Apêndice B

Uma pesquisa eliminada pelo título foi “Compassion and contamination. Cultural differences in vegetarianismo” por Ruby et al. (2013), pesquisa que já estava incluída na revisão de literatura deste trabalho (seção 2), e que utiliza outro referencial teórico para investigar o vegetarianismo. Outro exemplo foi a pesquisa “Macroeconomic Causes and Effects of Noncommunicable Disease: The Case of Diet and Obesity” de Shankar, Mazzocchi e Traill (2014).

Quando o título não era suficiente para a identificação do tema e abordagem, a leitura do resumo era conduzida. Por exemplo, o título da pesquisa “Compensating the dead” (MarcFleurbaey, Leroux & Ponthiere, 2014) não fornecia muitos elementos sobre o conteúdo da pesquisa, mas seu resumo revelou que o objeto de investigação tratava perdas precoces e propunha um modelo matemático econômico considerando preferências e longevidades.

Um exemplo de triagem que necessitou de todos os passos foi “Young children think you can opt out of social-conventional but not moral practice” por Josephs e Rakoczy (2016). O título e o resumo não permitiram a certeza de que o trabalho não aborda o vegetarianismo, consumo de carne, ou a escolha dietética. A leitura do texto completo revelou que o estudo utilizou a Teoria dos Domínios como referencial, mas não tinham como objetivos, nem como método nada relacionado àqueles temas. Eles utilizaram blocos e um boneco para criar situações de violação de regras convencionais (quebrou a regra de um jogo) e morais (destruição de propriedade alheia).

REFERÊNCIAS

Josephs, M., & Rakoczy, H. (2016). Young children think you can opt out of social-conventional but not moral practice. *Cognitive Development*, 39, 197-204.

Ruby, M. B., Heine, S. J., Kamble, S., Cheng, T. K., & Waddar, M. (2013). Compassion and contamination. Cultural differences in vegetarianism. *Appetite*, 71, pp. 340-348.

Shankar, B., Mazzocchi, M., & Traill, W. B. (2014). Macroeconomic Causes and Effects of Noncommunicable Disease: The Case of Diet and Obesity. *Encyclopedia of Health Economics*, 160-4.